



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROFARTES)**

**KLAUDIANA VIANA TORRES**

**UMA CASA, UMA SALA, UM PONTO, UMA LINHA E UM CONTO:  
NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DESENHADAS ENTRE UMA  
PROFESSORA ARTISTA E CRIANÇAS DE 6º ANOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA  
EM CAUCAIA-CE**

**FORTALEZA**

**2023**

KLAUDIANA VIANA TORRES

UMA CASA, UMA SALA, UM PONTO, UMA LINHA E UM CONTO:  
NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DESENHADAS ENTRE UMA PROFESSORA  
ARTISTA E CRIANÇAS DE 6º ANOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CAUCAIA-CE

Dissertação apresentada ao Mestrado  
Profissional em Artes da Universidade Federal  
do Ceará, como requisito parcial à obtenção do  
título de Mestre. Área de concentração: Ensino  
de Artes.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciane Germano  
Goldberg.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

T645c Torres, Klaudiana Viana.

Uma casa, uma sala, um ponto, uma linha e um conto : narrativas (auto)biográficas desenhadas entre uma professora artista e crianças de 6º anos de uma escola pública em Caucaia-CE / Klaudiana Viana Torres. – 2023.

126 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Mestrado Profissional em Artes, Fortaleza, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

1. Arte no ensino fundamental. 2. Desenho. 3. Narrativa (auto)biográfica com crianças. 4. Arte na escola pública. I. Título.

CDD 700

---

KLAUDIANA VIANA TORRES

UMA CASA, UMA SALA, UM PONTO, UMA LINHA E UM CONTO:  
NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DESENHADAS ENTRE UMA PROFESSORA  
ARTISTA E CRIANÇAS DE 6º ANOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CAUCAIA-CE

Dissertação apresentada ao Mestrado  
Profissional em Artes da Universidade Federal  
do Ceará, como requisito parcial à obtenção do  
título de Mestre. Área de concentração: Ensino  
de Artes.

Aprovada em 28/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciane Germano Goldberg (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Alexandre Santiago da Costa

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Wendel Alves de Medeiros

Instituto Federal do Ceará (IFCE)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ser uma sobrevivente da pandemia da Covid-19. Agradeço a meu pai e à minha mãe que tão bem me acolheram e voltei a ter o mesmo convívio de quando criança, sendo cuidada e agora, sobretudo, cuidando com um olhar de admiração ao oco do meu sertão.

Agradeço aos meus queridos alunos por despertarem em mim o desejo de apreciá-los mais. Agradeço à Luciane Germano Goldberg que apareceu na minha vida não apenas como orientadora, mas como sendo realmente uma montanha de ouro que reluz conhecimento, acolhimento e afeto.

Agradeço a todos os bichos que me convidaram a apreciar suas poses em noites claras e aos familiares, amigos e amores que se fazem presentes aqui.

## RESUMO

Esta dissertação aborda sobre a experiência de uma professora artista em formação com seus alunos de 6º anos da Escola Pública Flávio Portela Marcílio, no município de Caucaia – Ce, durante a pandemia da Covid-19, no modo remoto na disciplina de Artes. Objetiva construir um diálogo (auto)biográfico entre professora e alunos através do desenho (Mèredieu, 2004; Derdyk, 1989) e identificar os elementos que lhes conferem identidade social, cultural e pessoal para a construção de um conto autobiográfico. No aspecto metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa (Deslandes, 1992; Minayo, 2001) caracterizada como uma pesquisa (auto)biográfica (Delory-Momberger, 2012; Goldberg, 2019, 2021; Passeggi, 2014, 2018) que propõe o diálogo entre a produção de narrativas autobiográficas desenhadas entre a professora/artista e os estudantes, compondo um *corpus* a partir dos desenhos de oito alunos que foram mais assíduos e participativos nas aulas. A produção de dados se deu através de diário de bordo, áudios, fotografias e, principalmente, desenhos. Para chegar ao nosso objetivo geral e a inserção como mediadora em nível de igualdade entre professora e alunos, e para potencializar um encontro no espaço da sala de aula virtual fomentando uma relação de autoconhecimento e troca de experiências, foi criada a narrativa (auto)biográfica desenhada da professora da infância até os dias atuais, que foi o mote de diálogo e interação com a turma. Investigamos, através dos desenhos produzidos pelos alunos, os elementos que expressam e constituem suas identidades sociais, culturais e históricas. No diálogo (auto)biográfico construído entre professora e alunos foi relevante a existência de desenhos, os quais mostraram uma diversidade étnica e a predominância da religião católica. Foi possível observar também a situação precária em que na maioria das casas, mora mais de uma família e que apesar das necessidades econômicas e da dor advinda da pandemia da Covid-19, o que mais marcou os desenhos foi a felicidade expressa. Inspirada nestes desenhos a professora construiu um conto no qual narra a história de cada aluno(a) reforçando o tempo e espaço onde ela acontece, dando ênfase aos recortes identitários destes. Como resultados observamos a importância deste encontro transgeracional entre professora e alunos(as) identificando os elementos que existem em comum e os que se divergem na criança do passado da professora e do aluno, que é criança agora. Apesar do direcionamento que as crianças tiveram observou-se, muitas vezes, o silenciamento da fala devido ao ambiente repleto de adultos, porém o que foi silenciado na fala foi expresso através do desenho, conferindo a esta linguagem sua importância expressiva e a necessidade de se valorizar e incentivar o desenho no ensino fundamental II, momento em que a grande maioria das crianças para de desenhar. Conclui-se, também, que apesar das dificuldades em ministrar encontros

remotos, as aulas de Artes foram encontros felizes, pois a dimensão autobiográfica criou vínculos de afeto entre professora e alunos, espaço precioso de diálogo e troca de experiências subjetivas tendo o desenho como elemento formativo e elo de comunicação e construção de si, dando significado ao vivido mesmo em momentos tão difíceis.

**Palavras-chave:** arte no ensino fundamental; desenho; narrativa (auto)biográfica com crianças; arte na escola pública.

## ABSTRACT

This dissertation discusses about the experience of an artist teacher in training with her 6th year students of the Flávio Portela Marcílio Public School, in the municipality of Caucaia - Ce, Brazil, during the Covid-19 pandemic, in remote mode in the discipline of Arts. It aims to build a (auto)biographical dialogue between teacher and students through drawing (Mèredieu, 2004; Derdyk, 1989) and identify the elements that give them social, cultural and personal identity for the construction of an autobiographical tale. In the methodological aspect, it is a qualitative research (Deslandes, 1992; Minayo, 2001) characterized as a (auto)biographical research (Delory-Momberger, 2012; Goldberg, 2019, 2021; Passeggi, 2014, 2018) that proposes the dialogue between the production of autobiographical narratives drawn between the teacher/artist and the students, composing a *corpus* from the drawings of eight students who were more assiduous and participative in the classes. The production of data was through logbook, audios, photographs and, mainly, drawings. To reach our general goal and the insertion as a mediator at the level of equality between teacher and students, and to enhance a meeting in the space of the virtual classroom fostering a relationship of self-knowledge and exchange of experiences, the narrative was created (self)biographical drawing of the teacher from childhood to the present day, which was the motto of dialogue and interaction with the class. We investigate, through the drawings produced by the students, the elements that express and constitute their social, cultural and historical identities. In the (auto)biographical dialogue built between teacher and students was relevant the existence of drawings, which showed an ethnic diversity and the predominance of the Catholic religion. It was also possible to observe the precarious situation in which in most homes more than one family lives and that despite the economic needs and the pain arising from the Covid-19 pandemic, what most marked the drawings was the happiness expressed. Inspired by these drawings the teacher built a tale in which narrates the story of each student reinforcing the time and space where it happens, emphasizing the identity clippings of these. As results we observed the importance of this transgenerational encounter between teacher and students identifying the elements that exist in common and those that diverge in the child's past teacher and student, who is now a child. Despite the direction that children had, it was often observed the silencing of speech due to the environment full of adults, but what was silenced in speech was expressed through drawing, giving this language its expressive importance and the need to value and encourage drawing in elementary school II Brazilian, when most children stop drawing. It is also concluded that

despite the difficulties in conducting remote meetings, the Arts classes were happy meetings, because the autobiographical dimension created bonds of affection between teacher and students, precious space of dialogue and exchange of subjective experiences having drawing as a formative element and link of communication and construction of itself, giving meaning to the lived even in such difficult moments.

**Keywords:** art in elementary school; drawing, (auto)biographical narrative with children; art in public schools.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O nascimento.....	21
Figura 2 - A família.....	21
Figura 3 - Uma casa.....	22
Figura 4 - A chuva no sertão.....	23
Figura 5 - Cacimba.....	23
Figura 6 - Banho de açude.....	24
Figura 7 - Água que cura.....	25
Figura 8 - Duas irmãs e uma estampa.....	26
Figura 9 - Pontos de mãe.....	27
Figura 10 - Linhas de mãe.....	28
Figura 11 - Uma casa com sala de aula dentro.....	29
Figura 12 - Palavras trancadas e palavras que voam.....	30
Figura 13 - Casa e montanha.....	32
Figura 14 - Olhos de bicho no escuro 1.....	33
Figura 15 - Olhos de bicho no escuro 2.....	33
Figura 16 - Coruja.....	35
Figura 17 - Tintas para que te quero.....	36
Figura 18 - Capoeira.....	37
Figura 19 - Portas e papéis.....	38
Figura 20 - Cor em espiral.....	39
Figura 21 - Beleza de frutas e gosto de estampas.....	40
Figura 22 - Vaso estampado de flor.....	42
Figura 23 - Gato amarelo, pássaro e pavão do sertão.....	43
Figura 24 - A menina e os olhos meus.....	44
Figura 25 - Disciplina História de Vida em Formação. Print de tela.....	48
Figura 26 - Janela para os outros.....	49
Figura 27 - Fazenda Marruás.....	50
Figura 28 - Antiga sala de aula rural.....	51
Figura 29 - A primeira professora.....	52
Figura 30 - Disciplina de Arte Educação. Print de tela.....	53
Figura 31 - Grupo de Arte Educação.....	54
Figura 32 - Um São João a distância. Print de tela.....	54

Figura 33 - Lembrete da Linha do Tempo .....	55
Figura 34 - Uma casa com sala de aula dentro .....	56
Figura 35 - Janela para os outros 2. Print de tela.....	58
Figura 36 - Janela para os outros 3. Print de tela.....	60
Figura 37 - Bichos entre nós. Print de tela.....	63
Figura 38 - Maria Isabel Lima dos Santos, 6º ano A/ Desenho 2.....	72
Figura 39 - Maria Larissa Semente, 6º ano A/ Desenho 2.....	73
Figura 40 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 2.....	74
Figura 41 - Matheus Gabriel da Silva Costa/Desenho 2.....	75
Figura 42 - Karen Cristina Pereira/Desenho 2 .....	76
Figura 43 - Yan Pietro de Nojosa Alves, 6º ano D/Desenho 3.....	77
Figura 44 - Karen Cristina, 6º ano A/ Desenho 3 .....	78
Figura 45 - Lumenna Vitoria dos Santos Andrade, 6º ano B/Desenho 3.....	78
Figura 46 - Maria Isabel Lima dos Santos, 6º ano A/ Desenho 3.....	79
Figura 47 - Natasha Helen Moreira, 6º ano B/ Desenho 3 .....	80
Figura 48 - Matheus Gabriel da Silva Costa, 6º ano A/ Desenho 3.....	81
Figura 49 - Yago Rodrigues Veras, 6º ano B/ Desenho 5.....	83
Figura 50 - Maria Isabel Lima dos Santos, 6º ano A/ Desenho 5.....	84
Figura 51 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 5.....	84
Figura 52 - Yago Rodrigues Veras/Desenho 4.....	85
Figura 53 - Maria Isabel Lima dos Santos/Desenho 4.....	86
Figura 54 - Natasha Helen Moreira, 6º ano A/ Desenho 4.....	87
Figura 55 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 6.....	88
Figura 56 - Karen Cristina Pereira Gonçalves/Desenho 2 .....	89
Figura 57 - Matheus Gabriel da Silva Costa/Desenho 6.....	90
Figura 58 - Karen Cristina Pereira Gonçalves, 6º ano A/ Desenho 1 .....	91
Figura 59 - Maria Isabel Lima dos Santos, 6º A/Desenho 7.....	92
Figura 60 - Desenho de Natasha Helen Moreira, 6º A/Desenho 1 .....	92
Figura 61 - Natasha Helen Moreira, 6º ano A/Desenho 2.....	93
Figura 62 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa, 6º ano D/ Desenho 7 .....	94
Figura 63 - Matheus Gabriel da Silva Costa, 6º ano A/ Desenho 7.....	94
Figura 64 - Maria Isabel, 6º ano A / Desenho 1 .....	96
Figura 65 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 1 .....	97
Figura 66 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 2.....	98

Figura 67 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 5 .....	98
Figura 68 - Maria Larissa Semente Bezerra, 6º ano A/Desenho 7 .....	99
Figura 69 - Yago Rodrigues Veras, 6º ano B/ Desenho 7.....	100
Figura 70 - Karen Cristina Pereira Gonçalves, 6º ano A/ Desenho 6 .....	102
Figura 71 - Karen Cristina Pereira Gonçalves. 6º ano A/Desenho 3 .....	105
Figura 72 - Karen Cristina Pereira Gonçalves. 6º ano A/Desenho 2 .....	106
Figura 73 - Maria Isabel Lima dos Santos. 6º ano A/Desenho 7.....	107
Figura 74 - Maria Isabel Lima dos Santos. 6º ano A/Desenho 7.....	108
Figura 75 - Maria Isabel Lima dos Santos. 6º ano A/Desenho 3 .....	108
Figura 76 - Maria Isabel Lima dos Santos. 6º ano A/Desenho 2.....	109
Figura 77 - Lumena Vitoria S. Andrade. 6º ano b/Desenho 7.....	110
Figura 78 - Lumena Vitoria dos S. De Andrade. 6º ano B/Desenho 7 .....	110
Figura 79 - Lumena Vitoria dos S. De Andrade. 6º ano B/Desenho 7 .....	111
Figura 80 - Matheus Gabriel da Silva Costa, 6º ano A/ Desenho D5.....	111
Figura 81 - Matheus Gabriel da Silva Costa, 6º ano A/ Desenho 3.....	112
Figura 82 - Natasha Helen Moreira dos Santos, 6º ano A/ Desenho 2 .....	113
Figura 83 - Natasha Helen Moreira dos Santos, 6º ano A/ Desenho 3 .....	114
Figura 84 - Natasha Helen Moreira dos Santos, 6º ano A/ Desenho 4 .....	115
Figura 85 - Yan Pietro de Nojosa Alves, 6º ano A/ Desenho 3 .....	116
Figura 86 - Yan Pietro de Nojosa Alves, 6º ano A/ Desenho 2.....	117
Figura 87 - Yan Pietro de Nojosa Alves, 6º ano A/ Desenho 3.....	118
Figura 88 - Maria Larissa Semente Bezerra, 6º ano A/Desenho 7 .....	118
Figura 89 - Yago Rodrigues Veras, 6º ano B/ Desenho 7.....	119

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: COMO SURGEM AS TRILHAS DA PESQUISA .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>UMA CASA: HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA ARTISTA ..</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>UMA SALA: DA LOUSA DE CIMENTO À LOUSA DIGITAL .....</b>	<b>46</b>
<b>3.1</b>	<b>A lousa digital e o contágio da arte .....</b>	<b>57</b>
<b>3.2</b>	<b>A sala de aula virtual e sua relação com o desenho .....</b>	<b>59</b>
<b>3.3</b>	<b>Janela para os outros .....</b>	<b>61</b>
<b>4</b>	<b>UM PONTO, UMA LINHA E UM CONTO: NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DESENHADAS POR PROFESSORA E ALUNOS DE 6º ANOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CAUCAIA-CE.....</b>	<b>64</b>
<b>4.1</b>	<b>Histórias desenhadas .....</b>	<b>70</b>
<b>4.2</b>	<b>Casas .....</b>	<b>76</b>
<b>4.3</b>	<b>Árvores genealógicas .....</b>	<b>82</b>
<b>4.4</b>	<b>Melhor amigo .....</b>	<b>88</b>
<b>4.5</b>	<b>Autorretrato.....</b>	<b>90</b>
<b>4.6</b>	<b>O conto: uma professora de artes no sertão .....</b>	<b>104</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>120</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>124</b>

## 1 INTRODUÇÃO: COMO SURGEM AS TRILHAS DA PESQUISA

As trilhas desta pesquisa se encontram em sala de aula, onde propomos investigar sobre o diálogo autobiográfico entre uma professora artista e seus alunos do 6º ano na escola pública. Sou artista plástica e professora de Artes do Ensino Fundamental II, na rede municipal de Caucaia-CE, há 13 anos. Desde 2012, sou ilustradora de livros infantis do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC) do estado do Ceará, que é uma coleção literária rica em identidade cultural, pois reúne narrativas de autores do Ceará e constitui um estímulo a mais para se ler e contar histórias em sala de aula nas turmas do Infantil e dos Anos Iniciais. Para esta coleção já illustrei cinco livros, um deles, é de minha autoria: **Brincar de Quê?** (2012), **Iracema Curuminha** (2013), **Arraial da Bicharada** (2015), **O Rei e a Flor Amarela** – de minha autoria (2015), e **Zé Cassimiro, o Vaqueiro** (2018).

Produzir pinturas diversas já faz parte do meu cotidiano. Desde criança, procuro desenvolver essa técnica, num exercício quase diário. No curso de Artes Plásticas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, a disciplina de pintura sempre foi a minha predileta, assim, ao final do curso, desenvolvi o Relatório Técnico “Pega com Teus Olhos: experimentos tridimensionais em pintura”; na busca constante de ampliar meu conhecimento e aperfeiçoamento na técnica da pintura e nos conceitos trabalhados. A escrita também foi e é constante na minha produção artística e sempre gostei de escrever cartas, poesias sobre cartões, sobre telas, com tintas e sobre tintas, conseguindo um resultado de sobreposição de cores, de alto e baixo relevo. Escrever, assim como desenhar e pintar, sempre deram força e sentido ao meu pensamento. A forma que usamos ou silenciemos as palavras, acaba por definir o que somos e o que sentimos.

Em 2015, senti a necessidade de materializar o sentimento *amor* em palavras, disso resultou numa história infantil, autobiográfica. Ao me deparar com o resultado, que acreditava estar finalizado, pensei em compartilhar com algumas pessoas e escolhi meus alunos, que são muito presentes no meu dia a dia e que sempre tive e tenho o prazer em mostrar cada livro ilustrado por mim. O zelo e o orgulho que eles transmitem, ao saber que além de professora, estou também presente nas escolas públicas através dos livros, é imenso e, maior ainda, foi e é o meu sentimento bom, ao ser olhada com maior carinho e admiração, em cada ilustração realizada. Por isso a escolha em compartilhar minha primeira narrativa escrita com eles. E de fato, o que acreditava estar “finalizado”, estava pois, em constante movimento.

A turma com a qual compartilhei foi a de 6º ano da manhã, pelo simples fato de eles serem a primeira turma do dia seguinte à minha produção literária. Li com bastante empolgação

a minha história cujo título escolhi ser: **A Fera e a Flor, uma história de amor**. Ao terminar, fui surpreendida com a pergunta que partiu de uma aluna: *Tia, e flor dança?* De imediato, não tive resposta. E ao passo que fui me perguntando em silêncio e me convencendo de que meu público (literatura infantil) é mais sensível e mais exigente do que eu imaginava e vivenciava, perguntas e mais perguntas foram surgindo aqui dentro de mim.

Logo me questionei como faria para atender pessoas tão sedentas de conhecimentos fundamentais, as quais o meu texto ainda não respondia? Em pouco tempo de silêncio, a mesma menininha responde a pergunta que ela mesma tinha feito: *Claaaro! Quando o vento bate nela*. Essa pergunta e essa resposta me fizeram repensar a história e as diversas possibilidades de ilustrar e, principalmente, as mais novas possibilidades de ensinar.

Repensar o meu processo criativo e instigar os sentidos dos meus alunos diante de narrativas escritas e visuais, por meio de suas criações e possibilidades, fez com que eu me reconhecesse como uma artista educadora em aprimoramento. A pergunta e resposta da aluna, fizeram-me repensar minha postura como educadora, ilustradora e escritora. Foi partindo da certeza de uma obra não finalizada que me percebi num processo de constante aprendizagem.

Nesse momento de reflexão e admiração, percebi meus alunos, não apenas como mero público da minha prática docente, mas como participantes na minha produção artística e literária. Tal reconhecimento e aceitação me proporcionaram uma retrospectiva de como e para quem eu estava abrindo espaço participativo, que antes era bem particular.

Ao percebê-los intimamente envolvidos com minha produção artística que antes se delimitava a um processo no qual o resultado, apenas EU/ARTISTA, era a executora, a participadora e a crítica, fez-me voltar a momentos em sala de aula com o intuito de repensar meu trabalho, viabilizando a infinitude do aluno.

Lembrei-me de momentos corriqueiros, nos quais, desenhos de armas, num contexto onde o conteúdo trabalhado era a profissão almejada ou desenho de memória, surgiam em grande frequência. Tais desenhos apareciam e ainda aparecem para representar o policial, o bandido ou mesmo, como simbologia de imagens retidas na memória recente do aluno com seu meio: o aluno que tem o pai preso, o aluno que tem o irmão morto, o aluno que tem o amigo estrangulado, o aluno ameaçado. Armas não aparecem nos desenhos de nossas práticas diárias, sem a ligação da representação direta do meio social de tais alunos.

Ao me deparar com tais expressões, sempre busquei observar e avaliar a referência iconográfica, de forma contemplativa, elogiando e corrigindo os parâmetros que atendem ou não às técnicas formativas do desenho. Nesses momentos, sempre consegui, diferentemente de alguns colegas professores, manter uma postura em que minha perplexidade não transbordasse

como forma negativa na avaliação do aluno. A proibição não se faz presente nas diversas formas de expressão do desenho e da pintura, em nossas salas de aulas. Com elogios e simplicidade, busquei e busco sempre um diálogo afetivo e investigativo, na tentativa de saber mais sobre eles, dentro e fora da escola, respeitando a realidade de cada um.

Relembrar diversas formas de expressão nas aulas de Artes, junto à contribuição deles em minha obra me fez pensar em algo que possibilitasse a união do grupo, através de trocas de ideias e respeito mútuo no tocante ao meio do artista/professor/escritor e aluno.

De início, pensei na elaboração de um livro produzido e ilustrado por eles, mas no decorrer das aulas do Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes UFC), o projeto inicial foi percorrendo outros caminhos e outras ideias foram surgindo. Estar também como aluna me fez ser direcionada a novas possibilidades.

Nas disciplinas do Mestrado fui refletindo sobre as minhas dificuldades e reafirmando as atividades positivas que me deixavam mais confortável para receber o conteúdo ministrado em meio a algo tão novo como a sala de aula virtual imposta pela pandemia da Covid-19. Fui tentando investigar quais meios utilizar para quebrar a timidez junto à autonomia de uma sala de aula concebida pela invasão no espaço casa, improvisada por nós (alunos e professores).

Em Estágio de Docência I/Arte e Educação, ministrada pela professora e também minha orientadora, Dr.<sup>a</sup> Luciane Germano Goldberg, nos foi proposta uma atividade chamada Linha do Tempo, na qual deveríamos apresentar uma narrativa autobiográfica sobre a arte em nossa vida num formato livre. O trabalho seria apresentado aos colegas no final da disciplina. Logo surgiu a ideia de me contar através do desenho. Foi partindo dessa proposta em tempos de pandemia que pensei o desenho como a técnica mais apropriada, uma vez que ele requer poucos materiais. Ao final, senti uma grande receptividade do grupo de colegas, que receberam minha narrativa desenhada de forma atenta e muitos comentários foram sendo feitos acerca da minha apresentação.

Foi assistindo e apresentando esse princípio de atuação da Linha do Tempo que percebi o desenho como um excelente canal de aproximação de mundos e foi quando senti a necessidade de mediar um trabalho artístico com meus alunos, que provinhesse da participação atuante e da troca de experiências do grupo, onde pudéssemos perceber que as trocas dialógicas identitárias de saberes gerassem um novo saber (Goldberg, 2021).

Diante disso, no tocante à minha pesquisa, perguntas foram surgindo.

Sendo eu professora/artista/escritora e também aluna, posso me rever como mediadora e também autora de narrativas contadas através da arte? Reconhecer-me e

apresentar-me de igual para igual num processo criativo em sala de aula, pode vir a ser a forma propícia de criação de narrativas autobiográficas, onde professor e alunos serão autores de suas próprias histórias contadas através de desenhos? Como potencializar esse encontro no espaço da sala de aula virtual, fomentando uma relação de autoconhecimento e troca de experiências, que contemple o desenho enquanto colaborador de diálogos dentro e fora da escola?

Através das experiências em sala de aula do Mestrado, mediada pelos meus professores, pude sentir a potência do desenho não apenas como técnica acessível, mas principalmente como ferramenta propiciadora de identidade e aproximação do grupo. O ato de desenhar, fecunda a experiência de aprendizagem na infância ao evidenciar processos de autoria no e do vivido (Santos; Richter, 2010).

Já que possivelmente o desenho nos reconduz a outro lugar, desejei adentrar o universo infantil junto com meus alunos de 6º anos da Escola Pública Flávio Portela Marcílio em Caucaia-CE, com o intuito de promover o reconhecimento e fortalecimento da identidade do sujeito e do objeto da pesquisa como forma de contribuir para o conhecimento deles e para com o meu, numa relação de igualdade onde o universo de cada um se encontra no espaço físico da sala.

A referida pesquisa foi disparada com este público por já ter com eles uma relação bastante afetuosa e porque rememora a minha infância. A situação em que eles se encontravam, cada um em suas casas e eu retornando à minha casa de origem na época, trouxe-me reflexões sobre o recorte etário onde me deparei menina na mesma faixa de idade dos meus alunos de 6º anos, tracei o meu olhar autobiográfico e busquei suas narrativas através da arte.

Pensar em algo que relacione a afirmação de identidade à comunicação e expressão do grupo através da linguagem do desenho, como meio de diálogo entre professora e alunos durante o contexto pandêmico, tem sido a mola impulsionadora desta pesquisa que tem como **objetivo geral**: construir um diálogo (auto)biográfico entre professora e alunos do 6º ano na escola pública através do desenho e identificar os elementos que lhes conferem identidade social, cultural e pessoal para a construção de um conto autobiográfico.

Como objetivos específicos nos propomos a:

- Elaborar narrativa autobiográfica da infância aos dias de hoje a fim de promover um diálogo (auto)biográfico entre professora e alunos através do desenho no contexto das aulas remotas.
- Investigar o desenho como linguagem de expressão e de constituição de si, e identificar os elementos sociais, culturais e históricos que conferem a identidade dos alunos.

- Produzir um conto coletivo a partir de recortes identitários expressos nos diálogos desenhados por cada participante.

Acreditando que o desenho é uma ferramenta que promove a satisfação de ser atuante, num processo colaborativo para narrativas (auto)biográficas, estou buscando, junto ao Mestrado da Universidade Federal do Ceará/PROF-ARTES, aprofundar meus conhecimentos em todas as áreas influentes.

Para propor um trabalho (auto)biográfico com um grupo é primordial que haja antes de tudo a percepção de si. Imergir no autoconhecimento é fortalecer o encontro com o outro. Na medida em que nos conhecemos, encontramos ferramentas que nos propiciam diálogos conjuntos.

Nesta pesquisa existe um falar de si e do outro, por isso é (auto)biográfica. Nela, os dados foram construídos com todas as turmas do 6º anos (A, B, C e D) da Escola Pública Flávio Portela Marcílio, em Caucaia-CE.

A participação dos alunos foi voluntária e espontânea e mesmo tendo sido aberta aos alunos de todos os 6º anos com a finalidade de maior número de participantes, a frequência foi de 12 a 16 alunos por aulas, devido às diversas dificuldades de acesso à internet durante a pandemia. Contudo, nossa amostragem se dará a partir dos trabalhos dos oito alunos mais assíduos e participativos nas aulas, garantindo uma representatividade não pela quantidade, mas sobretudo pela amostragem que garante abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.

Assim, esta pesquisa é qualitativa, uma vez que garante sua representatividade não na quantidade, mas na qualidade dos trabalhos apresentados. Segundo Deslandes (1992, p. 43): “a amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema em suas múltiplas dimensões”. Complementando, Minayo (2001, p. 22-23) afirma que: “[...] a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

A pesquisa se propõe teórico-investigativa e conceitual, tendo como foco o estudo e observação em campo, onde o campo é virtual, realizado nas aulas remotas por meio da plataforma *Google Meet*. A compreensão deste espaço da pesquisa foi baseada em referências que nos permitiram ir além do campo investigado.

Partindo dos objetivos que mobilizaram esta pesquisa, tendo em vista que as atividades de campo ocorreram durante a pandemia da Covid-19, utilizamos meios adequados

ao distanciamento social, disponibilizando materiais adequados à técnica do desenho livre para realização de trabalhos contínuos, em busca do aprofundamento da pesquisa sob olhar do outro (alunos) como instrumento fundamental para o processo criativo compartilhado.

O olhar do outro, ressignificando a escrita, nesse processo criativo, foi objeto de grande importância para a construção do processo de narrativas gráficas, autobiográficas, pois a atmosfera social entrega os valores culturais, transmitidos através de simbologia, dando força e importância à expressividade dos participantes. O que foi produzido vem sendo analisado, não pela força da técnica exercida na ação, mas pela comunicação de natureza histórica, cultural e seu caráter lúdico que tem um fazer livre, exercitando a autonomia e a participação.

Observamos e dimensionamos não só a narrativa do aluno, mas também a da professora, nessa aproximação das vivências lúdicas, a partir da experiência (Santos; Richter, 2010, p. 12). Foi observada também a alteridade da criança, legitimando-a como ser capaz de refletir, ao narrar suas vivências dentro e fora da escola (Passeggi, 2014), a partir de relações estabelecidas entre eles e a professora artista. Nesse sentido, a presente pesquisa permite legitimar o desenho da criança para a compreensão do mundo infantil a partir das próprias crianças, em suas narrativas (auto)biográficas, pois segundo Goldberg (2016, p. 182):

[...] a criança, por desenvolver capacidade narrativa desde cedo, opera dentro de um sistema de elaboração de significados a partir dos fatos vividos, em sua perspectiva de desenvolvimento, e que, além da fala e da escrita, geralmente mais priorizadas, o desenho é também um elemento importante nesse processo narrativo da criança e que deve ser visto em sua totalidade, não somente como elemento secundário das demais linguagens.

Dessa forma, a pesquisa (auto)biográfica com crianças que aqui se desenvolveu tem por finalidade convidar a olharmos a infância levando em consideração o modo de vida e a experiência de cada uma delas. Aprendemos também um diálogo entre culturas, de uma geração à outra, e a maneira como a identidade de cada um vai sendo construída em cada contexto social, dentro e fora da escola.

A pesquisa (auto)biográfica em Educação amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer, de biografar resistências e pertencimentos, e se dá ao passo em que exploramos os processos do começo e do porvir dos indivíduos no espaço social e como estes lhes dão significados (Delory-Momberger, 2012, p. 524).

Antes de narrarmos para o outro, ao desenharmos nossas experiências, estamos narrando para nós mesmos. Estamos praticando uma atividade de biografização (Delory-

Momberger, 2008) ao passo em que estamos fazendo uma pesquisa **com** crianças e não **sobre** crianças, assim, podemos denominar nossa pesquisa de autobiografização, onde a criança autora, realiza ações mentais, comportamentais e verbais, pelas quais dá sentido as suas experiências, organizando-as na temporalidade de sua existência (Passeggi, 2018, p. 104).

Dessa maneira, os instrumentos de construções de dados e informações que utilizamos foram: diário de campo para anotar considerações importantes que surgiram no cotidiano, nas experiências compartilhadas com os alunos e a escola; fotos da produção, gravações de áudios, transcrições das falas dos alunos no compartilhamento do processo criativo. No trabalho em sala, que se deu início de forma virtual devido à situação pandêmica pela qual passamos, pretendeu-se com os resultados da pesquisa fazer um diálogo entre a realidade do ensino de Artes e as teorias e conceitos apresentados num levantamento bibliográfico para suprir o aprofundamento na produção de narrativas (auto)biográficas onde sujeito e objeto se encontram na contação constante de suas histórias de vida.

Como quadro teórico, para reflexão acerca do **desenho** enquanto elemento formador e formativo, linguagem privilegiada para a comunicação e expressão de sentimentos, sensações, ideias, percepções, a proposta é aprofundar conhecimentos teóricos em autores como Derdyk (2007, 1990, 1989), para a **pesquisa (auto)biográfica com crianças**, em Delory-Monberger (2008, 2012), Sarmiento (2011) e Passeggi (2014, 2018) e, especificamente, através do desenho, pela ideia do **autobiografismo** em Goldberg (2019, 2021) e sobre **identidade** em Ciampa (2012).

Assim, o **1º capítulo**, apresenta a minha narrativa autobiográfica com a finalidade de rever o tempo pueril de minha infância, fortalecer o meu eu, reconhecer-me de igual para igual com meus alunos, já que tive, assim como eles, uma escolaridade com poucos recursos numa sala de aula na minha própria casa no meio rural. Na narrativa, mapeio meu encontro com os alunos na profissão escolhida, dialogo e reflito com alguns autores do campo da Arte e da Educação.

O **2º capítulo** tem por objetivo apresentar o cruzamento do espaço compartilhado através da sala de aula virtual em tempos de pandemia e mostrar o surgimento da narrativa autobiográfica que dará início ao diálogo constante entre professora e aluno, fazendo com que a pesquisadora se reconheça também como sujeito de pesquisa através do desenho gráfico e encontre ferramentas que promovam abertura para a troca de saberes.

E no **3º e último capítulo**, apresentaremos os desenhos que foram sendo criados a partir da troca de experiências de histórias de vida objetivando identificar os elementos autobiográficos expressos nas narrativas desenhadas das crianças que lhes conferem identidade

social, cultural e pessoal para a construção de um conto.

Por fim, acreditamos que a investigação dessa prática, vinculou-se inteiramente à linha de Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes, uma vez que dialogou com reflexões acerca dos processos de criação e educação em artes e buscou, assim como designa a referida linha, uma inter-relação entre processos de ensino, aprendizagem e prática artística no campo das Artes Visuais através da linguagem do desenho. Nesse sentido, esperamos contribuir para o campo da pesquisa em Artes junto à Universidade Federal do Ceará, bem como no contexto cearense/brasileiro de pesquisa em Artes.

Assim, como sou uma professora em formação e tenho margem para me reconstruir e ajudar na construção dos meus alunos através de dispositivos de aulas de Artes, encontramos nesta pesquisa uma fonte de fortalecimento e certeza do potencial da Arte, em especial do desenho, para o contexto educativo do grupo que inclui: professora, alunos e escola.

## 2 UMA CASA: HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA ARTISTA

*Reconhecer-se a si mesma, diferenciar-se do mundo, adquirir existência, tudo para poder dar continuidade à história de uma vida (Luciane Goldberg, 2021, p. 77).*

Esta dissertação se inicia com o encontro comigo mesma e com meus alunos da escola pública de Caucaia. Ela é fruto da caminhada de uma menina sertaneja que tinha em sua casa uma sala de aula dividida com outras crianças e também adultos da região, e com o passar do tempo, vai morar na cidade grande, torna-se artista professora e se encontra com o seu objeto de pesquisa. Em plena pandemia da Covid-19 volta para a sua casa de infância e é nessa atmosfera que assim como seus alunos, volta a ser estudante também.

Foi na disciplina de Fundamentos Teóricos da Arte na Educação do Programa de Mestrado Prof-Artes da Universidade Federal do Ceará, em parceria com a Universidade do Estado de Santa Catarina, ministrada pelos Professores Doutores: Felipe Ximenes Parente, Luciane Germano Goldberg e Tharyn Stazak de Freitas, que a artista professora se depara com sua história de vida que vai sendo contada, na medida que em que vai sendo tomada por recordações e contatos com o meio, que permanece quase inalterado.

A seguir conto essa história ilustrada por desenhos realizados especialmente para a narrativa:

Nasci no dia 06 de janeiro, dia de Santo Reis, em 1976, na cidade de Ipu, Ceará. O município de Ipu, abrange serra e sertão, sou do sertão (figura 1).



Figura 1 - O nascimento. Fonte: arquivos da autora (2021).

Meus avós maternos são do sertão de Santa Quitéria e os meus avós paternos são do sertão de Ipu.

Quando meus pais se conheceram, casaram e foram morar na casa de farinha da Fazenda Marruás e lá constituíram uma família de seis filhos. Eu sou a quarta dos seis (figura 2).



Figura 2 - A família. Fonte: arquivos da autora (2021).

A casa era de taipa e bem pequena, principalmente para a quantidade de filhos. Com o tempo, devido às necessidades da família, ela foi sendo ampliada (figura 3).

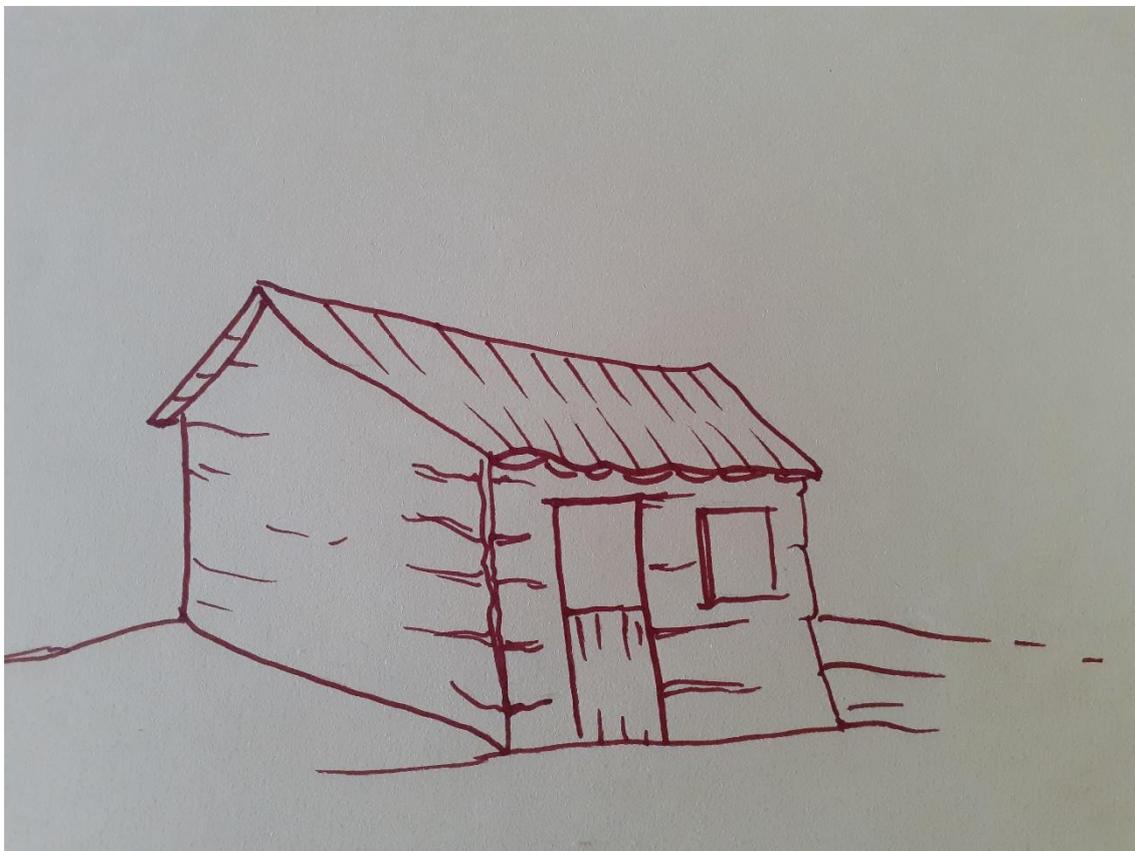


Figura 3 - Uma casa. Fonte: arquivos da autora (2021).

Nossas brincadeiras eram quase sempre as mesmas, que se estendiam desde os banhos de açude e rios, às brincadeiras nas moitas (fazendo delas casinhas de bonecas), brincadeiras de rodas, e vivenciávamos muitas e muitas contações de histórias: de bichos, de príncipes e princesas, de lobisomens e almas penadas. As histórias eram contadas por minha mãe e por pessoas que vinham nos visitar nas noites de lua.

Meu pai costumava contar cantando, ou melhor, rimando, a história do Pavão Misterioso. Eu admirava-o e ainda hoje admiro. Sempre que estamos juntos peço para que ele conte. As histórias eram quase sempre contadas quando sentávamos no alpendre em noites de lua cheia. Nessa época não tínhamos livros, nem televisão e muito menos *internet*.

Como toda grande família sertaneja, tínhamos algumas necessidades básicas, mas isso não retirava os grandes cuidados que meus pais nos proporcionavam. Éramos muito felizes!

Uma das coisas que eu mais gostava no inverno era tomar banho de chuva e no verão, era pegar água na cacimba (figuras 4 e 5).



Figura 4 - A chuva no sertão. Fonte: arquivos da autora (2021).



Figura 5 - Cacimba. Fonte: arquivos da autora (2021).

Por sermos sempre rodeados de reservatórios de água para nos suprir nos períodos de seca, uma das primeiras coisas que meu pai nos ensinava, depois de andarmos, era nadar.

Sempre íamos tomar banho de açude, levávamos sabão e algumas roupas para lavarmos na pedra que ficava na beira do açude. Eu sempre saía do sério quando meus irmãos mais velhos queriam me obrigar a trazer o sabão que, na maioria das vezes, era enfiado num garrancho e entregue em minhas mãos, mas eu sempre me recusava a trazê-lo e, muitas vezes, eu me recusava da forma mais eficiente que eu tinha, que era caindo no chão e escondendo minhas mãos para evitar essa obrigação (figura 6).



Figura 6 - Banho de açude. Fonte: arquivos da autora (2021).

Eu trazia comigo uma recordação fantástica, quase irreal, de uns homens num lugar de chão batido e poças d'água barrentas, lavando as feridas da pele.

Minha lembrança se resumia nesses homens lavando suas feridas nas poças de lamas e um casal de velhinhos que abriam a cancela de sua casa e me botavam para dentro. Mesmo sendo poucas as lembranças, é sempre muito fantástico ter essa recordação, a qual, os adultos que eu perguntava sobre o que poderia ter sido isso, todos acreditavam que seria apenas um devaneio de minha memória.

Porém, com o passar dos anos, descobri antes de minha avó materna ficar sem memória, que minha lembrança tinha sido real. Minha avó me contou que um dia ela me levou para passear numa cidade chamada Hidrolândia, que fica entre Santa Quitéria e Ipu. Ela falou que eu tinha uns quatro a cinco anos, que eu me perdi dela e que ela foi me encontrar na casa de um casal de velhinhos, no local das águas sulfurosas da cidade de Hidrolândia. Ela falou

também, que aqueles homens que lavavam suas feridas nas poças, eram pessoas leprosas que vinham de outras regiões na tentativa de serem curados na cidade das águas que curam: Hidrolândia (figura 7).



Figura 7 - Água que cura. Fonte: arquivos da autora (2021).

Ter a convicção de que essa minha recordação foi real, fez eu olhar com mais esmero para o meu passado e ter mais e mais curiosidade pelas histórias das pessoas, de um povo, de uma comunidade e de uma cidade.

Fiquei mais curiosa pela composição imaginária e, ao mesmo tempo, real de uma criança.



Figura 8 - Duas irmãs e uma estampa. Fonte: arquivos da autora (2021).

Gosto muito de tecidos, estampas e modelos de roupas. Não sei ao certo de onde vem esse meu gosto, mas lembro que minha mãe costumava me vestir com o mesmo modelo de roupas e estampas, que minha irmã de idade mais próxima a mim. Mudávamos apenas as cores (figura 8).

Lembro-me também do meu olhar admirado para os vestidos que minha mãe guardava dentro de uma mala. Eram três os vestidos, e cada estampa e modelo eram mostrados e contados para a gente sobre um momento vestido e vivido por ela, há tempos.

Adentrava nas estampas através da minha imaginação e nelas, elaborava a história e os momentos de cada roupa, como quando nos era contado as histórias das princesas e suas roupas de gala.

No nosso sertão não tínhamos câmeras fotográficas. Os registros fotográficos eram pouquíssimos e não tínhamos livros ilustrados. Tudo existia e ainda existe aqui na minha imaginação. Existia um diálogo entre a roupa, o momento usado e todo o resto do espaço criado por mim.

Será que a criança vive com suas criações separada do mundo ou vive criando porque se depara com o mundo criativo?

Me pergunto isso agora ao me apresentar a ti!

Segundo Martin Buber (2014, *apud* Goldberg, 2021, p. 21), pensador e criador da filosofia do diálogo:

Há uma convivência ontológica entre o Eu e o Tu para o conhecimento do mundo, em que a coparticipação dialogal seria o fundamento do existir, desenvolvida na reciprocidade. É o que ele define como “fenômeno do inter-humano”, que contém em si a implicação, a presença e o encontro mútuo na totalidade.

Meu primeiro contato com a arte foi apreciando os trabalhos de minha mãe, que fazia bordados lindos (figura 9).



Figura 9 - Pontos de mãe. Fonte: arquivos da autora (2021).

Ela também desenhava e ainda desenha animais em tamanhos reais nas paredes de casa, feitos com carvão retirados do fogão à lenha (figura 10).

Minha mãe nunca estudou artes e sempre disse e ainda diz que o que aprendeu foi olhando e fazendo sozinha.



Figura 10 - Linhas de mãe. Fonte: arquivos da autora (2021).

Há um fazer também voltado à ancestralidade, pois os animais da fazenda foram sempre soltos e desenhar tais animais remete a algo onde o desafio de fazê-los em tamanho real é mais atrativo do que fazê-los com outras intenções estéticas. Nos tempos pré-históricos, os desenhos e pinturas nas cavernas tinham duas vertentes na Arte, uma arte criadora e uma arte de magia, podendo ter existido um momento pré-mágico, como bem nos apresenta Arnold Hauser (2003, p. 8), no livro *a História Social da Arte e da Literatura*:

É provável que o homem pré-mágico tenha descoberto por acidente a ligação entre a cópia e o original, mas essa descoberta deve ter causado nele um efeito irresistível. Talvez toda a esfera da magia, com seu axioma de dependência mútua de coisas semelhantes, tenha sido fruto dessa experiência. As duas ideias básicas que, como já foi enfatizado, constituem as precondições da arte podem ter se desenvolvido na idade da experimentação e descobertas pré-mágicas, mormente a ideia de semelhança e imitação e a ideia de produzir algo a partir do nada, que é de fato a própria possibilidade de uma arte criadora.

Os desenhos de minha mãe, feitos nas paredes com carvão, se assemelham não na vertente da magia, mas na vertente criadora.

O realismo tem alguma semelhança aos desenhos e pinturas das cavernas.

Não tinha esse olhar antes, pois antes não tinha nenhum conhecimento sobre isso. Os desenhos e pinturas de minha mãe me chamavam e chamam atenção apenas na semelhança do tamanho real do animal e suas formas.



Figura 11 - Uma casa com sala de aula dentro. Fonte: arquivos da autora (2021).

Minha mãe além de dona de casa era Professora Rural. Isso se deu de 1976 a 1986.

Na sala da casa havia uma parede na qual existia uma lousa feita de cimento. Ali, minha mãe alfabetizava os filhos e as crianças que moravam por perto. Numa turma só, ensinava da alfabetização à quarta série, tudo na sala de casa (figura 11).

Não existia e nem se falava em arte. O ensino era voltado para a Matemática, onde aprendíamos a somar, diminuir, multiplicar e dividir, e para o Português, que tinha como objetivo aprendermos a ler e escrever até o momento que soubéssemos nos comunicar através de cartas.

Minha mãe também ensinava uma turma do MOBRAL<sup>1</sup>. Essa era a única turma que recebia merenda.

Como eu era uma criança de casa, acabava participando de todas as turmas. Lembro-me perfeitamente do dia do melhor lanche, que era um copo de leite ninho com uma barrinha de doce de goiaba.

Nessa sala de aula, aprendíamos a ler, escrever e a comunicar-nos de forma respeitosa com todas as crianças da região.

Minha mãe só cursou até a oitava série, mas alfabetizava bem.

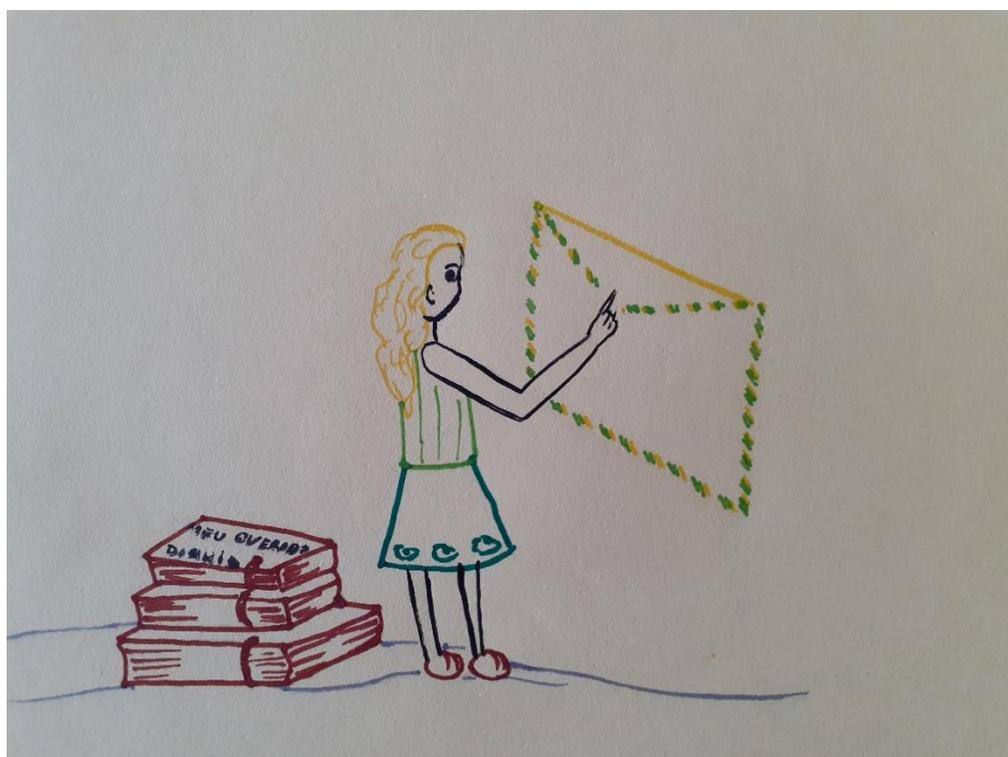


Figura 12 - Palavras trancadas e palavras que voam. Fonte: arquivos da autora (2021).

Meu pai comprou uma casa na cidade e com mais ou menos 12 anos de idade fui frequentar a escola de freiras Patronato Sousa Carvalho. Comecei na segunda série da Educação Básica e não lembro das aulas de artes separadas das demais. Lembro-me de que íamos para a Capela de Nossa Senhora das Graças, que ficava dentro do colégio e lá, ensaiávamos cantos

---

<sup>1</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização instituído na década de 70 pelo regime militar. Era um ensino de aceleração para as pessoas que estavam fora de faixa ou melhor, para as pessoas que não sabiam nem ler e nem escrever, com o objetivo de alfabetizar a população urbana iletrada de 15 a 35 anos.

religiosos para as datas comemorativas da coroação de Nossa Senhora e para o aniversário da escola. Nos ensaios cantávamos acompanhando a Professora Valderez Soares com seu piano.

Recordo-me também dos ensaios de peças de teatros que apresentávamos no auditório do colégio.

Vale ressaltar que minha Professora não tinha formação em Artes, mas fez cursos diversos todos voltados à sua disciplina. Que apesar de suas habilidades para Artes Diversificadas, não havia em nossas aulas um embasamento teórico.

É necessário destacar, que diferente das outras concepções de ensino de arte, não encontramos em nossos estudos registros históricos ou conceituais de uma matriz teórica que a fundamentasse. Na realidade, essa concepção é a maior expressão da presença do tecnicismo pedagógico no ensino de arte. Apesar de uma trajetória conceitual curta, a concepção de ensino da arte como atividade cristalizou no ensino de arte diferentes práticas pedagógicas, que encontramos, ainda hoje, nas escolas brasileiras, tais, como: (1) cantar músicas da rotina escolar e/ou o canto pelo canto; (2) preparar apresentações artísticas e objetos para a comemoração de datas comemorativas; (3) fazer a decoração da escola para as festas cívicas e religiosas; entre outras (Silva; Araújo, 2007, p. 10).

Na oitava série, tive o meu primeiro contato com a matéria de Artes que era chamada de Educação Artística. Essa matéria era ministrada pela mesma Professora de canto e teatro: Professora Valderez Soares.

Nessa disciplina, trabalhamos o Disco de Cores de Sir Isaac Newton. Trabalhamos também a arte de desenhar palavras. Trabalhamos luz, sombra e volume.

Foi um período de obrigatoriedade da Arte na escola e vale ressaltar que:

Na década de 1980, com a redemocratização do país, eclodiram, no cenário nacional, as associações de arte/educadores e cursos de pós-graduação (lato sensu e stricto sensu), fazendo com que surgissem novas reflexões sobre o ensino de arte e novas concepções para o processo de ensino-aprendizagem de arte no âmbito escolar (Silva; Araújo, 2007, p. 12).

Através da Professora Valderez Soares, passei a frequentar aulas de pintura. Recebia aulas particulares em sua casa.

Comecei desenhando e pintando no caderno de Desenho com a reprodução de imagens baseadas na técnica de representação gráfica de Albrecht Dürer. Lembro-me muito bem da eficácia da técnica para ampliação, redução e reprodução da imagem, mas não foi explicado pra gente sobre a descoberta e técnica do artista que criou. A pintura no papel do caderno de desenho era sempre feita com lápis de cores.

Com Dona Valderez recebi também aulas de música no teclado que meu pai me deu de presente. Logo reconheci que minhas habilidades para música não eram tão fortes como para pintura e logo abandonei as aulas práticas de teclado.

Nesse período, a Professora não aceitava homens na sua escolinha de artes.

Depois de dar continuidade a todas as técnicas de reprodução no caderno de desenho, passei a trabalhar a técnica de óleo sobre tela. Desenhávamos quadradinhos na imagem que escolhíamos para reproduzir e colocávamos a mesma quantidade de quadradinhos na tela, isso com grafite. Depois de reproduzirmos a imagem na tela, apagávamos os quadradinhos e pintávamos esfumando e dando volume à imagem reproduzida, buscando o máximo de realidade com a paisagem ou natureza morta escolhida.

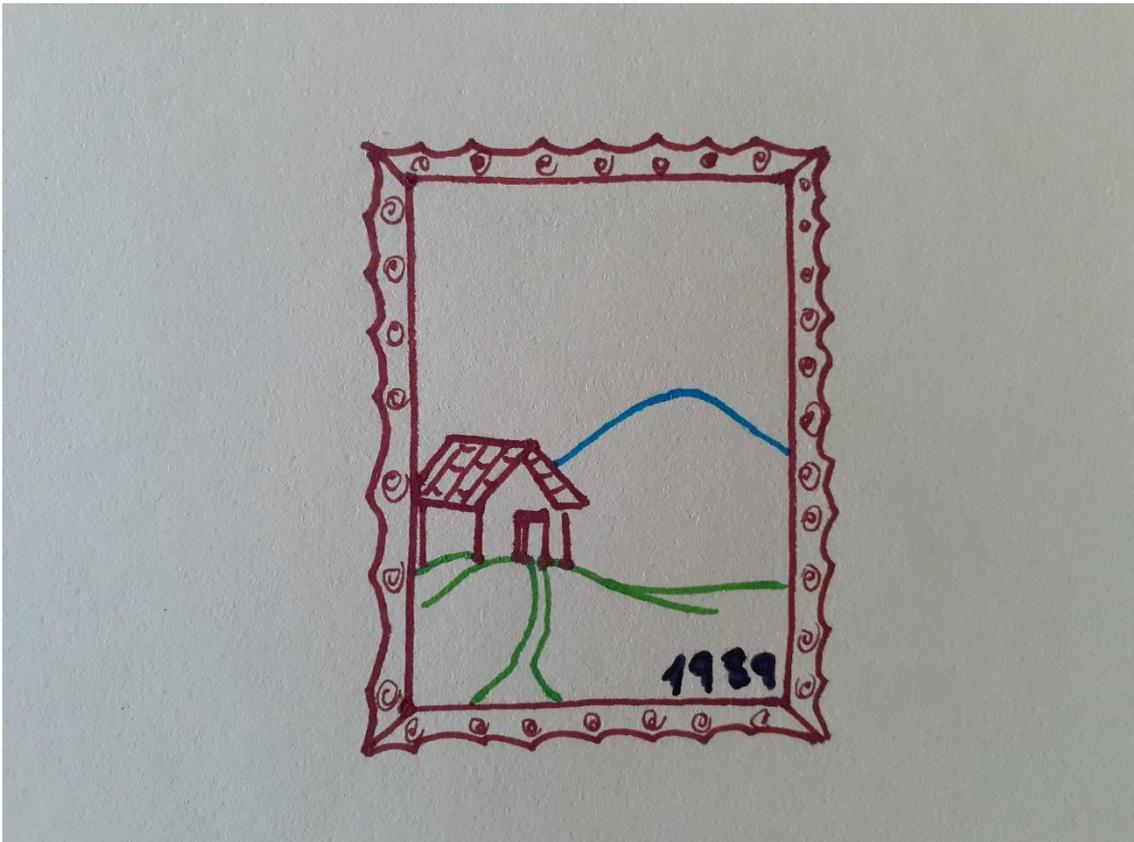


Figura 13 - Casa e montanha. Fonte: arquivos da autora (2021).

Em 1989, pintei o meu primeiro quadro em óleo sobre tela (figura 13).

Devido à secagem do óleo ser muito lenta, tive a minha assinatura borrada. Isso foi motivo de grande chateação.

Nesse mesmo período, tive um grande incentivador, um tio franciscano, Frei Aquino.

Através de cartas nos comunicávamos e passei a me familiarizar com a escrita e ele me ajudava a comprar meu material de pinturas.

Possuía também um diário.

Sempre tive um olhar atento e fui escrevendo, pintando e dando continuidade ao sonho de ser artista (figuras 14 e 15).



Figura 14 - Olhos de bicho no escuro 1. Fonte: arquivos da autora (2021).



Figura 15 - Olhos de bicho no escuro 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

Fiz o primeiro e segundo ano do ensino médio no Geo Colégio Ipuense, também na minha cidade. Nesse período não tínhamos aulas de artes e a minha disciplina preferida nessa época era a de Literatura, com o Professor Kelsen Bravos.

Em 1994, mudei-me para a capital, Fortaleza, e fiz o terceiro ano no Colégio Lourenço Filho.

No Colégio Lourenço Filho não tínhamos a disciplina de Artes, tínhamos desenho geométrico que fazia parte da disciplina de Matemática. Nossos estudos eram completamente voltados às admissões do vestibular. E na prova seletiva não existia Artes. Como escrevem Silva e Araújo (2007, p. 5), o ensino de Artes era utilizado para apoiar outras disciplinas:

Observa-se, então, que a orientação de ensino de arte como técnica parte basicamente de dois princípios: (1) a efetivação do processo de aprendizagem da arte através do ensino de técnicas artísticas, para uma formação meramente propedêutica, que visa, como por exemplo, à preparação para a vida no trabalho; (2) e na utilização da arte como ferramenta didático-pedagógica para o ensino das disciplinas mais importantes do currículo escolar, tais, como Matemática e Língua Portuguesa.

Na minha época de pré-vestibulanda eu tentei uma vaga em Arquitetura, já que nesse período ainda não existia a faculdade pública em Artes e Arquitetura era a faculdade que mais se aproximava das habilidades artísticas. Não passei e isso na época me entristeceu bastante, mas hoje vejo que foi vantagem, pois o desenho trabalhado no curso de Arquitetura é muito técnico e isso teria me condicionado a algo que não teria a ver com o que eu me identificava.

Em 1996, fiz uma Mostra individual “Cores do Ceará”, no Espaço Cultural dos Correios. Essa série de paisagens em óleo sobre tela foi produzida partindo apenas do meu conhecimento através das práticas das aulas de pintura na casa de Dona Valdez. As paisagens eram reproduzidas a partir de um banco de fotografias e cartões postais comprados em bancas de revistas.



Figura 16 - Coruja. Fonte: arquivos da autora (2021).

Em 1998.1, iniciei o curso de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará – UECE (Figura 16). Nesse curso, Licenciatura e Bacharelado, pude me aprofundar em Estética e na parte teórica da História Social da Arte e da Literatura. Posso afirmar que pela primeira vez abri um livro de História da Arte. Esse foi um momento de grande aprendizagem. Mesmo eu não tendo um direcionamento indicado pelas vertentes da Arte/Educação, fui sendo direcionada apenas pelas oportunidades que iam surgindo e que estavam ao meu alcance. E como diz Barbosa (*apud* Silva; Araújo, 2007, p. 14), pude constatar que:

Um outro princípio defendido pela Arte/Educação Pós-Moderna está relacionado à aprendizagem dos conhecimentos artísticos, a partir da inter-relação entre o fazer, o ler e o contextualizar arte, designados por Barbosa (2002b) como ações necessárias para a compreensão da Arte como epistemologia.

Uni a teoria da Faculdade de Filosofia com a prática que eu havia adquirido no curso de pintura e fiz a minha segunda Mostra Individual “Recomeço”, também no Centro Cultural dos Correios. Era uma série de abstratos em acrílica sobre tela. Pelas dificuldades, preços de materiais e por não ter conhecimento o suficiente para, na época, produzir abstratos,

essa mostra foi bem amadora. Nessa época reconheci o meu domínio maior no realismo. A Mostra de paisagens teve muito mais propriedade de produção.

Eu recebia muitas encomendas de imagens de Santos em óleo sobre tela. Daí a minha grande habilidade no desenho e pintura de observação, que nesta época ainda era voltada para a reprodução.

Fiz um curso da figura humana no ateliê da Professora Josiane Cestari. Lá era passado o plano de aula e tínhamos aulas teóricas e práticas partindo da observação de um modelo vivo. Essa era uma professora de Artes com formação no sul do país. Foi uma experiência maravilhosa, mas não pude arcar com as despesas do curso por muito tempo.

Quando terminei Filosofia Bacharelado e iniciei Filosofia Licenciatura, dei início também a um curso de Especialização em Filosofia Clínica. Fiz todas as disciplinas, mas não terminei o trabalho final. Recordo-me que eu pagava minhas mensalidades com obras de Artes. Na época eu não sei se cobrava bem ou mal.

Para comprar meus livros e sustentar meus estudos, eu sempre me apropriava da produção artística e assim usava materiais diversos para produzir cartões artesanais e telas que algumas vezes eram feitas sob encomendas, apenas para decorar (figura 17).

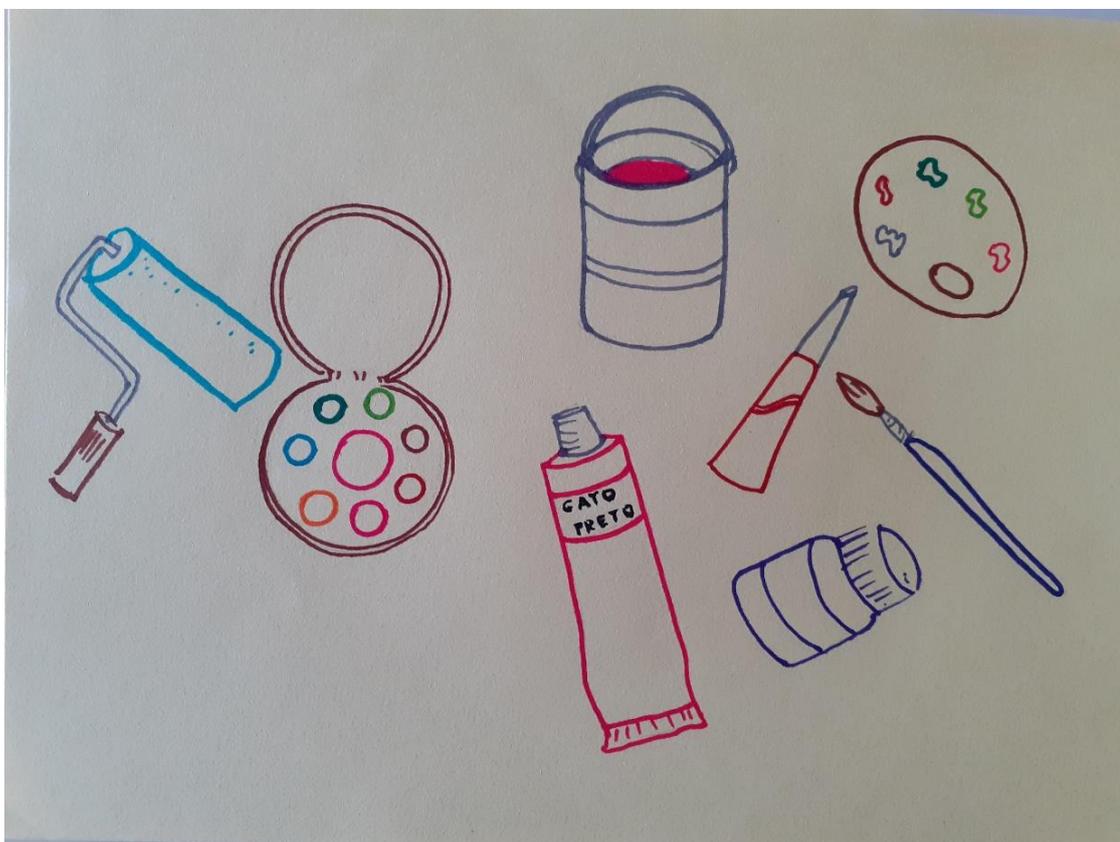


Figura 17 - Tintas para que te quero. Fonte: arquivos da autora (2021).

Nos cartões, além de utilizar materiais diversos (principalmente estopa, deixando-os com um aspecto regionalista, isso tudo sem nenhuma intencionalidade), eu criava e escrevia poesias e haicais.

Em Fortaleza, tive muito mais acesso à cultura, ao esporte e ao lazer.



Figura 18 - Capoeira. Fonte: arquivos da autora (2021).

Sempre gostei de trabalhar com os movimentos corporais e passei a jogar capoeira. Meu esporte preferido (figura 18).

No Centro de Humanidades da UECE, fiz um curso básico de teatro e dessa época em diante passei a frequentar a formação de plateia, do Espaço Cultural Banco do Nordeste. Fui convidada por uma grande amiga que conheci nas Casas de Cultura, quando cursávamos Italiano.

Assistia quase todas as peças que passavam no Centro Cultural Banco do Nordeste – BNB (figura 19).

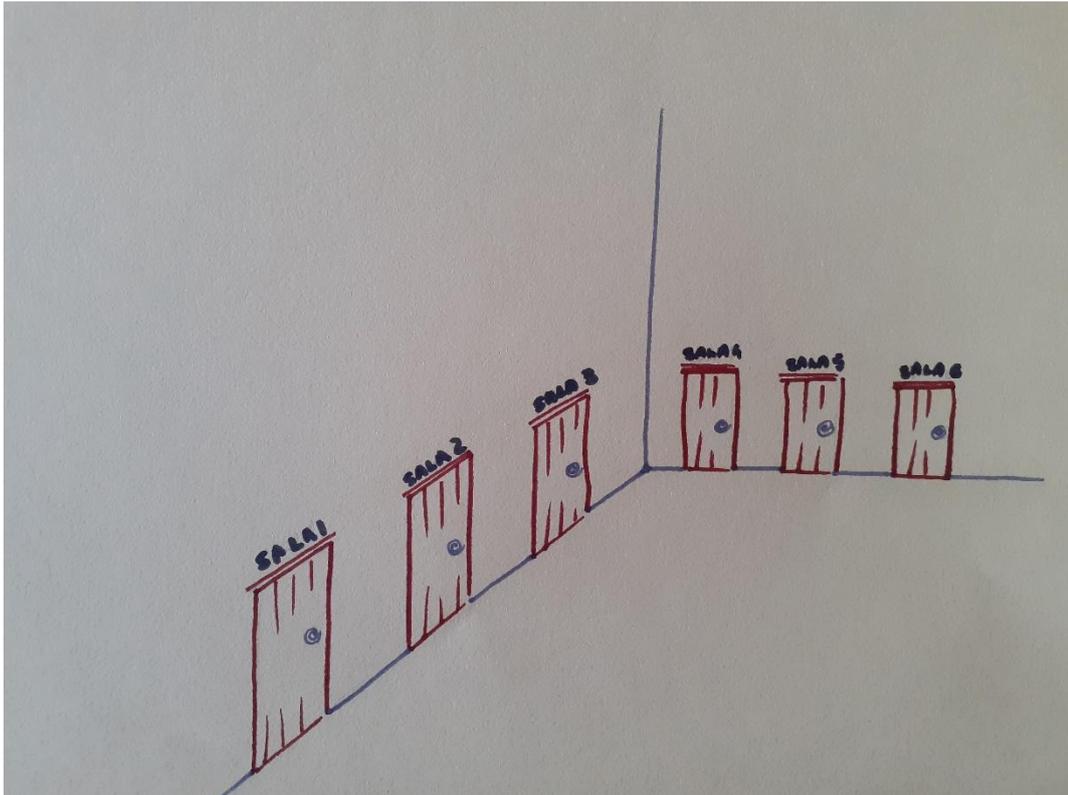


Figura 19 - Portas e papéis. Fonte: arquivos da autora (2021).

Ceguei a assistir três peças numa noite de festival.

Em 2003, soube da primeira faculdade de Artes gratuita no Ceará. Era o Curso de Tecnólogo em Artes Plásticas, do então Centro Federal de Educação Tecnologia do Ceará – CEFET-CE, hoje Instituto Federal do Ceará – IFCE (figura 20).

Fiz todo o processo seletivo e passei. Nós éramos a terceira turma do curso.

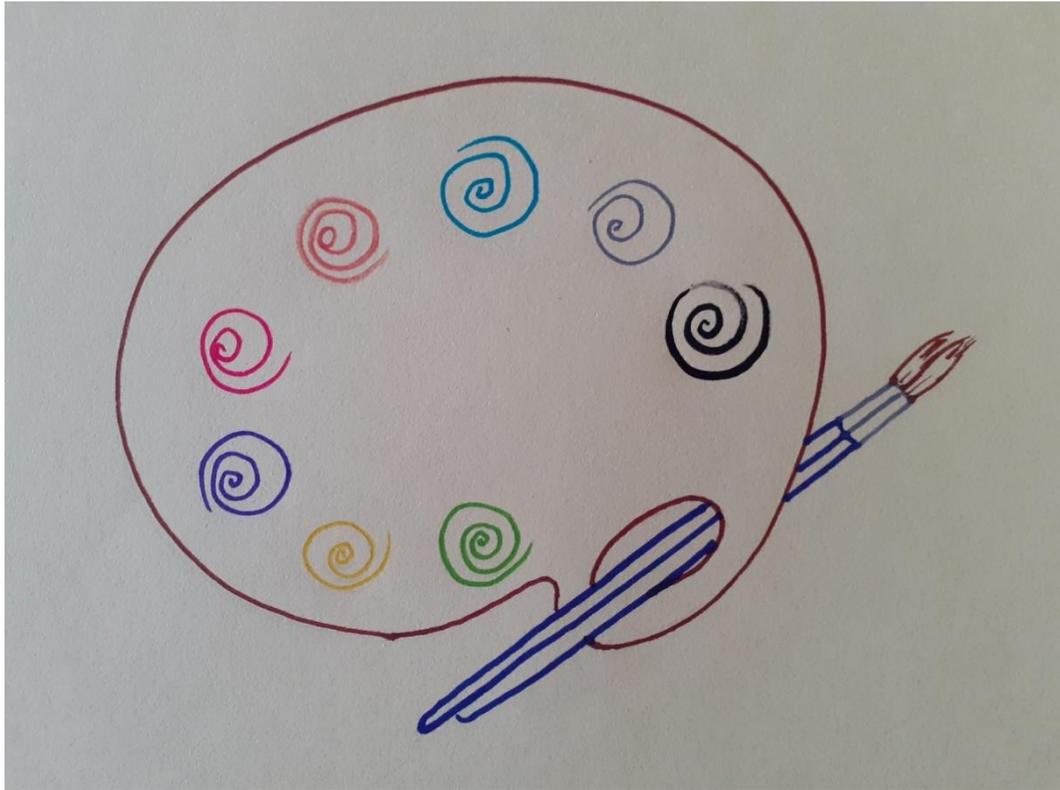


Figura 20 - Cor em espiral. Fonte: arquivos da autora (2021).

Uma nova e também considerável etapa enquanto artista me chega. Estava num curso onde aprendi que um pingo de tinta que antes era visto como borrado ou “anarquizado” como dizia a Dona Valdez, agora poderia ser transformado. Poderia tomar outra forma que não a pensada.

Cito aqui a palavra de minha querida e importante professora, não como forma de desdenhar os meus conhecimentos adquiridos com ela, mas como forma de mostrar as diferenças do ensino de Artes no decorrer da minha caminhada e no decorrer da evolução da Arte/Educação no Brasil e que muito lentamente íamos acompanhando.

Aprendi que reparar o desenho sem usar a borracha, apenas com a sobreposição de linhas de direções diversas pode ser bem mais belo do que a exatidão de um traço ou uma linha firme de contornos.

Na proporção que íamos estudando a História da Arte íamos incansavelmente exercitando o desenho cego, o desenho de observação, as cores, a luz, a sombra, o ponto, a linha, a formatividade enquanto realismo e enquanto abstração.

Na nossa grade curricular vimos História da Arte, Desenho, Pintura, Semiótica, Filosofia da Arte, Escultura, Desenho Geométrico, Fotografia, Gravura e Computação Gráfica.

As técnicas e suportes eram diversos. Tínhamos aulas de campo. Aquele espaço que era preservado e cuidado com todas as ferramentas sobre a mesa num ambiente silencioso, agora se ampliava para uma calçada, uma grama, um muro ou até mesmo uma mesa de bar.

Para ampliar mais o meu conhecimento, fui estagiar no Museu de Arte Contemporânea – MAC – no Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura. Lá fomos Educadores. Éramos supervisionados e trabalhávamos estudando as obras, os artistas e sua temporalidade, para apresentarmos os trabalhos expostos aos visitantes.



Figura 21 - Beleza de frutas e gosto de estampas. Fonte: arquivos da autora (2021).

Nessa época vi que amigos são cores, frutas, cheiros, veludos, estampas (figura 21).

Terminei Artes Plásticas em 2007. Meu Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Plásticas foi em pintura. Fiz um relatório técnico que partia de todo o processo de desconstrução que findava num trabalho final construído por nós. Meus trabalhos eram voltados para a produção de obras minimalistas onde a textura direcionava o conceito.

Essa pesquisa teve início com a junção de um trabalho de arte indígena e um trabalho de arte concreta. Eu sempre gostei de trabalhar com uma espessura considerável de tintas que acabava formando uma grossa camada sobre o tecido da tela, na qual eu podia ir moldando ao meu gosto. Pesquisei e instiguei o toque, pois no decorrer do curso meus colegas

se sentiam estimulados a tocar nas minhas pinturas que eram produzidas com a marca de uma juta sobre a tinta na tela. Tudo isso ia sendo resultado de teorias e práticas diárias.

No decorrer do curso, com o resultado final dos trabalhos, meus colegas e professores encontravam semelhanças com *pixels*. Mas essa afirmativa me assustava, pois eu tinha muitas dificuldades com a tecnologia da informática e com câmeras, tanto analógica como a digital.

Com a especulação do grupo e com as orientações e indicações dos professores, íamos sendo levados a um conceito referente às obras. Pesquisei e citei no meu relatório técnico o artista plástico Antoni Tàpies e a artista plástica Lígia Clarck.

Os exercícios foram dando forma a uma obra minimalista e seu conceito era voltado a instigar o toque, a partir da proibição.

Aqui, a Arte/educação já aparece como disciplina obrigatória do currículo do ensino fundamental. Segundo Silva e Araújo (2007, p. 12), esta não foi uma conquista do poder legislativo, mas sim dos Arte/educadores brasileiros:

Dessa forma, a nossa compreensão é a de que o movimento de mudança epistemológica na forma de conceber, filosófica e metodologicamente, o ensino da arte na contemporaneidade, que não ocorria desde o modernismo, não é fruto do poder legislativo, através da implantação de leis e decretos, que determinaram a obrigatoriedade do ensino da arte na educação escolar; antes, foi fruto da luta política e conceitual dos arte/educadores brasileiros, que buscaram justificar a presença da arte na educação a partir do paradigma da cognição.

Nossas práticas eram voltadas exclusivamente para o ensino e aprendizagem de Arte e Educação. Nós nos aprofundamos na teoria da Abordagem Triangular, da Ana Mae Barbosa, que segundo ela própria (*apud* Silva; Araújo, 2007, p. 40), resume-se da seguinte forma: “A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma ‘educação bancária’”.

Embasada nos estudos que me foram ministrados, desenvolvi na Especialização em Arte/educação uma pesquisa sobre os brinquedos e brincadeiras dos moradores da comunidade de Flores, em Ipu – Ce. Foi uma pesquisa de campo muito árdua, pois na época me faltavam meios de locomoção e meios de registros. Eu era apenas uma estudante pesquisadora, sem salário e sem facilidade financeira. Mas tal pesquisa foi também muito prazerosa, pois escolhi a comunidade de Flores que fica no meu sertão ipuense.

Em 2010, passei no concurso para professora de Artes do ensino básico no município de Caucaia – Ce. Por ser 200h/a, senti muita dificuldade nesta distribuição, pois

ensinei em seis escolas, para atender a minha carga horária. Hoje nas escolas há uma flexibilidade, pois criamos nossas próprias metodologias atendendo as normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

No mais, entendo a necessidade urgente de mais professores com formação em Artes assumindo suas devidas disciplinas, pois nos deparamos com professores de outras disciplinas ministrando Artes, apenas para completar suas cargas horárias.

Mesmo lecionando, nunca deixei de produzir e participar de exposições. Em novembro de 2016, participei da Mostra “Conter”, com quatro trabalhos em acrílica sobre tela que foram produzidos no decorrer do curso de Artes Plásticas do CEFET.

Em 2011, a convite de um amigo, fui fazer parte do grupo de ilustradores do estado do Ceará, no Programa de Alfabetização na Idade Certa – PAIC. Esse Programa tem como finalidade apoiar técnica e financeiramente os municípios para ampliar as oportunidades de desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, na etapa inicial de Alfabetização, além de promover uma melhoria na aprendizagem em todo o ensino Fundamental I e II dos alunos da rede pública de ensino.

Iniciei no PAIC em 2012 e já illustrei cinco livros, dentre eles, **O Rei e a Flor Amarela** (figura 22).



Figura 22 - Vaso estampado de flor. Fonte: arquivos da autora (2021).

Esse livro foi lançado em 2015. É um trabalho autobiográfico onde a personagem principal veste uma estampa que existe na minha memória afetiva. O processo dessa obra se deu quando senti a necessidade de materializar o sentimento *amor* em palavras e disso resultou uma história infantil.

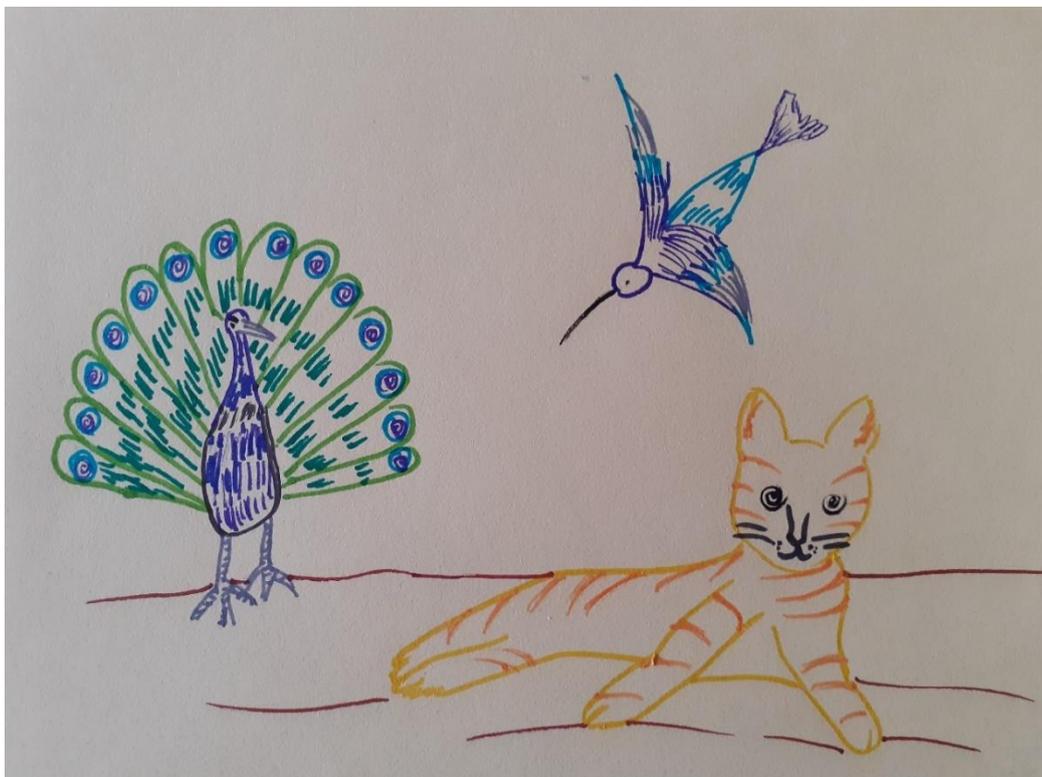


Figura 23 - Gato amarelo, pássaro e pavão do sertão. Fonte: arquivos da autora (2021).

Na proporção que ia fazendo minhas ilustrações infantis e minhas séries de animais em óleo sobre tela, ia me questionando e buscando um meio para responder essas minhas perguntas (Figura 23). Foi quando pensei num mestrado que me ajudasse a suprir os meus anseios enquanto professora e artista.

Em março de 2020, fomos tomados pela pandemia da Covid-19 e foi quando surgiu o edital para o Mestrado em Artes, o Prof-Artes, pela Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC, para a Universidade Federal do Ceará – UFC. Submeti o meu projeto à seleção do Mestrado e passei.



Figura 24 - A menina e os olhos meus. Fonte: arquivos da autora (2021).

Nesse período meu trabalho passou a ser remoto e voltei a morar com meus pais, no sertão. Foi um momento que nos chegou cheio de dores, dúvidas, perdas, medos e incertezas. Ademais, as dores voltadas ao medo de não conseguir dominar as ferramentas digitais para arcar com as minhas responsabilidades enquanto professora de Artes à distância, de modo remoto (Figura 24).

Um momento desafiador, porém, aproveitei o aconchego de casa de mãe para amadurecer meus projetos, renovar meus sonhos antigos.

Como diz Thiago de Mello (s/d, n.p.): “Faz escuro, mas eu canto”.

Começamos nossas aulas remotas das primeiras disciplinas do Mestrado em maio de 2021 e todo o direcionamento para a minha pesquisa era vasto e propício. Aqui no nosso Mestrado Profissional em Artes, havia um ler, contextualizar e executar.

Passei a ser professora e aluna remota e uma pergunta que sempre surgia era: até onde e a quem chega as minhas aulas de desenho neste contexto de sala de aula virtual?

De todas as coisas novas em tempos remotos as que mais me chamou e ainda chama a atenção é a forma que cada professor de Artes conseguiu e consegue obter para se adaptar a sala de aula remota.

A outra foi a estranheza de fazer da nossa casa a sala de aula e o não domínio do público que se apropriaram e se apropriam da sala, já que cedemos e, ao mesmo tempo, são cedidos espaços íntimos para compartilhar conhecimento.

Construir a minha narrativa autobiográfica me levou a reviver o meu tempo de infância reconhecendo que apesar da carência no ensino da arte e a simplicidade da escola/casa e no meu interior sertanejo, reconheço que vivi momentos plurais e únicos onde só a simplicidade do campo e o sentir de uma criança ávida de experiências pode nos proporcionar. Segundo Sarmiento, (2011, p. 23):

A infância é um conceito heterogêneo, plural, construindo uma categoria geracional, cuja construção é social e historicamente muito diferenciada; como defendem os sociólogos da infância James e James “a conceitualização e experiência de infância não é universal, ela varia segundo o tempo e o espaço em que se desenvolve”.

Narrar a minha história de vida neste capítulo serviu não apenas para me encontrar com meus alunos numa atmosfera de igualdade, mas serviu para eu me encontrar comigo mesma e reconhecer que a minha aproximação com a profissão de artista e professora aconteceram bem antes do tempo que eu imaginava, ainda na infância. E aprendi com isso que a minha história de vida está inserida num espaço e tempo que contam e contribuem para a história social e cultural da minha geração e das gerações futuras e pode vir a ser uma fonte rica de pesquisa científica.

Sintam-se convidados a continuar com a leitura do próximo capítulo, onde a escrita, apresentará o cruzamento do espaço compartilhado através da sala de aula virtual em tempos de pandemia e mostrará como surgiu a narrativa autobiográfica que ilustrou este primeiro capítulo, a qual dará início ao diálogo constante entre professora e alunos, fazendo com que a pesquisadora se reconheça também como sujeito de pesquisa através do desenho gráfico e encontre ferramentas que promovam a abertura para a troca de saberes.

### 3 UMA SALA: DA LOUSA DE CIMENTO À LOUSA DIGITAL

*Sei quase nada meu senhor  
 Só que sou pétala, espinho, flor  
 Só que sou fogo, cheiro, tato, plateia e ator  
 Água, terra, calma e fervor  
 Sou homem, mulher  
 Igual e diferente de fato  
 Sou mamífero, sortudo, sortido, mutante e  
 colorido,  
 Surpreendente, medroso e estupefato  
 Sou ser humano, sou inexato*

*Renato Luciano*

Mergulhando no passado de uma infância tão ditosa e voltando à minha casa como sala de aula, contei-me a vocês através da minha narrativa autobiográfica.

Descrevendo o meu trajeto profissional até aqui, repensei as diversas formas de aprender e ensinar a Arte, entendendo e respeitando as dificuldades de espaço e tempo de cada aluno e professor de Artes num estado de conquistas diárias que percorrem delimitações legislativas e políticas com suas evoluções, muitas vezes, lentas, porém com pilares fortalecidos pelo tempo.

Como já colocado, esta pesquisa se fortaleceu no âmbito do mestrado Prof-Artes, na Universidade Federal do Ceará - UFC, em tempos de pandemia.

Por volta de dezembro de 2019, surgiu na China um novo vírus que recebeu o nome técnico de coronavírus, que ao pé da letra significa vírus coroadado, o qual transmitia a Covid-19. Tal vírus se espalhou por todo o mundo, matando milhares e milhares de pessoas, inclusive no Brasil. Com a chegada deste, fomos obrigados a mudar nossos modos de vida, dentre eles a nossa forma de ensinar. Nosso ambiente escolar precisou se adequar à fragilidade imposta pela contaminação. Nossa sala de aula foi transferida para nossas casas através de meios eletrônicos que nos possibilitaram uma aproximação sem contaminação.

O decreto de confinamento no Brasil teve início em março de 2020 e até fevereiro de 2022, o tempo e as matérias sofreram alterações e tivemos que nos adaptar aos novos modos

de dar e receber aulas. Foi no decorrer deste momento delicado, porém inovador, que dei início ao Mestrado e a minha pesquisa em Artes. Foi também nesse mesmo momento delicado que retornei à minha casa de infância.

Devido às normas de distanciamento social e às possibilidades que o trabalho remoto permitiu, fui morar no sertão de Ipu, Ceará, na Fazenda Marruás, com meus pais idosos. Nossa casa era e ainda é uma casa simples do sertão cearense construída de taipa que com o passar do tempo sofreu algumas alterações. Vale ressaltar que fui alfabetizada por minha mãe que era professora rural e que para atender seus alunos foi construída, na parede da sala de estar da minha casa de infância, uma lousa de cimento onde as aulas eram dadas às crianças de casa, da redondeza e aos adultos analfabetos que queriam aprender a ler e escrever. Na nossa sala de aula não existiam carteiras, nós sentávamos em bancos de madeira. Isso se deu por volta de 1976 a 1987.

Apesar do contexto doloroso da força do vírus, o aconchego de casa me permitiu realizar um sonho: passar num Mestrado em Artes. Submeti um projeto que foi sendo modificado devido toda essa vivência e novas medidas de distanciamento social no combate à Covid-19, que de início pensávamos durar poucos meses, mas foi durando anos.

Os espaços das salas de aulas escolares foram substituídos por grupos de *whatsapp* ou pelo *Google Meet*. Os celulares e os *notebook's* viraram suportes de comunicação e substituição de lousas.

Nas primeiras disciplinas que fiz junto ao Mestrado em Artes, na Universidade Federal do Ceará, no início de maio de 2021, deparei-me com a disciplina de Histórias de Vida em Formação ministrada pelos professores Luiz Botelho, Pedro Rogério e Silvia Elisabeth Moraes e foi nela onde descobri que a minha história não podia ser isolada do que eu sou atualmente e principalmente da profissão a qual escolhi seguir (figura 25).

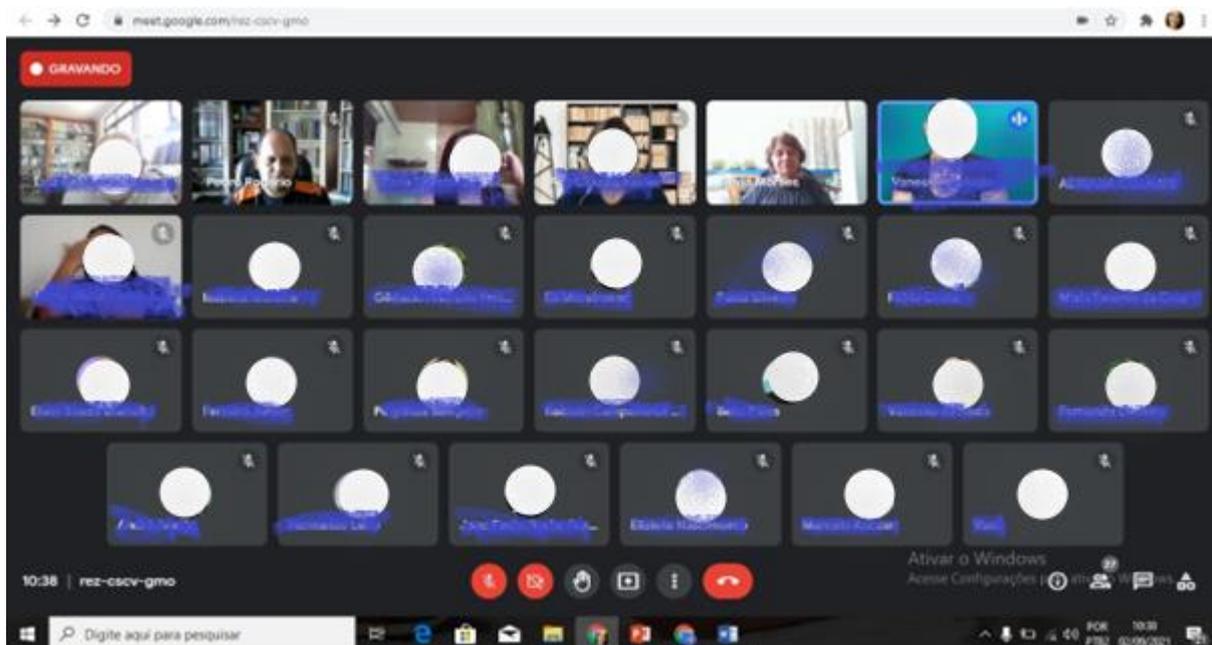


Figura 25 - Disciplina História de Vida em Formação. Print de tela. Fonte: arquivos da autora (2021).

Sou Artista Plástica e Professora de Artes há 13 anos. Pinto desde criança e contar a alguém a minha história de vida através da arte, neste retorno à minha casa de infância, foi um modo de me reafirmar de forma organizada com quem fui, com quem sou e com o que pretendo. E cozer cada retalho que compõe a colcha da minha vida é entender de onde vem o gosto pelo conto, o qual já fui plateia e hoje sou autora. À medida que fui ouvindo a história de vida de outras pessoas, colegas e professores da disciplina, fui me sentindo à vontade para contar um pouco de mim. Fui observando, valorizando e contando a mim mesma coisas que a correria do dia a dia não me permitia mais ver e até mesmo valorizar.

A sala de aula virtual chegou para encurtar a distância, evitando a propagação do vírus, dando continuidade à educação e à pesquisa, porém ao encurtar essa distância, nos deparamos com situações que direcionaram nosso planejamento para um outro caminho antes não pensado.

Mostrar a minha janela (figura 26), cenário que dá para uma paisagem sertaneja onde pássaros cantam, bezerros berram, bois mugem e o vento seco sopra enxugando roupas, levando garranchos, folhas secas e poeira de um canto para outro, foi motivo de grande atração para o grupo, pois além de contar a minha história, em alguns momentos de apresentação através da fala, eu mostrava muito quem sou através do meu cenário que englobava e engloba uma paisagem viva repleta de imagens e sons.



Figura 26 - Janela para os outros. Fonte: arquivo da artista (2021).

Não menos admiração era a minha ao visualizar as janelas virtuais dos professores e colegas. Essa vivência gerava em mim, a mesma ou maior atração que a deles. Nas janelas virtuais dos outros participantes das aulas, que me chegavam, eu pude observar esculturas de corujas, estantes de livros, instrumentos musicais e, muitas vezes, pessoas que acabavam passando no espaço da sala. Isso era algo bastante novo que gerava encantamento e estranheza.

Adentrar na casa de cada participante das aulas não era apenas ouvir as suas histórias de vida, mas antes visualizar um pouco delas numa tela que aparecia como ferramenta de aproximação no nosso período pandêmico: a tela do computador. Existia um

compartilhamento de casas, um compartilhamento de sentimentos. Essa perplexidade de encantamentos me fez viver o novo de novo.



Figura 27 - Fazenda Marruás. Fonte: arquivos da autora (2021).

Como já narrado no capítulo anterior, a minha escola era a minha casa de infância (figura 27), a minha sala de aula era a sala de estar da minha casa, que tinha uma lousa de cimento na parede e era aberta para as crianças da região, para a tão básica alfabetização. A antiga sala de aula da alfabetização e do Mobral da Fazenda Marruás era agora a mesma sala do meu tão sonhado mestrado em Artes. A minha casa de infância voltou a ser um espaço escolar compartilhado com outros, onde as pessoas de casa sedem mais uma vez um compartilhamento de aprendizagens teóricas e práticas. A seguir imagens da antiga sala de aula rural (figura 28) e de minha mãe, minha primeira professora (figura 29).



Figura 28 - Antiga sala de aula rural. Fonte: arquivos da autora (2021).



Figura 29 - A primeira professora. Fonte: arquivos da autora (2021).

Hoje, os bancos de madeira não existem mais, pois cederam lugar para outras funcionalidades da casa e a antiga lousa de cimento na parede foi pintada de cal, dando espaço para algumas pinturas minhas, fotografias da família e imagens de santos, mas a sala e a casa ainda são as mesmas. A minha primeira professora, a minha mãe, está com uma idade bem avançada, mas a sala e o alpendre onde sentávamos para ela contar historinhas de contos de fadas para mim e meus irmãos, passaram por poucas modificações.

Em maio de 2021, no momento de aulas remotas transmitidas através do *Google Meet*, nos foi ofertada a disciplina Estágio de Docência I e pude participar da disciplina de Arte-Educação no Curso de Pedagogia, ministrada pela Professora Dr.<sup>a</sup> Luciane Germano Goldberg, que é também a minha orientadora nesta pesquisa. Essa disciplina além de chegar aprimorando

nosso conhecimento enquanto artista educadora, chegou também me deixando mais confortável com relação à insegurança gerada pela real situação na qual estávamos inseridos, a insegurança desse novo meio de assistirmos e darmos aulas no período de distanciamento social (figura 30).

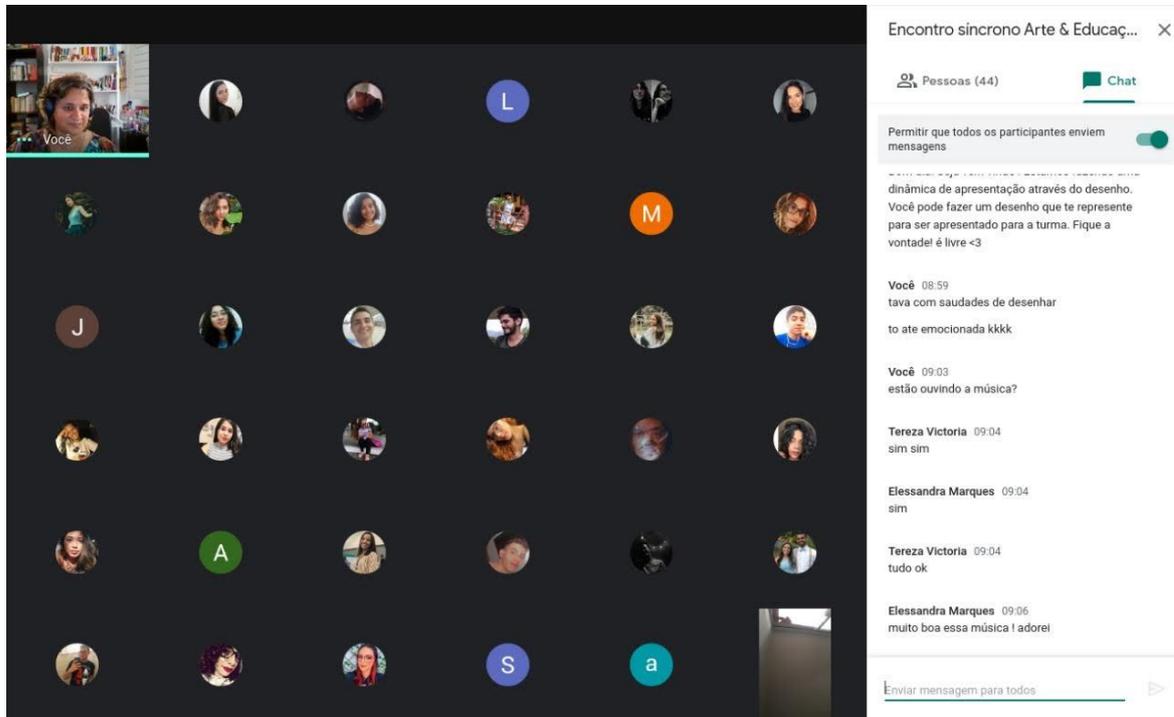


Figura 30 - Disciplina de Arte Educação. Print de tela. Fonte: arquivos da autora (2022).

A professora Luciane fez um grupo onde os participantes éramos ela, eu, uma colega do Prof-Artes, Fabrícia de Macedo e duas alunas bolsistas, monitoras do Programa de Iniciação à Docência (PIBID): Elessandra Marques e Natália Lima. Esse grupo foi muito importante, pois serviu para nos apoiarmos não apenas no que dizia respeito às atividades da disciplina, mas principalmente nos momentos de inseguranças relacionados ao uso das novas ferramentas digitais e das dificuldades que iam surgindo (figura 31).



Figura 31 - Grupo de Arte Educação. Fonte: arquivos da autora (2021).

O grupo nos assegurou confiança e carinho. As aulas da disciplina aconteciam todas as quintas e a primeira aula foi realizada no dia 13 de maio de 2021. Nossos encontros aconteciam sempre ao final de cada aula. Conversávamos, tirávamos as dúvidas, trocávamos ideias, compartilhávamos nossas dificuldades e tentávamos esquecer as dores que a Covid-19 nos causava. Buscávamos, mesmo à distância, comemorar datas festivas como o São João. Cada um mantendo o distanciamento em suas casas e tentando se proteger com álcool líquido ou em gel (figura 32).



Figura 32 - Um São João a distância. Print de tela. Fonte: arquivos da autora (2021).

Nesta mesma disciplina de Arte/educação, nos foi sugerida uma Linha do Tempo. A proposta era nos apropriarmos de uma técnica artística para contarmos nossa trajetória com a arte para a turma. A apresentação seria feita ao final da disciplina (Figura 33).



Figura 33 - Lembrete da Linha do Tempo. Fonte: arquivos da autora (2021).

Juntei então alguns fragmentos da minha memória afetiva com paisagens e objetos que assim como a minha memória permanecem vivos naquele espaço onde o tempo parece não passar. Escolhi o desenho porque achei ser a técnica mais acessível para o momento em tempos de pandemia. Papel ofício e canetinhas coloridas foram meus suportes e ferramentas para esta prática.

Minha história foi sendo contada através do meu desenho. Utilizei essa narrativa para me apresentar à minha professora e colegas e pude sentir que antes de estar me contando para eles, eu estava colocando no desenho o que é natural em mim. Trazer à tona a minha memória afetiva de criança no mesmo lugar onde passei a minha infância me apropriando da Arte/educação para bem me expressar, foi algo marcante onde os sentimentos externos e internos se encontraram no mesmo lugar e de forma mais potente.

Se rever, a partir do pedido de realização de uma Linha do Tempo para esta disciplina, foi voltar o tempo no recorte de uma infância pueril numa casa de taipa, na Fazenda Marruás, no sertão de Ipu-Ce. O recorte foi feito através da memória de uma mulher artista e professora que revive sua infância no mesmo lugar e com quase todas as pessoas que permaneceram com o passar do tempo. Agora, cada uma com suas marcas de expressão adquiridas com o tempo.

Narrar minha história através de meios ofertados pela Arte/educação foi expressar algo que antes não existia e rememorar a minha infância foi sentir imediatamente um elo com os meus alunos de 6º anos, os quais assim como eu criança, viveram o momento virtual em suas salas de aulas em casa com poucos recursos, mas agora, diferente do meu tempo de criança, tinham professores que utilizavam a Arte/educação como modelo educacional.



Figura 34 - Uma casa com sala de aula dentro. Fonte: arquivos da autora (2021).

Nesta narrativa desenhada, busquei a simplicidade dos traços através de pontos e linhas que se fechavam dando forma ao imaginário presente nas lembranças e a cópia das formas observadas a partir do que ainda existe ali.

Ao final, senti uma grande receptividade do grupo de colegas, que receberam minha narrativa desenhada de forma atenta e muitos comentários foram sendo feitos acerca da minha apresentação.

Segundo João Francisco Duarte Jr. (2012, p. 75), a:

[...] Arte-Educação é o sentido pessoal que cada um tem em transmitir conhecimento e perceber o conhecimento do outro: Creio na liberdade de expressão, garantida a todos: mestres e discípulos. Porque arte-educação, no fundo, nada mais é do que o estímulo para que cada um exprima aquilo que sente e percebe.

Foi assistindo e apresentando esse princípio de atuação da Linha do Tempo, que percebi o desenho como um excelente canal de aproximação de mundos e foi quando senti a necessidade de mediar um trabalho artístico com meus alunos, que proviesse da participação

atuante e da troca de experiências do grupo. Gostei tanto do resultado que decidimos utilizar minha narrativa desenhada como primeiro capítulo desta pesquisa e utilizaremos também como ferramenta inicial na pesquisa com o intuito de instigar o diálogo entre alunos e professora, no terceiro capítulo.

### **3.1 A lousa digital e o contágio da arte**

Após sentir a necessidade de pesquisar narrativas (auto)biográficas com crianças de 6º anos da Escola Pública na qual leciono, fez-se necessário mergulhar nas muitas leituras em torno da compreensão de infância e de criança para assim encontrar a luz que norteia a história de vida de grupos sociais onde as crianças estão inseridas.

Nos aprofundamos em “A Psicologia da Criança”, de Jean Piaget e Bärbel Inhelder, onde os autores nos deixam claro e detalhado, em seus textos, que o crescimento de uma criança, não pode estar dissociado do crescimento físico e muito menos embrionário. Nos aprofundamos também no livro “O Nascimento da Inteligência na Criança”, de Jean Piaget, que são referências na área da pesquisa sobre o universo da criança e que muito bem aborda aspectos da inteligência sistemática, assunto este que define a pesquisa sobre a fase da invenção e representação.

No decorrer da história, as crianças eram vistas como alguém completamente dependente do outro, ou seja, completamente submissas ao adulto. A infância foi pouco vista e pesquisada no passado, mas nos dias atuais, percebemos através de estudos, que a criança evolui de acordo com o meio.

Segundo Luciane Goldberg e Ana Maria Monte Coelho Frota, no artigo “O Desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo”: “[...] a infância passa a ser compreendida como uma construção social, apresentando-se de forma distinta em cada sociedade e contexto cultural” (Goldberg; Frota, 2017, p. 173).

Neste artigo com relato de experiência, ficou clara a afirmativa acima, pois o público trabalhado na pesquisa é de crianças com baixo poder aquisitivo e que moram nos entornos da escola onde suas casas são simples e humildes, fazendo parte de um mesmo contexto social nos quais as necessidades básicas são quase sempre as mesmas. Muitas casas pequenas com muitos membros fazendo parte do mesmo espaço. Já outras, um pouco maiores.

Transpondo essas realidades para o que eu estava vivendo durante a pandemia com as aulas remotas, tivemos casos de algumas crianças sem pai, outras sem mãe criadas por avós. Apareceram crianças que faziam ou mesmo tentavam fazer suas atividades com seus irmãos

bebês no colo enquanto a mãe preparava o almoço. Algumas vezes essas histórias iam sendo contadas pelo cenário que iam sendo mostrados pelas janelas virtuais, outras vezes essas histórias eram narradas pelos pontos que davam seguimento as linhas dos desenhos que iam surgindo a partir do diálogo instigado por mim. Segue o print da tela do computador onde aparecem professora e alunos em seus espaços improvisados para a sala de aula virtual (figura 35). Vale ressaltar que a escola foi informada sobre a pesquisa e a necessidade do uso de dados e imagens dos alunos, os quais pedi e me foi permitido o consentimento da imagem dos alunos aos próprios, e aos seus responsáveis. Esse consentimento foi permitido também ao uso da imagem dos desenhos que serão apresentados no corpo da pesquisa. Devido aos cuidados e distanciamento contra a Covid-19, o Termo de Consentimento foi deixado na Secretaria da Escola Flávio Portela Marcílio, onde os pais ou responsáveis, acompanhados com os alunos, foram presencialmente ler e assinar o documento. A comunicação foi feita através dos encontros no *Google Meet* e por recados nos grupos de *Whatsapp*.

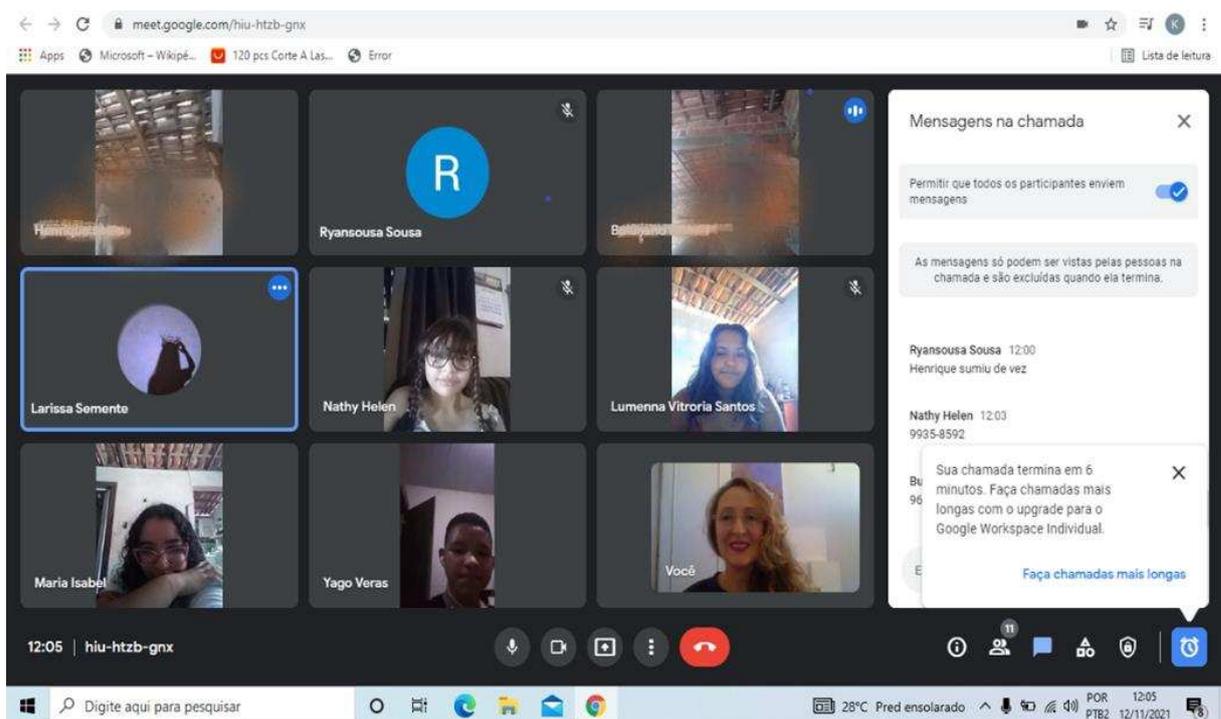


Figura 35 - Janela para os outros 2. Print de tela. Fonte: arquivos da autora (2021).

Nesse campo virtual onde me achei inserida em uma diversidade de casas, retomei à historinha infantil “Um Sentimento Chamado Casa” de autoria de Bianca Gonzales, uma escritora iniciante que começou a escrever quando sentiu a necessidade de se aproximar de um personagem de um livro que leu na sua infância. Segundo Gonzales, (2013, p. 3): “Decidi

começar a escrever histórias, quando li na escola uma história sobre um menino que se chamava Rui e eu queria ser amiga dele, então tive que criar a minha própria história, onde eu conhecia o Rui e brincava com ele.”

E esse livro que citamos aqui foi escrito para o público infantil, partindo da necessidade que Bianca teve de justificar para o filho o seu desejo de estar sempre mudando de casa. Assim, a escritora fala das diversas composições construídas dentro da diversidade de “paredes” que se chamam casas.

Dentro das diversas casas que estive presente pude reconhecer e ser reconhecida por alguns membros que já haviam sido meus alunos na infância. Deparei-me com acolhimento, mas deparei-me também com estranheza de ver e ser vista a partir do compartilhamento do meu espaço “sala de aula – casa”.

A participação de outros, que não eram os alunos da pesquisa, deu-se algumas vezes para matar a saudade, outras por curiosidade e outras atraídas pelo simples desejo de participar de algo convidativo que chegava em sua casa semanalmente: A ARTE.

A sala de aula virtual foi nos apresentando também um contágio que a Arte acabou transmitindo sem uma intenção prévia.

Pudemos perceber também a mudança de comportamento de alguns membros que de início tiveram a intenção de perseguir e atrapalhar agressivamente o percurso das atividades através de comentários indesejados e fora do contexto, mas com o passar dos dias, a agressão foi sendo substituída pela participação ativa e o receio de ser desligado da ação.

### **3.2 A sala de aula virtual e sua relação com o desenho**

A pesquisa em Arte, no contexto pandêmico que nos encontrávamos, é algo que merece destaque.

A sala de aula virtual chegou para encurtar a distância, evitando a propagação do vírus, dando continuidade à educação e à pesquisa, porém ao encurtar essa distância, deparamos-nos com situações nas quais direcionaram nosso planejamento para um outro caminho antes não pensado e que merece um espaço exclusivo.

Refletir sobre narrativas (auto)biográficas, através do desenho infantil na sala de aula virtual, a partir de um espaço de tempo incomum, tornou-se um pouco difícil no que diz respeito ao tatear da arte, porém o período de confinamento, foi algo curioso e instigante, pois além das narrativas esperadas através de desenhos, podemos enquadrar também nessas narrativas um outro espaço que transcendeu a criação ilustrativa para a criação familiar. A criação apareceu

aqui nos dois sentidos da palavra: o criador e a criatura, existindo a interferência dos pais e irmãos na liberdade de criação do aluno durante as atividades promovidas pelas aulas que fizeram parte da pesquisa.

Ademais, cabe destacar também, que a pesquisa com narrativas (auto)biográficas através do desenho com crianças, no contexto vivido da sala de aula virtual, transcendeu para um novo olhar sobre a ilustração antes pensada apenas através dos desenhos executados no papel. O raio de acesso virtual que o computador nos proporciona, alcançou uma composição ilustrativa que englobou o espaço apresentado. São recortes de vida e impressões que vão sendo fixados e compostos no espaço ilustrativo das atividades.

Receber e dar-se ao outro através de uma janela virtual, despertou timidez, admiração e entusiasmo aos participantes (figura 36).

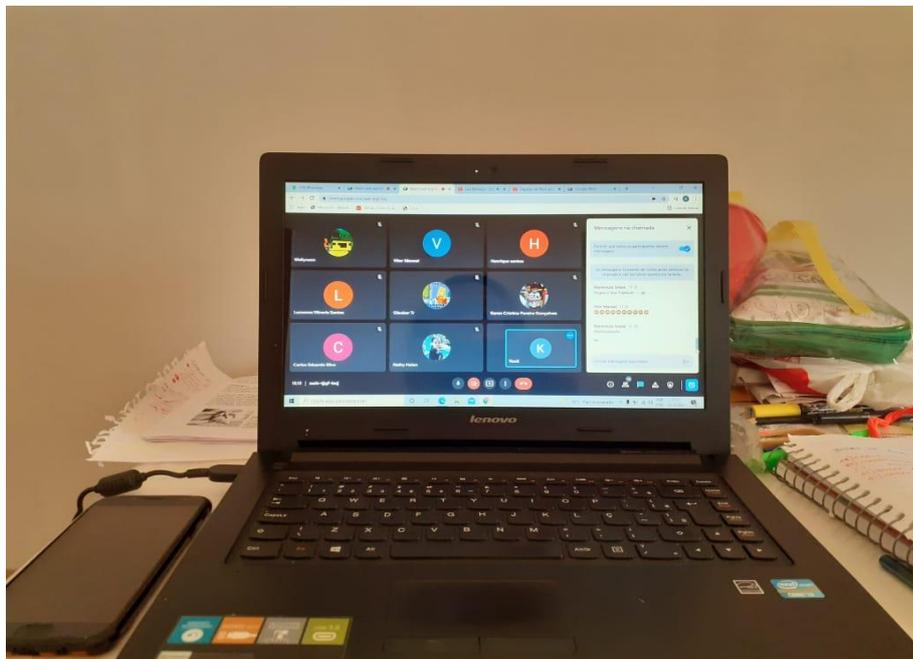


Figura 36 - Janela para os outros 3. Print de tela. Fonte: arquivos da autora (2021).

Vivenciar essa sensação de olhar o gosto dos outros através da experiência em arte, utilizando a tecnologia, remeteu-me à sensação descrita por Flávio Desgranges (2004, p. 12): “A tecnologia – e a invenção da lâmpada elétrica é um marco fundamental – permitiu redimensionar o palco iluminando a cena, inventando sonoridades, tonalidades, profundidades, multiplicando sensações”. No decorrer das perguntas dos alunos, pude perceber que eu não estava sozinha nessa perplexidade de olhar o outro e sua casa.

Podemos falar também de uma composição televisiva continuada através da sensação do observador e do observado, já que é clara na pesquisa, a curiosidade de enxergar o

que não aparece visualmente na tela, mas que aparece em vultos e sons.

Nossas biografias são apresentadas não apenas através de nossos desenhos e de nossas falas, mas também fazem parte das narrativas (auto)biográficas as “texturas” sonoras e visuais, além do aluno e do professor.

Nos deparamos, através do raio que a sala de aula virtual nos mostra, com o encantamento e curiosidade dos espaços físicos de cada indivíduo participante das atividades. Além da perplexidade de olhares, algumas vezes estáticos, de pessoas que apareciam fazendo parte da plasticidade da janela, quem mais estava ali?

Ao mesmo tempo em que eu me perguntava em silêncio, quem e quantas pessoas estavam me assistindo, eu recebia perguntas e pedidos do tipo: onde você mora? Eu posso ver o restante de sua casa?

Nos encontramos confinados dentro de nossas casas num tempo de delicadez e podermos adentrar o espaço do outro através da janela do computador, mais uma vez, remeteu-me ao Desgranges, quando ele discorre sobre a experiência no teatro, através do artigo, “Quando Teatro e Educação Ocupam o mesmo Lugar no Espaço”. Segundo ele: “A visitação seguia pelas muitas galerias fechadas, quando, no meio de uma sala surge, surpreendentemente, uma janela que nos deixa ver, lá fora” (Desgranges, 2004, p. 10).

Traçando esse paralelo de sensações podemos ver que essa experiência teatral é extensiva e serve a muitas reflexões em Arte Plásticas e que ela serve de fonte para um olhar admirador da Educação em Arte como um todo.

Tal cenário nos deixa claro também, o desejo de dar continuidade visual ao que não se enquadrava no espaço padronizado pela tela. Há a continuidade do outro. Ainda sobre a experiência de Flávio Desgranges (2004, p. 10 ): “Postei-me diante da janela durante longo tempo e percebi que não estava só”.

A tela do computador aparece na pesquisa não apenas como suporte para uma aproximação, mas chega emoldurando o desenho e todo o cenário em volta. Ela também chega mostrando e instigando a nossa imaginação para dar continuidade ao que existe no plano de fundo e espaço além do enquadramento da tela: o espaço casa. Essa casa foi, muitas vezes, apresentada em vários locais diferentes, como a casa da avô, a casa da vizinha, a casa de uma amiga, o carro do pai ou a sua própria casa.

### **3.3 Janela para os outros**

Junto a sala de aula virtual, método imposto pela pandemia do novo coronavírus,

minha pesquisa em Artes com crianças da escola pública de Caucaia apontava um novo questionamento que me chegava acompanhado do medo de se expor, pela invasão de espaço casa que antes era algo íntimo e separado do ambiente de trabalho e que agora volta a ser como a minha casa de infância que servia de espaço para as aulas das crianças de casa e as crianças da vizinhança. Como o novo formato de dar aulas nos possibilitou portabilidades, pudemos assistir e dar aulas em outros lugares que não fosse a nossa casa.

O comportamento era novo ao meu olhar de professora efetiva desde 2010. O novo era realmente novo em tudo. No modo de ministrar, no modo de olhar e ser olhada.

Nesta experiência há a interação direta do pesquisador com o objeto de pesquisa que acabou sendo pluralizado pelo seu meio social.

Antes da sala de aula virtual, eu pensava ler as narrativas de forma particular através do desenho individual de cada aluno, mas agora, o aluno e eu estávamos sendo olhados, escutados e até mesmo atendidos diretamente pelos participantes das atividades: os membros da casa de cada um, tanto da casa do eu professor quanto da casa dos alunos.

O computador apresenta nossa intimidade de casa através da tela, a qual eu preferi chamar “janela”.

No entanto, diante do desejo de ver e ser visto ao encantamento do novo e do mostrar e ser mostrado, este tipo de aula, nos pôs em face à complexidade desses dois termos: experiência e identidade.

O que inicialmente seria suprido através do desenho realizado por alunos e professor, agora é norteadado pela exposição desmedida e a perda de privacidade gerando um novo caminho, o do medo.

À medida que eu ia pesquisando, eu ia sendo pesquisada, olhada, tomada através do espaço físico da minha casa outrora resguardada do espaço de trabalho.

Larrosa (2002) e Martins Jay (2009) lembram a associação entre experiência e perigo, na medida em que “provar” (*expereri*) contém a mesma raiz (*per*) de “perigo” (*periculum*).

Com base nessas duas vivências experimentadas no decorrer da pesquisa, posso dizer que apesar do prazer realizado através de algo almejado para um crescimento profissional, minha experiência com a sala de aula virtual significou também sentir os riscos do perigo.

O perigo experimentado aparece em meio à fragilidade de se expor e expor os participantes diretos a outros que me são desconhecidos, mas que para as crianças podem representar submissão e fragilidade dentro de um contexto vivenciado única e exclusivamente por ela. Ao mostrarmos nossas casas, estamos dando acessos às nossas fragilidades no que se

refere ao contexto social. Antes das aulas remotas, os alunos se encontravam na sala de aula onde todos se mostravam semelhantes, onde as fardas proporcionavam um pé de igualdade para todos, porém nos encontros remotos as informações foram passadas de forma gritante onde todos tínhamos acesso as condições físicas e estruturais dos alunos onde a desigualdade social era retratada através da tela do computador sem filtro, onde a realidade foi mostrada de forma nua e crua.

Contudo, a arte falou mais alto e o desejo de participação nas atividades foi demonstrado de forma empolgante e os desenhos pareciam erguer castelos de papéis, onde a felicidade superou, o medo e a timidez, e acabou reinando em cada encontro.

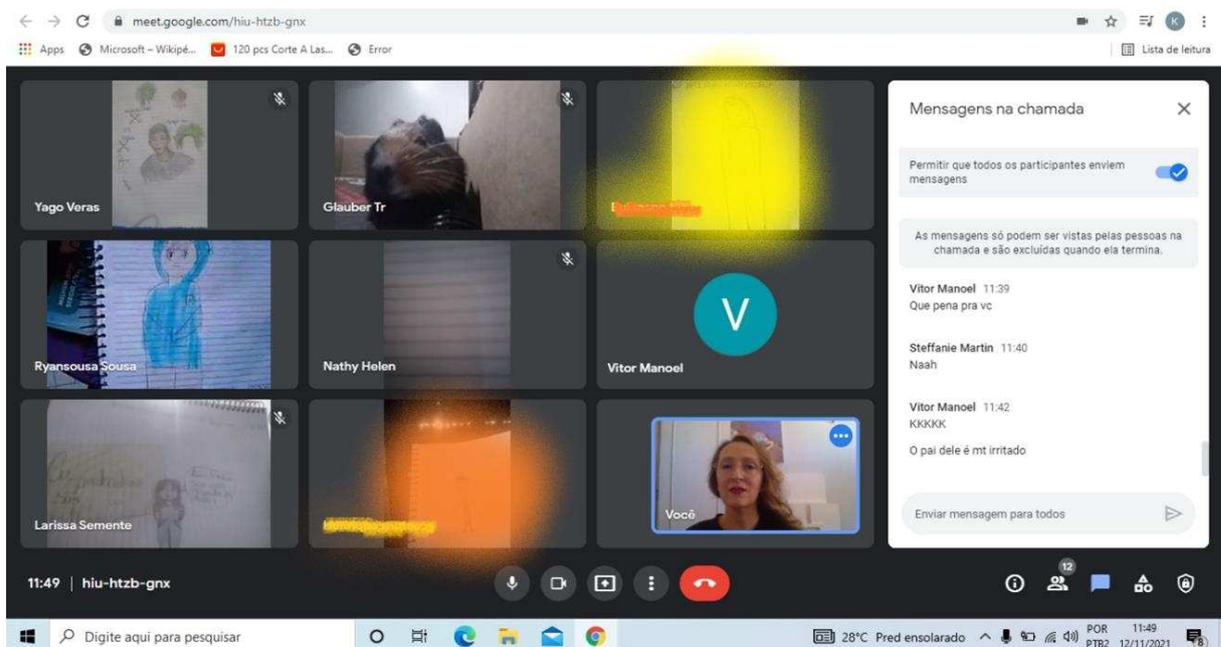


Figura 37 - Bichos entre nós. Print de tela. Fonte: arquivos da autora (2021).

E pensando em algo que pudesse unir o encanto e a leveza que o desenho proporcionou ao grupo, o conforto de poder se mostrar aos outros e todas essas sensações em volta dessa forma invasiva de dar e receber aulas nesse tempo tenso de pandemia, construímos um Conto, a partir das narrativas, o qual tornou essa experiência fascinante como os contos narrados por minha mãe, quando eu era criança, nas noites do sertão.

Dessa forma, continuamos esta pesquisa na perspectiva de dar prosseguimento a uma escrita leve, onde o desenho foi a nossa ferramenta principal. Nos debruçamos não apenas no vivido anteriormente, mas mantendo um diálogo com o passado de uma infância pueril e

com um presente cheio de contações onde respeitamos o espaço de cada um, buscando através do desenho suas identidades culturais, principalmente neste momento em que as aulas aconteceram num dos espaços mais íntimos que possuíamos: a nossa casa.

#### **4 UM PONTO, UMA LINHA E UM CONTO: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DESENHADAS POR PROFESSORA E ALUNOS DE 6º ANOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CAUCAIA-CE**

*O meu desenho é só meu. É o que me identifica,  
me representa, me diferencia do outro, me conta,  
me revela, me desafia.*

*Luciane Goldberg (2021, p. 23)*

O sonho que aqui se iniciou através da realização de um Mestrado em Artes e que seguiu através das linhas que deram continuidade ao diálogo desenhado entre professora e alunos é o ponto alto desta pesquisa.

Quando vamos começar um desenho, a primeira coisa que fazemos é um ponto, que irá dar seguimento à linha que dará forma ao desenho. Em nossas vidas há sonhos importantes que se parecem com desenhos. Muitas vezes, temos eles dentro de nós como um pontinho que precisa da fricção de ações para gerar força e serem continuados e realizados.

Segundo Edith Derdyk (1989, p. 28): “Tal como a linha, o ser humano tem direito ao sonho. O exercício do ato visionário pode se realizar em qualquer atividade, seja de natureza pratica ou teórica, artística ou científica”.

Sonhar é desejar, é perceber algo desejado antes de sua realização. A linha revela a nossa percepção gráfica e quanto maior for nosso campo perceptivo, mais revelações gráficas obteremos, daí a importância do sonho tanto para a existência do ser humano como para o ato de desenhar.

O meu desejo de realizar um mestrado era muito grande, mas parecia algo inalcançável. Até que chegou o período da pandemia e apesar das dores e medos que nos rondavam, consegui realizar meu sonho que foi iniciado e continuado pela fricção do meu retorno ao lugar onde vivi a infância: a casa dos meus pais, no sertão de Ipu-CE.

Como pudemos ver nos capítulos anteriores, esta pesquisa se fortaleceu, ou melhor, se estabeleceu, a partir do ponto que deu continuidade à linha, a qual deu início aos desenhos que contaram a minha história na Linha do Tempo que produzi na Disciplina Estágio de Docência I/Arte e Educação. E foi sentindo o potencial comunicativo do desenho que me apropriei destes para ilustrar o meu Memorial Descritivo na disciplina do mestrado e os utilizei também como instrumento que deu início aos diálogos e as trocas de experiências entre professora e alunos neste capítulo.

Aspirar um trabalho (auto)biográfico com um grupo é importante e primordial que haja, antes de tudo, a percepção de si.

Podemos considerar a pesquisa iniciada desde o momento em que eu Professora/Artista/Escritora despertei o olhar para a infinitude de experiências que tem cada um dos meus alunos e o quão eles têm a acrescentar na minha história de vida. Esta pesquisa começou então a partir do diálogo comigo mesma. Ao realizar meus desenhos, senti que eles não comunicaram só para os meus colegas, mas eles mantêm uma comunicação comigo e foi a partir deles que passei a me questionar sobre qual a minha missão enquanto Professora/Artista, ao me perguntar: quem sou eu, de onde eu venho e para onde estou indo?

Ao buscar me contar aos meus colegas do mestrado, aos meus alunos e aos leitores desta pesquisa através da arte, eu tive uma ressurgência da Klaudiana, criança sertaneja, que se fortalece hoje nos recortes desenhados da memória, nos momentos que eram guardados pela fragilidade da época. Aquele interior que foi deixado para trás na minha infância, pelo simples fato de ser visto pela grande maioria como um lugar oco, retorna como potencializador da professora, da artista e da arte que reverberam em mim.

Sentir-me convicta de quem sou me fortaleceu, principalmente, enquanto educadora para dar início à escuta sensível sobre a história de vida que foi sendo contada pelos meus alunos nas narrativas autobiográficas.

Ao me mostrar através dos desenhos pude sentir o início dessa troca de experiências, onde lentamente as crianças iam se sentindo à vontade para abrirem suas câmeras, fazendo perguntas e iam contando suas histórias diversas através do desenho que algumas vezes foram também verbalizados e escritos.

A narrativa desenhada por mim foi o passaporte para adentrar o universo particular dos meus alunos, passando a conhecer a história social e cultural deles.

Segundo Edith Derdyk (1989, p. 49): “Para penetrarmos neste território estranho e desconhecido, precisamos primeiramente arranjar um passaporte. Este passaporte seria a nossa

própria vivência da linguagem: o ato de desenhar. Não dá para falarmos de processo sem nunca termos passado por ele”.

Para conhecer a história dos meus alunos, precisei antes conhecer a mim mesma numa composição temporal na qual o desenho conseguiu me promover enquanto mediadora.

Ao falar de mim, estou falando do outro como tão bem define Martin Buber (2001) quando fala do “fenômeno do inter-humano”.

Desenhar a minha Linha do Tempo foi uma materialização dos meus questionamentos, minhas lembranças, minhas limitações, meus dramas pessoais e esse me contar desenhando chegou dando força à poética existente na Klaudiana Professora e Artista que se afirma enquanto tal, através de pontos, linhas e cores, para chegar até meus alunos, de um modo leve e, ao mesmo tempo, potente onde as narrativas de vida se inter cruzam num contar desenhando.

Ao chegar até aqui, consegui enxergar que meu caminho e dos meus alunos se cruzam não apenas no momento em que me reconheço de igual pra igual nas nossas casas singelas de infância, mas nos encontramos também na semelhança do processo de formação.

Aqui, em nossas aulas de campo, eu me percebi num encontro constante de formação com meus alunos, pois enquanto na Escola eles estão no processo de formação educacional e aprendem comigo, no Mestrado em Artes eu encontro-me em formação enquanto Professora Artista e adquirei com eles uma aprendizagem no meu modo de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos. Através da comunicação dos desenhos aqui apresentados nós aprendemos coisas essenciais, não apenas para a Arte, mas também para nos tornarmos pessoas virtuosas. São ensinamentos que, muitas vezes, passam despercebidos como o modo de ser gentil com nós mesmos e com os outros, e também o respeito que devemos ter com as diversidades.

Neste capítulo apresentaremos a fase exploratória dentro do grupo e espaço de pesquisa, definindo os instrumentos de construção de dados e as estratégias estabelecidas para a entrada de campo. Faremos uma análise dos desenhos e apresentaremos as narrativas (auto)biográficas que foram surgindo a partir da colaboração do desenho da professora e dos alunos no diálogo entre os saberes vividos, os quais geraram um Conto.

Os dados foram construídos com alguns estudantes pertencentes de todas as turmas do 6º anos (A, B, C e D) da Escola Pública Flávio Portela Marcílio, em Caucaia-CE. Escolhi alunos de 6º anos por já ter com eles uma relação bastante afetuosa e porque rememora a minha infância. Optei pela Escola Flávio Portela Marcílio porque foi a primeira escola que entreguei

minha carta de admissão do concurso de professora efetiva, em julho de 2010, e na qual mantive maior tempo dentre as seis escolas que lecionava para cumprir a carga horária de 200h.

Nosso público são crianças de uma escola da região metropolitana e periférica da capital, Fortaleza-CE. É um grupo que está à margem da cidade grande e da própria cidade, Caucaia, onde a violência, a carência, a falta de estrutura econômica são presentes no meio social. Elas moram num bairro onde o espaço é demarcado pelo comando do tráfico através de facções que fazem do espaço um ambiente opressor onde os olhares são atentos, mas a fala é oprimida. O silêncio permeia a vida de cada morador que quanto mais adulto vai ficando, mais vai adquirindo consciência do silêncio que deve permanecer.

No aspecto metodológico trata-se de uma pesquisa qualitativa caracterizada como uma pesquisa (auto)biográfica tendo como foco o desenho produzido em campo, que compreende não apenas os alunos, mas a professora que encontra-se inserida naquele. Segundo (Velardi, 2018, p. 51):

É pertinente também nos colocarmos diante da crítica sobre a ausência das histórias humanas contadas nas pesquisas como experiências e não como fragmentos. Um tempo em que precisamos resgatar a importância das contações de histórias a partir do ponto de vista da pessoa pesquisadora, que também é sujeita às experiências que narra.

E nessa perspectiva, diz (Pierre, 2017), ser do campo, estar mergulhada nele e saber quem se é, como pessoa e pesquisadora desse/nesse campo, é uma exigência, uma necessidade, uma responsabilidade radical.

O campo foi virtual, tendo sido realizado nas aulas remotas por meio da plataforma *Google Meet*. A compreensão deste espaço da pesquisa foi baseada em referências que nos permitiram ir além do campo investigado, como as referências de Pierre (2017), citado por Velardi (2018) no artigo “Questionamentos e Propostas Sobre Corpos de Emergência: Reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa:

Pesquisar e escrever sobre o que investigamos é um chamado para um mergulho naquilo que, mesmo sendo familiar, nos oculta algo que poderá ser visto, caso seja contado. E isso nos pede que confiemos em algo inimaginável: que nós traremos à tona desse mergulho, afinal, um método de investigação e assim, criativamente, poderemos inventar e reinventar o mundo (Velardi, 2018, p. 52).

A participação dos alunos foi voluntária e espontânea e os encontros, mesmo tendo sido criados num horário de contraturno para os alunos de todos os 6º anos com a finalidade de maior número de participantes, a frequência foi de 12 a 16 alunos por aulas, devido às diversas dificuldades de acesso relacionados à internet e às ferramentas digitais. Nossa amostragem se

deu a partir dos trabalhos dos oito alunos mais assíduos e participativos nas aulas, garantindo uma representatividade não pela quantidade, mas sobretudo pela amostragem que garante abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões. Os nomes, as imagens e os desenhos que aparecem no corpo desta pesquisa, foram cuidadosamente consultados aos alunos e participantes, os quais permitiram a utilização e tivemos a autorização em Termo de Consentimento, lido e assinado pelos devidos responsáveis. Contudo não utilizaremos nomes fictícios, pois além da total permissão concedida por cada um, foi notória a satisfação que cada aluno teve em apresentar seus resultados e se mostrarem autores no processo criativo. Além da satisfação expressa nas falas, essa satisfação se fez presente também nos desenhos de alguns alunos, pois seus nomes aparecem desenhados nos autorretratos sugeridos, como nos desenhos de Karen Cristina Pereira Gonçalves, 6º ano A, e de Maria Isabel Lima dos Santos, 6º A (ver figuras 59 e 60).

No decorrer de cada aula eu fui fazendo uma mediação para que a criança fosse conduzida a construir seus desenhos a partir de sua própria existência. Nossas práticas tiveram início no dia 02 de setembro de 2021 e foram finalizadas no dia 02 de dezembro do mesmo ano. Tivemos o total de 14 encontros que aconteceram todas as quintas-feiras no horário de 10h às 11h, tendo dias que se estenderam até s 12h. A seguir descreverei as atividades:

<b>ENCONTRO</b>	<b>DATA</b>	<b>ATIVIDADE</b>
1º	02/09/2021	APRESENTAÇÃO DA LINHA DO TEMPO
2º	09/09/2021	DEFINIÇÃO DE DESENHO E EXERCÍCIO DE LINHAS
3º	16/09/2021	VÍDEO: A MÁQUINA DE HISTÓRIAS
4º	23/09/2021	<b>CONTAR UMA HISTÓRIA DESENHADA (encontro acompanhado de música)</b>
5º	30/09/2021	APRESENTAÇÃO DAS HISTÓRIAS
6º	07/10/2021	<b>DESENHO DA CASA DELES (acompanhado de músicas)</b>
7º	14/10/2021	APRESENTAÇÃO DOS DESENHOS
8º	21/10/2021	<b>DESENHO DAS ÁRVORES GENEALÓGICAS (acompanhado de músicas)</b>
9º	28/10/2021	APRESENTAÇÃO DOS DESENHOS
10º	04/11/2021	LEITURA DO LIVRO AMORAS
11º	11/11/2021	<b>DESENHAR O MELHOR AMIGO (acompanhado de</b>

		<b>músicas).</b>
<b>12°</b>	18/11/2021	APRESENTAÇÃO DOS DESENHOS E INFORMES PARA ENTREGA DOS DESENHOS E ASSINATURA DO TERMO DE CONSENTIMENTO DE IMAGEM
<b>13°</b>	25/11/2021	<b>AUTORRETRATO (acompanhado de músicas)</b>
<b>14°</b>	02/12/2021	APRESENTAÇÃO DOS AUTORRETRATOS E ENCERRAMENTO.

Tabela 1 – Atividades/aulas remotas. Fonte: arquivos da autora (2021).

**No 1° encontro** comecei me apresentando através da audiodescrição que transforma elementos visuais em palavras. Utilizei esse tipo de apresentação com o intuito de alcançar a leitura de cegos e videntes, pois descrevia detalhadamente a minha fisionomia e como eu estava vestida no dia a dia de cada apresentação. Cabe ressaltar que no grupo não tivemos nenhum aluno com deficiência ou transtorno de aprendizagem, mas optei trabalhar com esse tipo de apresentação por ter visto num encontro virtual e ter achado um modo de apresentação bastante dinâmica e no nosso grupo gerou muita euforia e atenção dos alunos, de modo que no decorrer dos encontros a audiodescrição serviu para a apresentação de todos e uma vez ou outra, a pedido deles, voltávamos a nos apresentar assim. Em seguida mostrei a eles minha história através dos desenhos da minha Linha do Tempo que foi apresentada por slides.

**No 2° encontro**, apresentei slides que definiam o que é o desenho e eles fizeram exercícios com pontos e linhas livres.

**No 3° encontro**, apresentei o livro motivador: *A Máquina de Histórias* (2014) do autor Tom Mclaughlin, em forma de vídeo, através de uma ferramenta do *Google Meet*.

**No 4° encontro**, sugeri que eles criassem um desenho que contasse uma história, inspirada no livro apresentado na aula anterior.

**No 5° encontro**, ocorreu a apresentação dos desenhos que contavam histórias diversas.

**No 6° encontro**, impulsionada pelo pedido que eles sempre faziam para que eu mostrasse a minha casa, pedi que eles desenhassem suas casas.

**No 7° encontro**, aconteceu a apresentação dos desenhos da casa de cada aluno.

**No 8° encontro**, o grupo desenhou as árvores genealógicas onde cada um tinha a liberdade de representá-la da forma que quisesse

**No 9º encontro**, tivemos a apresentação dos desenhos das árvores genealógicas que eram sempre apresentados através das câmeras para todos do grupo.

**No 10º encontro**, li para eles o livro Amoras (2018), do autor Emicida pelo microfone do *Google Meet* e fui mostrando os desenhos ilustrativos através da câmara do computador.

**No 11º encontro**, pedi que eles desenhassem o seu melhor amigo, já que nas aulas eles estavam sempre buscando falar do melhor amigo.

**No 12º encontro**, tivemos a apresentação dos desenhos das aulas anteriores e o preparo para a entrega dos envelopes com os desenhos produzidos no decorrer dos encontros e assinatura dos Termos de Consentimento de Imagem.

**No 13º encontro**, eles produziram desenhos com a temática de autorretrato.

**No 14º encontro**, foram apresentados os desenhos dos autorretratos e fizemos uma confraternização e despedida.

Conduzir um público infantil a partir de uma base motivadora é muito importante, pois o mito da espontaneidade infantil precisa ser acabado. Para fundamentar essa afirmativa Florence de Merèdieu (1974, p. 102) diz: “É preciso, pois, acabar com um certo mito da espontaneidade infantil: dotar a criança de reações inocentes e gratuitas leva a ignorar o papel da imitação na sua formação e desenvolvimento”.

Começamos nossos diálogos através dos meus desenhos, os quais contam a minha história de vida que foi organizada de forma cronológica na minha Linha do Tempo, a mesma que criei e usei para me apresentar aos meus colegas do mestrado e partilhei no segundo capítulo desta dissertação.

Depois, as narrativas desenhadas foram surgindo através das temáticas que vêm a seguir:

**Histórias Desenhadas;**

**Casas;**

**Árvores Genealógicas;**

**Melhor Amigo;**

**Autorretrato.**

#### **4.1 Histórias desenhadas**

Partindo dos objetivos que mobilizam esta pesquisa, tendo em vista que as atividades de campo ocorreram durante a pandemia da Covid-19, foram utilizados meios

convenientes ao distanciamento social. Os materiais adequados à técnica do desenho livre infelizmente não puderam ser disponibilizados e cada aluno teve de arcar com seus materiais para as práticas individuais.

Esta temática foi inspirada na história do livro “A Máquina de Histórias”, onde as crianças foram motivadas a contar uma história através do desenho. Os desenhos aqui apresentados ocuparam um espaço além da sala de aula, onde podemos sentir a satisfação do fazer, do contar e do contar-se no decorrer dos encontros que se deram na casa de cada um ou noutras casas ou noutros espaços móveis, onde além da leitura dos desenhos pudemos ler também os sons e os objetos e coisas que acompanharam as salas virtuais. No decorrer de cada encontro eu fui fazendo uma mediação para que as crianças fossem conduzidas a construir seus desenhos a partir de sua própria existência.

Para minha surpresa, os desenhos e histórias se apresentavam de formas diversas. É incrível a diversidade do pensamento infantil.

No decorrer dos nossos encontros íamos ouvindo sons de bichos que também faziam parte das casas. E de forma espontânea, em meio as histórias contadas, os desenhos iam mostrando o amor das crianças pelos animais, como nos desenhos a seguir, da Maria Isabel, do 6º ano A (figura 38), e nos desenhos da Maria Larissa Semente, também do 6º ano A (figura 39).

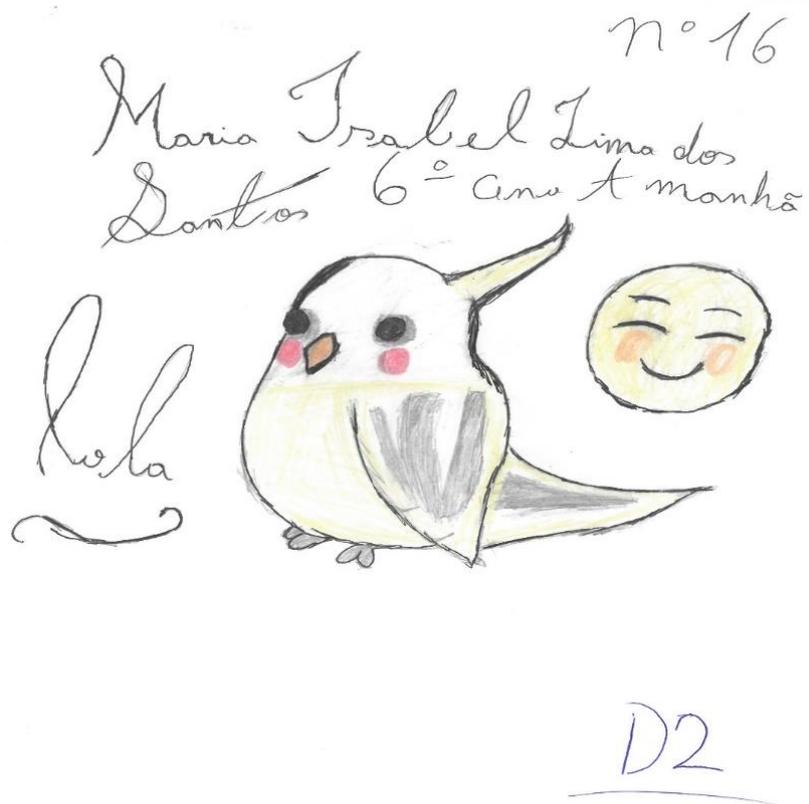


Figura 38 - Maria Isabel Lima dos Santos, 6º ano A/ Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

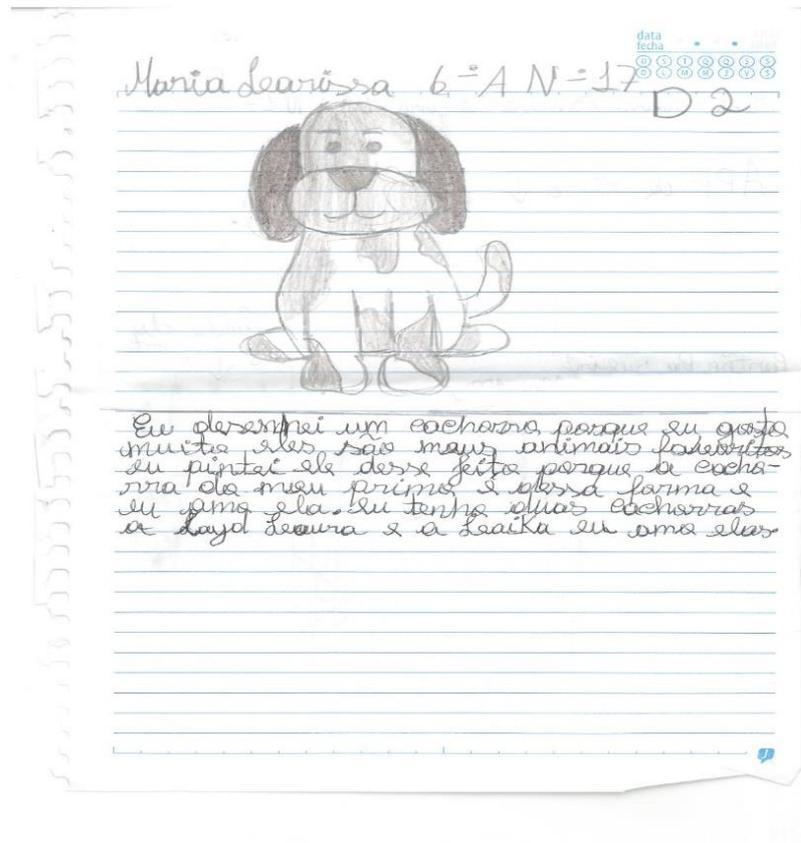


Figura 39 - Maria Larissa Semente, 6º ano A/ Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

Muitas vezes, aquilo que não foi falado pela timidez de ligar o microfone e a câmara do computador ou por algum tipo de opressão, foi escrito. Nos desenhos podemos observar não apenas os animais de estimação deles, mas os animais de estimação dos amigos e familiares, a importância dos nomes dos bichinhos, a felicidade e animação que os mesmos proporcionavam a eles, principalmente em tempos de isolamento.

Como partilhado na minha narrativa, eu já venho há algum tempo pintando bichos e com essa troca de experiências que tive com meus alunos, comecei a observar ainda mais a relação entre os animais e o homem/a mulher, e passei a pintá-los com mais frequência.

Nesta temática apareceram não somente histórias de animais de estimação, mas outras histórias também foram sendo contadas e foram diversas as linhas que formavam os desenhos. No desenho de Yan Pietro de Nojosa Alves (figura 40) podemos ver o desejo de contar sobre os fatos ocorridos nas brincadeiras de campo. Esta foi contada apenas através da composição desenhada sem a preocupação de buscar desenhos realistas e sem a necessidade de contar também com textos.

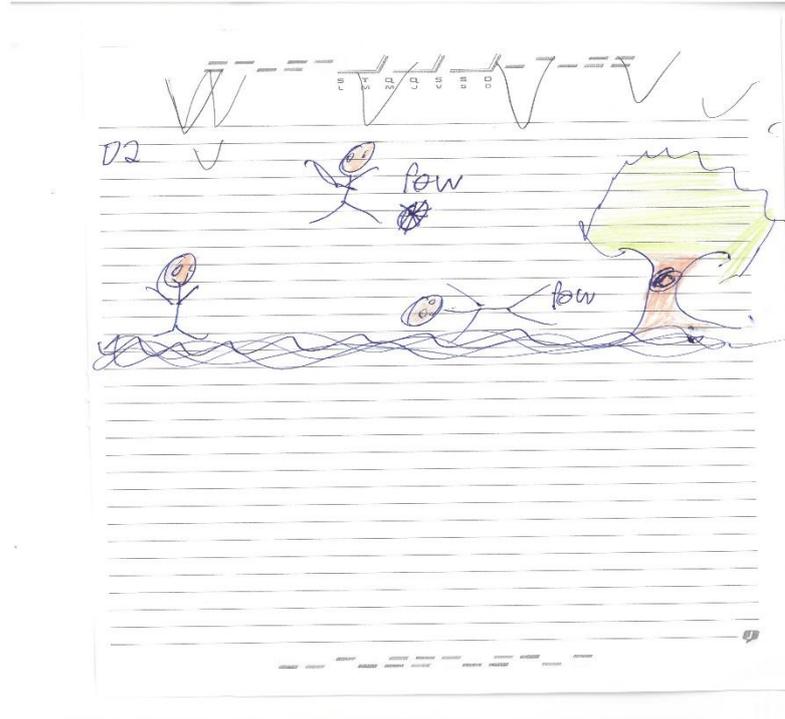


Figura 40 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

Já a história do Matheus Gabriel da Silva Costa é minimalista, aparecendo apenas um personagem contemplativo e solitário (figura 41).



Figura 41 - Matheus Gabriel da Silva Costa/Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

A história de Karen Cristina é voltada a contar-nos o que ela viu no texto motivacional e faz uma releitura do personagem do livro “A Máquina de Histórias” (figura 42).

nome: Karen Cristina Pereira 6º Ano A B2



Figura 42 - Karen Cristina Pereira/Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

## 4.2 Casas

No decorrer dos diálogos um dos assuntos mais pertinentes foi a casa. Logo nos nossos primeiros encontros, apesar de pouca fala, um dos pedidos constantes dos alunos era: “Deixe eu ver a sua casa!”. De início eu pensei que fôssemos perder o foco por causa dessas curiosidades advindas da nossa sala de aula remota, mas com o passar do tempo, a minha condução acabou dando continuidade aos planos iniciais que foi o de conduzi-los a contarem suas histórias de vida através do desenho e a casa persistia agora através de suas narrativas desenhadas. E os desenhos das casas de cada um dos participantes contaram mais deles do que se possa imaginar.

Segundo Mèredieu (1974, p. 51): “Entre todos os temas possíveis, o da casa pode permitir apreender de que modo a criança vive o espaço. Primeiro espaço explorado, símbolo do meio familiar em que se desenvolvem as primeiras experiências decisivas, a casa aparece violentamente carregada de afetos”.

É em meio a esses afetos e o desejo de comunicar que podemos perceber que devido o espaço físico ser pequeno para a quantidade de moradores nas casas, algumas não possuem quintal e há um crescimento vertical, onde a maioria das casas aparece representada com dois

andares, como nos desenhos de Yan Pietro de Nojosa Alves, do 6º ano D, e Karen Cristina, do 6º ano A (figuras 43 e 44):

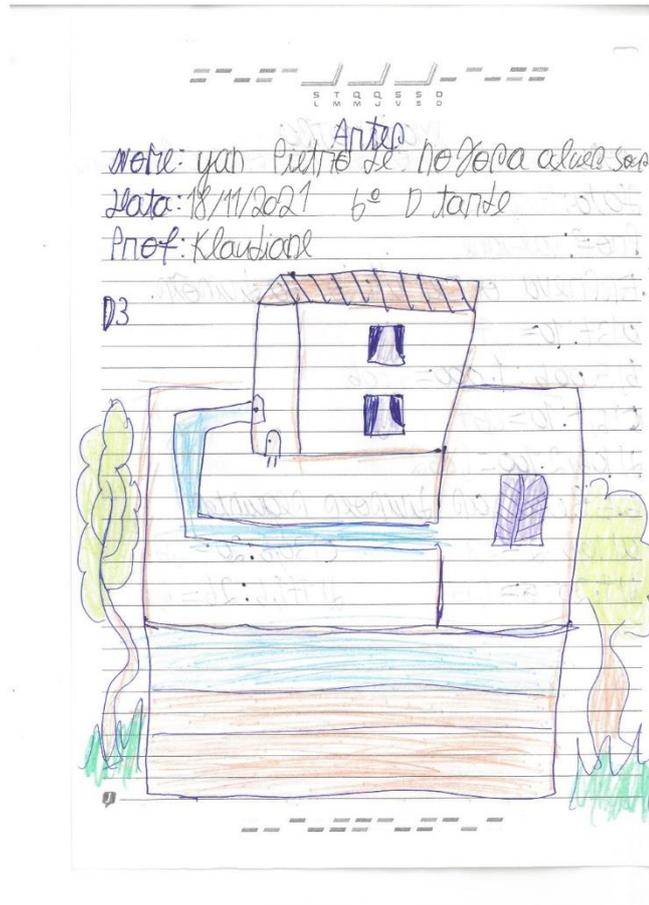


Figura 43 - Yan Pietro de Nojosa Alves, 6º ano D/Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).



Figura 44 - Karen Cristina, 6º ano A/ Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

Karen nos apresenta a casa mais colorida, porém explica que a casa dela não tem essa cor, mas esta é a cor desejada por ela.

Já a casa de Lumenna Vitoria dos Santos Andrade, do 6º ano B, é também duplex. É a mesma casa representada pela Maria Isabel Lima dos Santos, do 6º ano A (figuras 45 e 46).

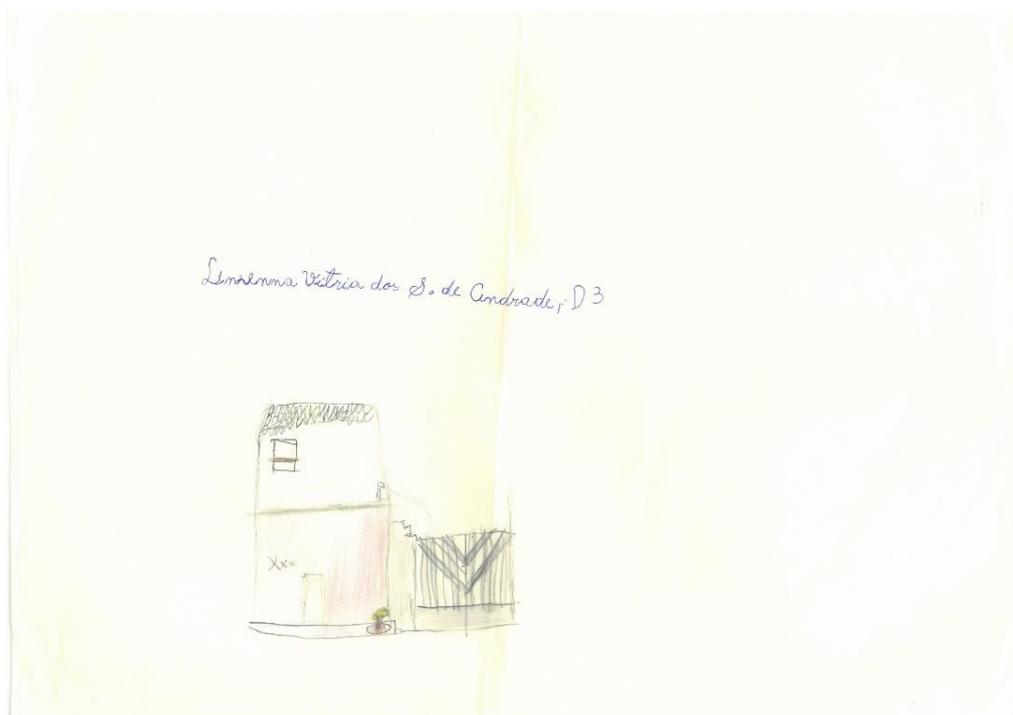


Figura 45 - Lumenna Vitoria dos Santos Andrade, 6º ano B/Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

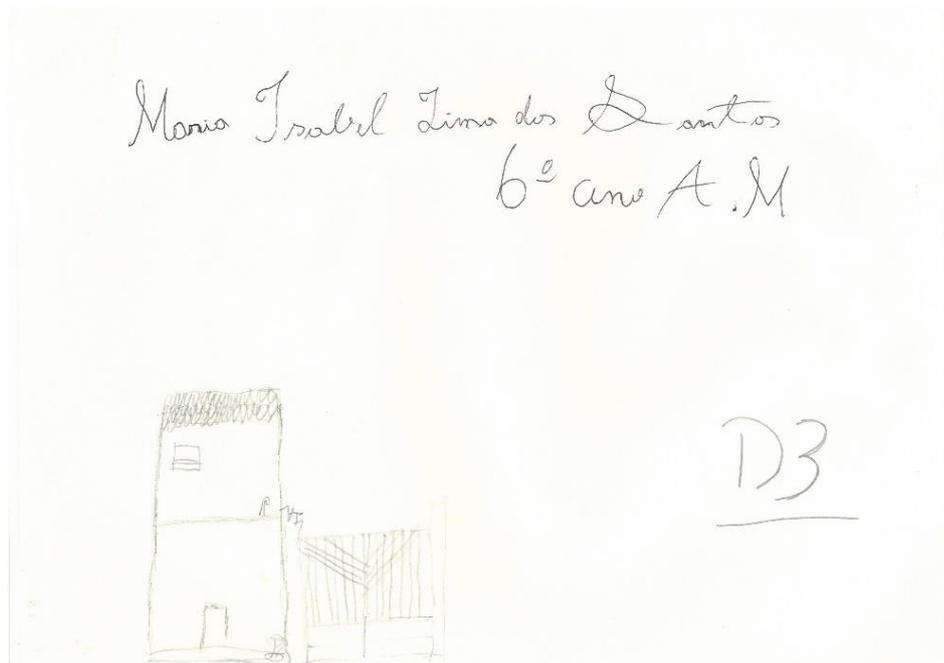


Figura 46 - Maria Isabel Lima dos Santos, 6º ano A/ Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

Essas representações semelhantes das casas nos reforçam a quantidade de moradores numa mesma casa podendo nos mostrar também a dificuldade nos cuidados em tempos de distanciamento social que os moradores vivenciaram.

Outras casas, como a da Natasha, foram desenhadas mostrando a planta baixa do imóvel, mostrando o domínio de espacialidade da aluna:

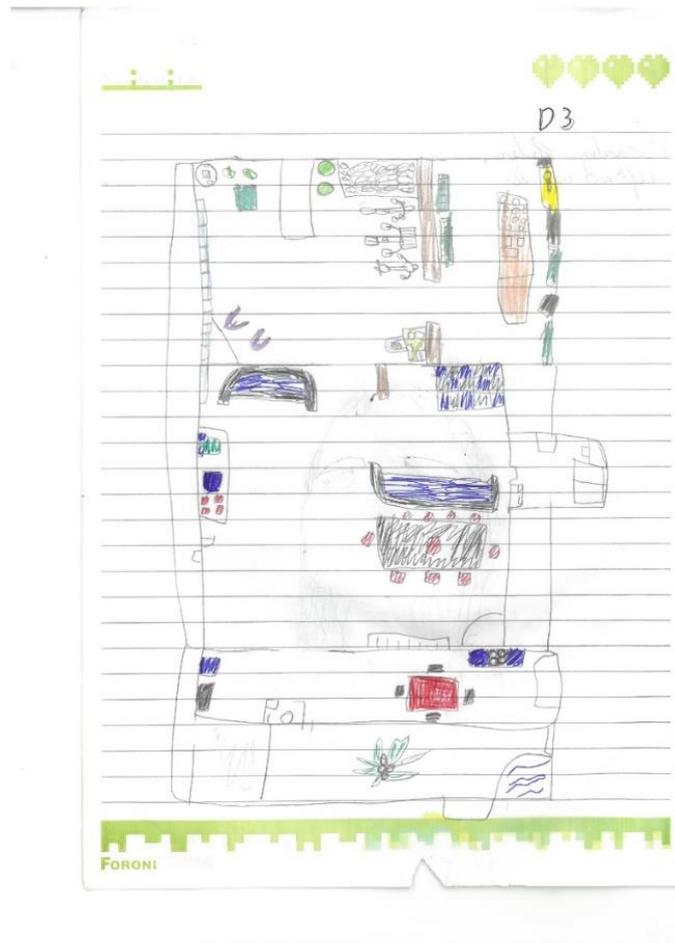


Figura 47 - Natasha Helen Moreira, 6º ano B/ Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

Já Matheus Gabriel da Silva Costa nos mostra sua casa a partir da representação simbólica de uma casa (figura 48).



Figura 48 - Matheus Gabriel da Silva Costa, 6º ano A/ Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

Aqui podemos perceber que por mais diferente que seja a representação das casas, elas comunicam um envolvimento, um comprometimento dos autores com o espaço CASA.

Segundo Mèredieu (1974, p. 53): “O espaço é aqui apreendido ao nível de uma das relações topológicas mais primitivas e mais carregadas afetivamente, já que remete a sensações anteriores ao nascimento: a relação de envolvimento”.

Os desenhos aqui investigados nos chegam trazendo narrativas que vão além da escrita e da oralidade. É a partir dessa compreensão que iremos entender o conceito de “autobiografismo” criado por Luciane Goldberg (2021, p. 13): “A tese defendida pela autora é a de que a criança é capaz de refletir sobre ela mesma (auto), sobre sua vida (bios) com o desenho (grafismo)”

Foi partindo do eu Artista Educadora que tentei buscar entender e explicar da melhor forma possível, aos meus alunos participantes da pesquisa, o ato de desenhar. Mas para realizar esse trabalho com crianças eu precisei aprofundar meu conhecimento no desenho infantil e a partir daí entender e conduzir meus alunos de sextos anos que estão na fase inicial da produção de desenhos realistas.

No decorrer de nossas análises os desenhos por si só entregaram a fase de realismo visual a qual o grupo se encontra, pois foram poucos os desenhos que não atenderam a esse desejo das crianças em figurar o real.

E assim podemos observar que essas crianças se encontram numa fase saudável de participação constante e de muita expectativa na escuta. São crianças curiosas que pouco comunicaram através da fala, mas comunicaram muito através de seus desenhos.

A partir da compreensão de Luciane Golderg (2021, p. 17): “[...] o desenho é uma forma de narrativa que tem a potência de trazer cores e formas para algo que a escrita e mesmo a oralidade não alcançam”.

Tendo em vista a experiência que tive com os meus desenhos e com os desenhos dos participantes da pesquisa, podemos sentir o quanto o ato de desenhar unido à vontade de comunicar, conseguiu conversar com o grupo dentro e fora do espaço educacional.

### **4.3 Árvores genealógicas**

Olhar para realidade destas crianças de sextos anos da Escola Flávio Portela Marcílio, em Caucaia-CE, ajuda-nos perceber o olhar delas sobre si, sobre o mundo, sobre a sua própria morada, sobre a sua própria realidade. Para fazermos um estudo sobre esses desenhos é necessário termos um foco nesse olhar crítico que a criança traz sobre a sua própria realidade. Os desenhos desta temática nos mostram que o núcleo familiar é numeroso, mas nos desenhos eles sempre mostram que apesar do número de pessoas que compõe a mesma casa, existe ali o núcleo menor ou mesmo maior no que diz respeito à hierarquia dentro dessa grande quantidade de pessoas no mesmo teto.

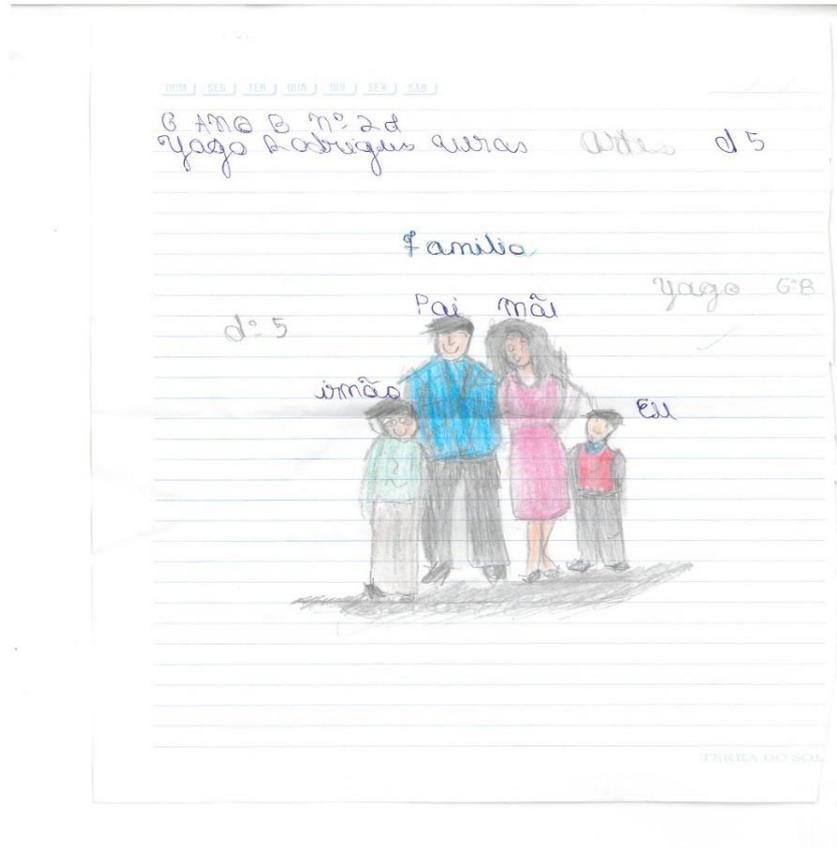


Figura 49 - Yago Rodrigues Veras, 6º ano B/ Desenho 5. Fonte: arquivos da autora (2021).

As famílias, na maioria, foram representadas por pai, mãe e filhos, mas em alguns desenhos percebemos a ausência do pai, como no desenho da Maria Isabel Lima dos Santos (figura 50).



Figura 50 - Maria Isabel Lima dos Santos, 6º ano A/ Desenho 5. Fonte: arquivos da autora (2021).

Algumas famílias foram representadas dentro das árvores, outras foram representadas fora delas (figura 51).

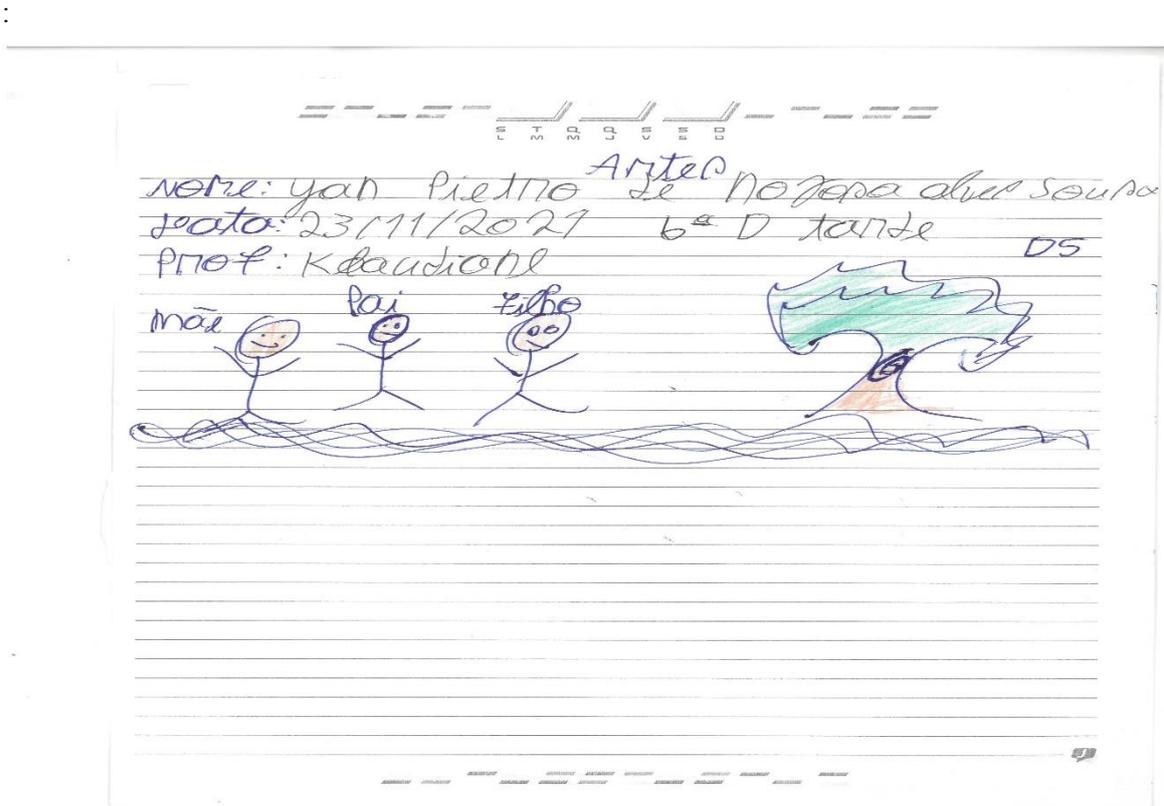


Figura 51 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 5. Fonte: arquivos da autora (2021).

Na maioria das árvores, as pessoas que foram inseridas estavam ali não como moradores das casas, mas como pessoas queridas do aluno que produziu o desenho (ver figuras 47 e 48).



Figura 52 - Yago Rodrigues Veras/Desenho 4. Fonte: arquivos da autora (2021).



Figura 53 - Maria Isabel Lima dos Santos/Desenho 4. Fonte: arquivos da autora (2021).

A árvore genealógica de Natasha nos indica muito mais “amores” que somente familiares. Veja figura 54:

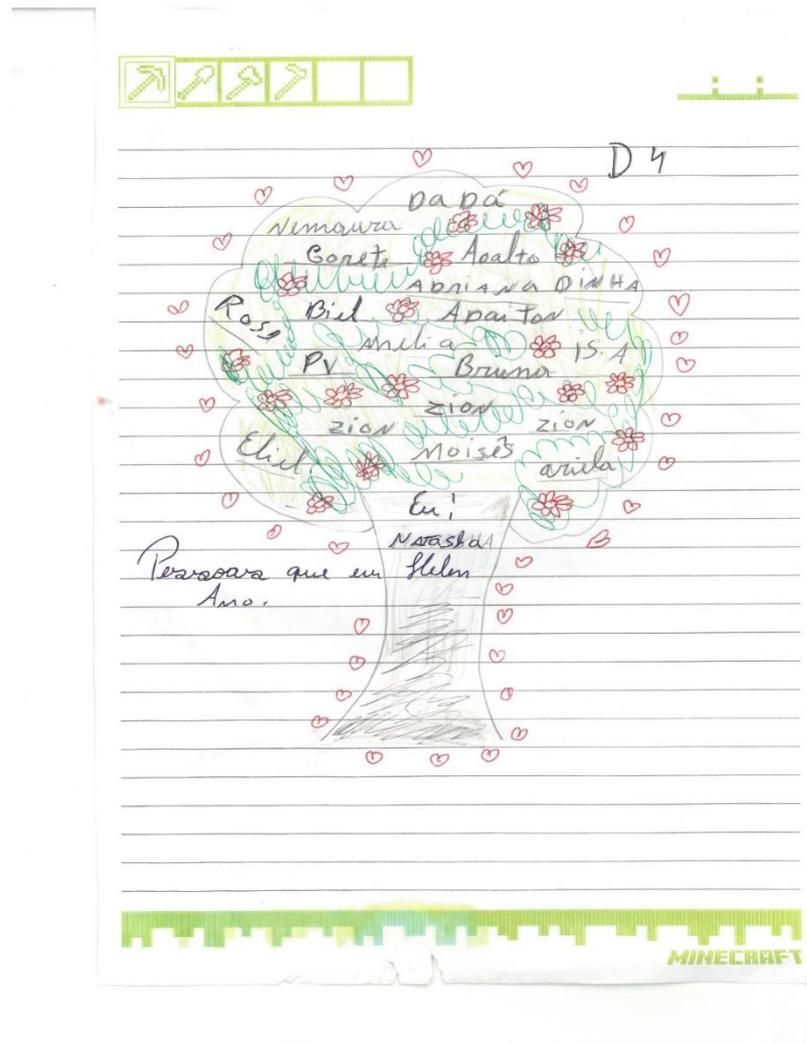


Figura 54 - Natasha Helen Moreira, 6º ano A/ Desenho 4. Fonte: arquivos da autora (2021).

A arte chega nesse meio como ferramenta confiável para um diálogo conjunto, onde as falas foram poucas, mas a linguagem desenhada e escrita demonstraram o desejo de contar sobre o espaço que elas ocupam no mundo.

As linhas vão povoando o papel e nos entregando a condição social do grupo. A família nem sempre é o modelo convencional de família. Edith Derdyk (2007), reforça que os desenhos, desse modo, são formas de visualização de uma possível organização de ideias, pois guardam conexões, como, por exemplo, hierarquizações, subordinações, coordenações, deslocamentos, oposições e ações mútuas.

Faço parte da vida escolar dos meus alunos desde 2010, mas só agora me sinto conhecendo um pouco mais sobre a realidade e identidade de cada um deles.

#### 4.4 Melhor amigo

Essa temática surgiu no contexto da pesquisa após um assunto iniciado por eles sobre o melhor amigo. Não estava no planejamento inicial dos encontros, porém achei o assunto pertinente já que vivíamos um momento de isolamento social e senti a curiosidade do grupo em saber e falar sobre o seu melhor amigo.

Vimos que o melhor amigo de Yan Pietro é o Samuel, um menino da mesma rua dele. Essa informação foi falada pelo Yan no momento da apresentação (figura 55).

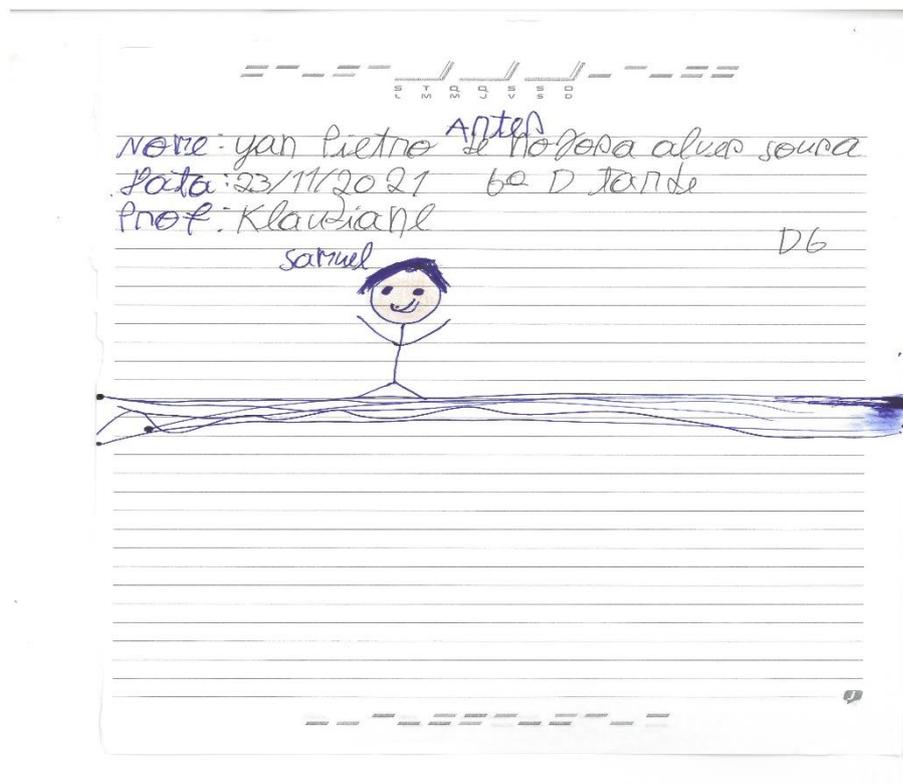


Figura 55 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 6. Fonte: arquivos da autora (2021).

Foi bastante confortante saber que em tempo de confinamento, alguns alunos mostraram o desenho das mães como sendo a melhor amiga. No desenho de Karen Cristina ela mostra uma flor para representar sua melhor amiga, que é a sua mãe, Margarida. Veja a figura 56:

Karen Cristina Pereira Gonçalves 6<sup>ª</sup> Anos A D2  
Margarida



Figura 56 - Karen Cristina Pereira Gonçalves/Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

Assim como Karen, Matheus Gabriel também nos mostra, através de seus desenhos, que tem a sua mãe como melhor amiga (figura 57).

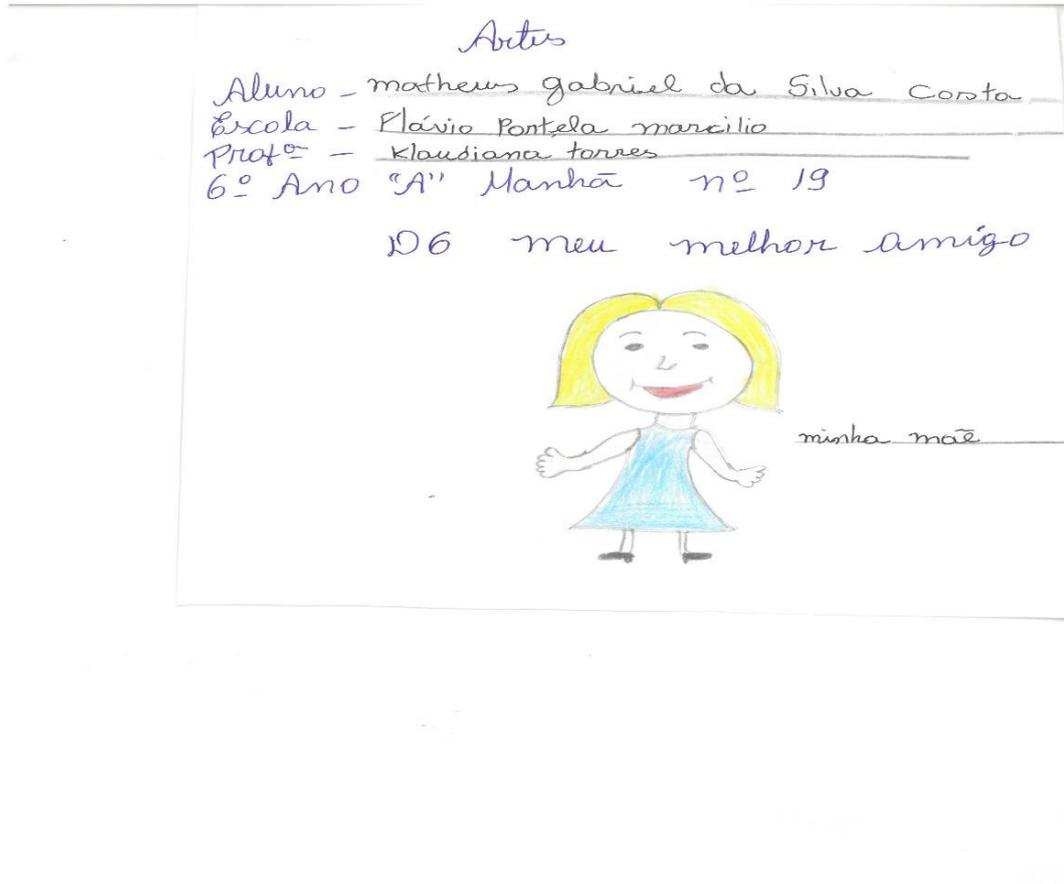


Figura 57 - Matheus Gabriel da Silva Costa/Desenho 6. Fonte: arquivos da autora (2021).

Nesta temática do Melhor Amigo, nem todos desenharam, pois para minha admiração, alguns disseram nunca ter visto o seu melhor amigo, como afirmou Yago Rodrigues Veras;

- “Meu melhor amigo é o Henrique. Nos conhecemos num jogo na internet. Nunca nos vimos. Ele mora em Fortaleza”.

Já Larissa Semente, deixou a folha em branco para definir que não tem amigos.

#### 4.5 Autorretrato

A temática Autorretrato foi a última trabalhada nos encontros e derivou da leitura do livro “Amoras”, que proporcionou a eles a segurança de assumir suas identidades.

A partir dos desenhos apresentados anteriormente e nesta temática de autorretrato, percebemos que por mais que todos os alunos participantes façam parte do mesmo meio social, há uma diferença no poder aquisitivo das famílias. E os desenhos nos entregam facilmente isso. Enquanto um ou outro utilizou papel ofício, lápis de cor de boa qualidade e

canetinha (figuras 58, 59, 63 e 64), outros utilizaram apenas lápis de escrever ou caneta esferográfica numa folha de caderno com pautas (figuras 60, 61, 62, 65 e 68). Essa análise mostra que alguns fizeram trabalhos mais elaborados porque têm acesso a materiais de boa qualidade, outros deixaram transparecer que não possuem materiais de qualidade e outros transpareceram ter materiais de qualidade, mas optaram por um desenho mais simplificado e quase sem cor (ver figura 65).



Figura 58 - Karen Cristina Pereira Gonçalves, 6º ano A/ Desenho 1. Fonte: arquivos da autora (2021).



Figura 59 - Maria Isabel Lima dos Santos, 6º A/Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).



Figura 60 - Desenho de Natasha Helen Moreira, 6º A/Desenho 1. Fonte: arquivos da autora (2021).

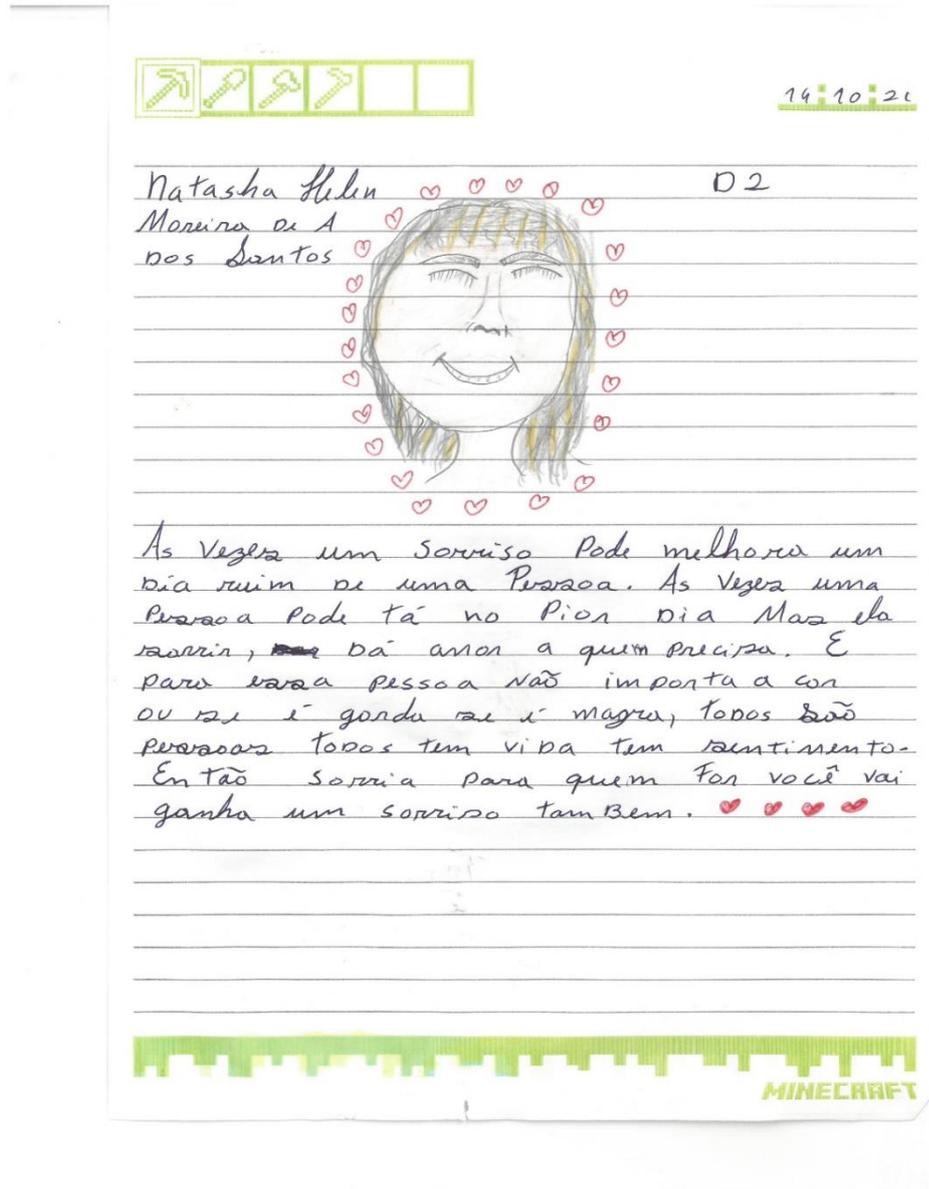


Figura 61 - Natasha Helen Moreira, 6º ano A/Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

Para Edith Derdyk (1989) O desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica é um instrumento de conhecimento, com grande capacidade de abrangência como o meio de comunicação e de expressão.

O autorretrato de Natasha por si só já comunica o contágio e beleza de um sorriso franco, mas além de conseguir comunicar através do desenho, ela comunicou também através da escrita. E essa junção da escrita reforçando o desenho foi comum ao grupo, o que é confirmado também através do desenho do Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa, do 6º ano D, e do Matheus Gabriel da Silva Costa, do 6º ano A, onde eles reafirmam seus desenhos através da escrita num desejo forte de assumirem suas identidades culturais, sociais e religiosas.

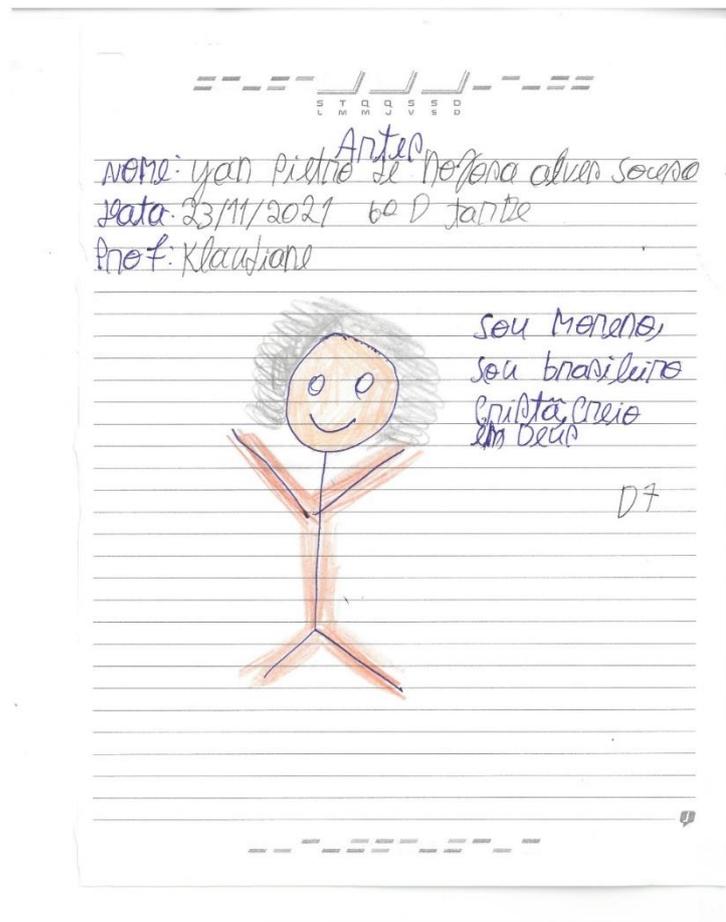


Figura 62 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa, 6º ano D/ Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

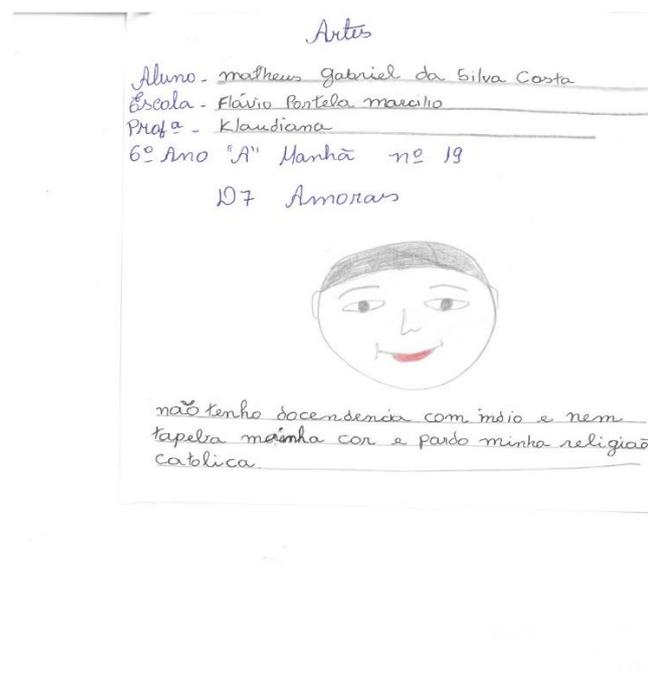


Figura 63 - Matheus Gabriel da Silva Costa, 6º ano A/ Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

Aquilo que os autores não conseguiram falar, conseguiram desenhar e escrever.

Em qualquer idade, ao rabiscar seus desenhos, a criança está narrando sua realidade. Já as crianças de sextos anos, que se encontram na faixa etária de 11 a 12 anos, produzem essa narrativa com um pouco mais de consciência, pois elas têm uma noção de mundo, uma vivência, uma compreensão mais complexa e deixam transbordar isso nos desenhos como forma de se comunicarem com elas mesmas e com o mundo.

Podemos perceber também que a maioria das crianças nessa faixa etária apresenta um desenho mais elaborado, ao passo em que o contato com os adultos ou com os modelos impostos pelas escolas, faz com que elas tenham uma ideia e uma cobrança no fazer, produzindo desenhos de forma mais realista e universal, porém ao invés de expressivo, os desenhos são mais comunicativos. Nesse sentido, Florence de Mèredieu (2004, p. 18) reforça que: “A criança aprende então a utilizar os elementos de um código gráfico praticamente universal, que lhe permite fazer-se compreender e entrar em contato com o adulto. O processo de socialização está acionado. De expressiva a função do desenho se torna comunicativa”.

É na escola e no contato com os adultos que as crianças começam a substituir os desenhos de imaginação por desenhos de observação. E é na escola também que muitos param de desenhar quando começam o processo de alfabetização!

Florence de Mèredieu (2004, p. 38) também argumenta que:

Com os inícios da figuração, a acomodação ao real reforça-se até transformar-se em subordinação. Passamos da ação “autotélica”, do rabisco voltado para o eu e, portanto, profundamente narcisista, para uma conduta “heterotélica”, em que a criança se preocupa mais com a semelhança do real.

As crianças dessa faixa etária de 6º anos começam a se cobrar para produzirem desenhos mais realistas. É nesse momento que elas passam a ser taxadas e começam a se cobrar para produzir um desenho que seja semelhante ao real. É nesse período também que as crianças são avaliadas de forma errada em que a criança que faz um desenho com poucas linhas tende a acreditar e a verbalizar que não sabe desenhar.

No decorrer dos encontros ouvi alguns alunos afirmando que não sabiam desenhar e era notório o desânimo nessa afirmativa. Goldberg (2021, p. 13), diz que “[...] ninguém afirma não saber desenhar feliz, há sempre um tom de tristeza e frustração nessa afirmativa, um fracasso, uma negação da criatividade, um trauma, uma história ruim”.

Mas os incentivei dizendo que cada pessoa tem o seu modo particular de realizar um desenho e foi assim que o comentário tenso foi substituído pelo fazer e o espaço mesmo

sendo virtual, dava para sentir através da tela do computador e através dos desenhos a atmosfera feliz da produção do grupo. Veja os desenhos da Maria Isabel:

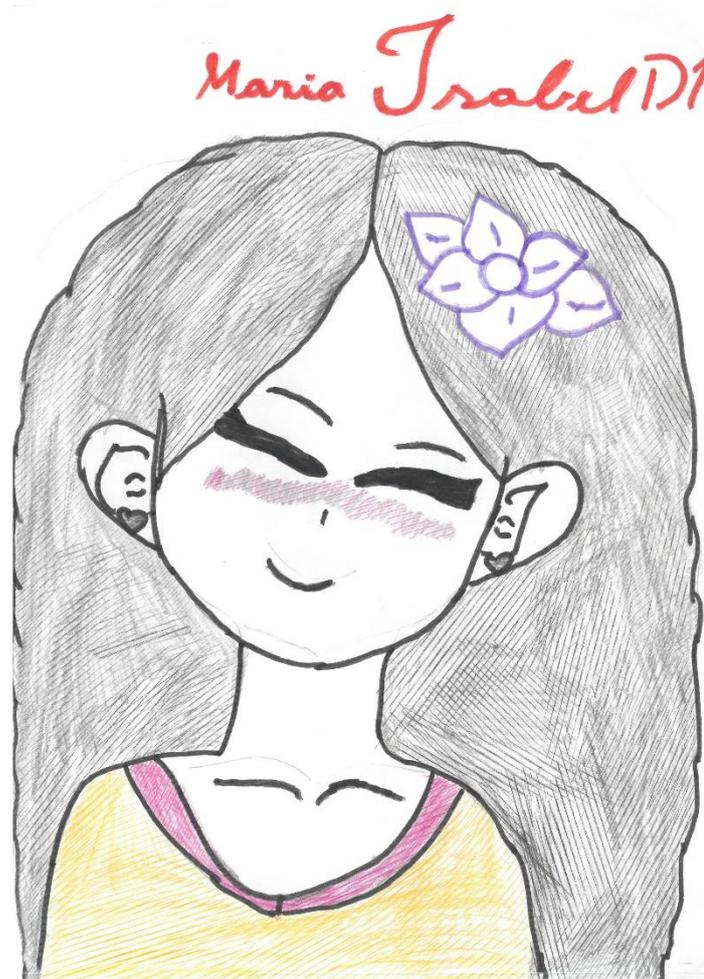


Figura 64 - Maria Isabel, 6º ano A / Desenho 1. Fonte: arquivos da autora (2021).

Foram raros os desenhos que não comunicaram felicidade.

No decorrer dos encontros o meu papel era conduzi-los através dos textos, de falas e de músicas como “De Toda Cor”, de Renato Luciano e “Eu Não Posso Mudar o Mundo”, da Juliana Linhares e Khrystal, dentre outras, que muitas vezes iam preenchendo a minha ausência do ladinho deles nessa produção.

Assim, mesmo à distância eu ia mediando esse fazer, demonstrando e falando que eles não se preocupassem com o não saber desenhar, porém, eu ouvia e até mesmo via muitas vezes a interferência de adultos no processo criativo dos alunos. Eles participavam não porque são pessoas invasivas, mas porque em tempos de aulas remotas nós “invadimos” suas casas e nossas casas foram também cedidas a eles. Não existiu um pedido para que acontecesse essas

aulas, elas foram impostas pela pandemia para que não passássemos tanto tempo sem aula. Nossos familiares acabavam tendo de participar e como as aulas de Artes eram atrativas, acabavam atraindo a atenção de quase todos os membros da casa. Assim, eles “apareciam” com o intuito de ajudar, mas acabavam tirando a liberdade criativa das crianças e a comunicação não aconteceu de forma tão livre. Essa interferência ficou notória nos resultados, como podemos ver nos desenhos do aluno Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa, que não há uma semelhança nos traços. O autorretrato dele tem volume e é realista, os desenhos das outras temáticas não.

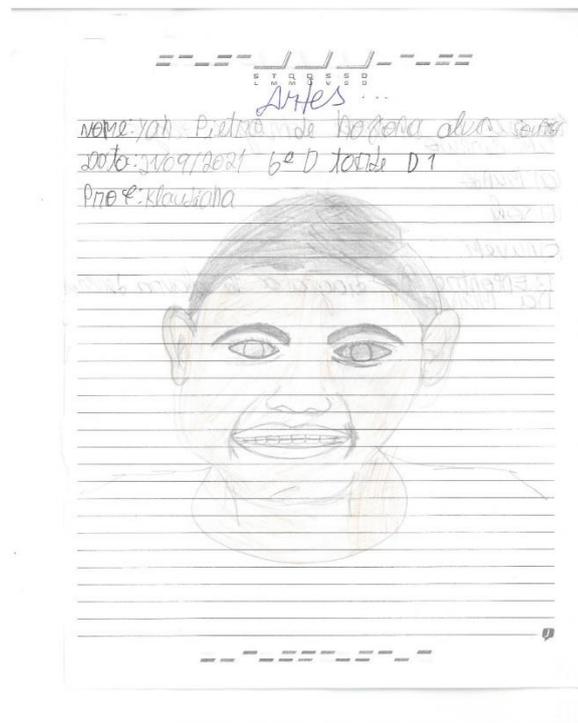


Figura 65 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 1. Fonte: arquivos da autora (2021).

Neste primeiro acima, Yan Pietro “se desenha”, dando volume ao desenho e produzindo algo mais realista, já na sequência dos próximos desenhos, ele se utiliza de linhas retas e onduladas para contar suas histórias e se retratar.

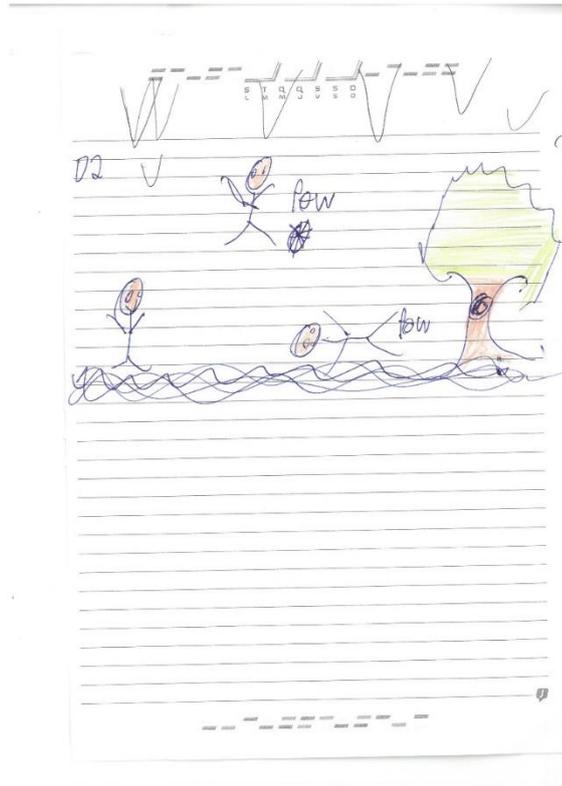


Figura 66 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

Essa diferença brusca na sequência dos desenhos de Yan, nos entrega a interferência e a falta de liberdade no fazer, advinda da interferência de outros que não ele mesmo. Esses desenhos nos mostram o raio que as aulas remotas atingiram envolvendo outros membros da casa.

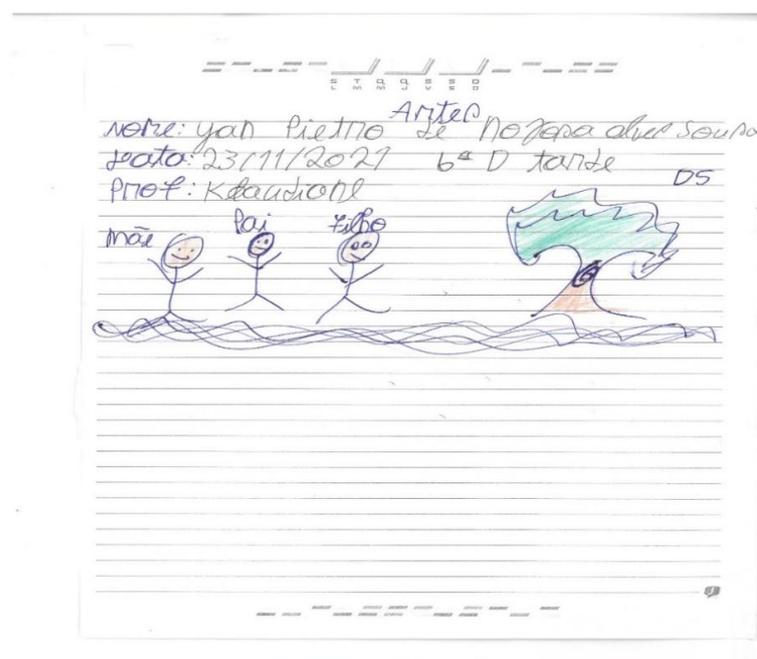


Figura 67 - Yan Pietro de Nojosa Alves Sousa/Desenho 5. Fonte: arquivos da autora (2021).

Essa sequência de desenhos que vimos acima não parece ser da mesma pessoa. E, muitas vezes, ouvi os sons que circundavam o espaço como o canto de pássaros ou conversas de adultos com o intuito de ajudar na prática do desenho ou interferindo com algum pedido de tarefa, mas mesmo assim, conseguimos identificar o desenho da criança. As sequências entregam a sua autoria.

Segundo Edith Derdyk (1989, p. 49): “No ato de desenhar, a criança é o papel, o lápis, a linha, o objeto, a pontinha que toca e mergulha nesse universo anímico e mutante. Desenhar concretiza material e visualmente a experiência de existir”.

Em alguns momentos desta pesquisa, sinto-me num pé de igualdade com eles, em outros momentos percebo um deslocamento de ensino e aprendizagem onde eu consigo ter uma percepção mais apurada, primeiro de mim mesma e depois do outro e vejo que na escola eu os ensino, mas aqui nesta pesquisa eu aprendo com eles (figura 70).



Figura 68 - Maria Larissa Semente Bezerra, 6º ano A/Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

Em cada cruzamento de caminho e reconhecimento de igualdade, há também uma nova aprendizagem já que por mais semelhante que se pareçam as histórias de vida de quem olha de fora pra dentro, há um olhar de dentro pra fora que se materializa através de pontos, linhas e cores de cada ser que produz, existindo assim um contar novo, com o qual temos muito que aprender.

Como partilhado na minha narrativa, eu já venho há algum tempo pintando bichos e com essa troca de experiências que tive com meus alunos, comecei a observar ainda mais a relação entre os animais e o homem/a mulher, e passei a pintá-los com mais frequência.

O resultado final de cada desenho não pôde ser entregue a mim, mas tiveram que ser mostrados ao grupo através da câmara do computador. A avaliação não foi feita apenas aos olhos da professora, mas aos olhos de todo o grupo. De início existiu uma certa timidez ao abrirem suas câmeras e se mostrarem ou ligarem os microfones e falar, mas depois de eu apresentar a minha história de vida desenhada, essa timidez foi sendo substituída por uma confiança que foi fortalecendo as narrativas.

Ciampa (2012) diz que uma identidade coletiva é considerada um conjunto de significados compartilhados por muitas pessoas que interfere de modo significativo na formação pessoal de cada um.

O olhar do outro, ressignificando a escrita, nesse processo criativo, foi objeto de grande importância para a construção do processo de narrativas gráficas, pois a atmosfera social entrega os valores culturais, transmitidos através de simbologia, dando força e importância à expressividade dos participantes.

No desenho de Yago Rodrigues Veras, por exemplo, podemos conferir sua identidade indígena:

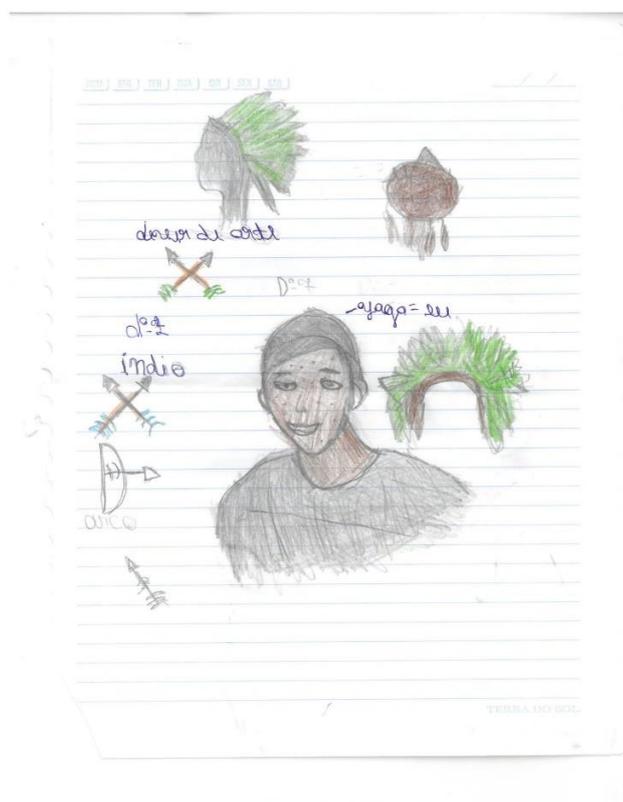


Figura 69 - Yago Rodrigues Veras, 6º ano B/ Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

Para Ciampa (2012), compreender a identidade é compreender a relação indivíduo-sociedade, pois assim tornar-se-ia possível perceber as questões sociais, por exemplo, as desigualdades e entraves sistêmicos, bem como compreender as formas de resistências individuais e as buscas por emancipação dos sujeitos.

Antes eu sentia um tabu dos meus alunos, no dia a dia da sala de aula, no que se refere ao reconhecimento de identidade cultural, social e histórica, mas agora, com essa condução através da arte, podemos observar que há uma quebra do que antes seria preconceito, como o reconhecimento de ser indígena ou afro-descendente.

Conquistar esse espaço e adquirir essa experiência de vida com meus alunos, muito me fortalece enquanto arte-educadora, enquanto artista, enquanto escritora. E é bom percebê-los reconhecendo e comunicando ao grupo suas referências sociais, culturais e religiosas. Ver meus alunos se apropriando de suas identidades através de narrativas desenhadas me faz lembrar da importância dos meus desenhos que contaram minha história de vida onde existiu uma apropriação do “eu sertaneja” resistente e que diferente dos meus alunos que estão tendo essa oportunidade de se autobiografarem ainda crianças, eu só vivi isso na fase adulta pela falta da familiaridade com a Arte/Educação no meu tempo escolar.

Dessa forma, a pesquisa (auto)biográfica com crianças e professora que aqui se desenvolveu teve por finalidade convidar a olharmos a infância levando em consideração o modo de vida e a experiência de cada uma delas. Estamos apresentando também um diálogo entre culturas, de uma geração a outra e a maneira como a identidade de cada um vai sendo construída em cada contexto social, dentro e fora da escola.

Karen Cristina Pereira Gonçalves 6º ano  
A D6



Figura 70 - Karen Cristina Pereira Gonçalves, 6º ano A/ Desenho 6. Fonte: arquivos da autora (2021).

Os desenhos como o de Karen Cristina e outros, entregam não apenas a faixa etária entre 10 a 12 anos em que ela se encontra, mas dão notoriedade aos espions curiosos sobre suas próprias histórias.

Através do conhecimento que adquiri no Mestrado em Artes, fui conduzindo a criança a narrar sua própria história. Aqui elas não narraram uma história fictícia, mas sim foram conduzidas a se contarem para o grupo e para si mesmas partindo de suas próprias histórias de vida em formação.

A criança mesmo pequena tem o que contar e a existência de um espaço no qual elas possam ser ouvidas é fundamental, pois a escuta infantil conduz a criança a um processo de crescimento e fortalecimento enquanto ser social e atuante. A criança tem o seu tempo de existência que para ela é longo e não é porque a criança tem poucos anos de vida, em se comparando a um adulto, que ela não tenha algo novo a nos contar.

No desenvolvimento infantil a criança se encontra numa fase de brincar, de falar alto, de chamar atenção e nós professores temos que entender que isso é a grande ferramenta para o desenvolvimento cognitivo da criança. E as crianças mais carentes, pela própria condição de casas pequenas e famílias mais numerosas e a violência, elas acabam se privando de muitas coisas, mas em contrapartida elas têm uma condição de maior convívio com a rua e com os quintais, nesse sentido, porém, em tempo de pandemia, essas condições foram prejudicadas e a falta de espaço para brincar se tornou restrita. A sala de aula virtual foi um cantinho atrativo onde a criança pôde comunicar suas reflexões, suas angústias, seus medos, suas curiosidades e até mesmo suas brincadeiras.

Falar de si, dos seus medos, das suas dores, angústias e curiosidades, não é uma comunicação fácil para ninguém, principalmente para os mais carentes e oprimidos, porém as aulas de Artes apareceram como local adequado para que as crianças se sentissem convidadas a falar de si mesmas de forma curiosa. Luciane Goldberg (2021, p. 14) diz que:

Diante da negação de seus direitos básicos, o autobiografismo emerge como uma fagulha em meio ao caos como modo de despertar a criança para ela mesma, como sujeito de autoconhecimento, autobiográfico que em princípio habita cada humano desde a mais tenra infância, propiciando-lhe modos de interpretar e compreender o que acontece no seu mundo interior.

Dessa forma, o autobiografismo confere à criança uma certa autonomia e acreditar na autonomia do pensamento infantil consiste em reconhecê-las como autoras onde elas realizam suas ações e mostram seus comportamentos de forma autêntica, organizando o espaço que lhes foi proporcionado como as aulas de Artes.

Através do desenho as crianças trazem complexos pensamentos filosóficos sobre a vida presente e sobre o devir, mostrando que o conteúdo que elas têm a nos oferecer enquanto educadores, são bem mais importantes do que os conteúdos que nós trazemos prontos, estáticos.

E partindo da colaboração dos desenhos e das trocas de saberes desta pesquisa elaborei um Conto onde os desenhos que ilustram aparecem como objeto primeiro e a história foi sendo construída depois.

Contudo, a partir da análise dos desenhos, pudemos identificar que tem alguns alunos que são negros e indígenas, mas a raça predominante é a branca. A religião predominante é a católica. E pudemos observar que cada uma dessas crianças carregam consigo uma identidade própria, um sorriso no rosto e um silêncio curioso que só através do desenho nós conseguimos enxergar!

#### 4.6 O conto: uma professora de artes no sertão

Era uma vez uma Professora de Artes que amava seus alunos, amava seu trabalho e amava a vida que ela tinha na pequena cidade de Caucaia-CE, onde trabalhava e morava. Seus alunos também a amavam muito. Mas um certo dia surgiu o primeiro caso de uma doença muito grave no Brasil e no mundo. Essa doença se chamava Covid-19 e foi causada pelo coronavírus, um vírus que surgiu na China, em março de 2020.

De início, diziam que a pandemia iria demorar apenas 15 dias, porém com o passar do tempo todas as escolas, como modo de prevenção, resolveram suspender as aulas.

Alunos e professores até que gostaram da folga que iriam ter nesses 15 dias, no entanto, a doença se tornou cada vez mais grave e aquilo que duraria dias, foi durando anos. O mundo vivia um medo conjunto de um vírus terrível que adentrava as casa, atacava as pessoas de todas as idades e matava em pouco tempo.

A professora ainda tentou resistir morar em Caucaia, porém como esta professora não constituía família e morava sozinha, ela decidiu ir morar no sertão ipuense, com seus pais idosos, na sua casa de infância.

A professora começou a se sentir muito sozinha pois estava sem seus alunos e vivendo um isolamento social, daí então a tecnologia proporciona, através de ferramentas da informática, as aulas remotas.

Agora, a professora de Artes passou a se sentir feliz, pois podia se manter conectada com seus alunos, conseguindo assim seguir com suas aulas, porém ela decidiu dar aula de desenho de forma remota, mas ela sentiu dificuldades de explicar, o que é desenhar?

As aulas remotas os ligavam a partir de uma linha que se chamava internet, mas essa forma de ensinar mantinha um distanciamento no qual a professora de Artes não conseguia guiar os alunos e nem se aproximar para tentar explicar.

Até que um belo dia um de seus alunos lhe mostrou um gato, o outro mostrou um pássaro, o outro mostrou seu cão e o outro mostrou seu rato. E lá do sertão, a professora mostrou um pato.

Ao terminar a aula, a professora foi planejar e de longe ela tinha vontade de apreciar melhor os animais de estimação dos seus alunos, mas como o distanciamento social não permitia ela começou a pensar e chegou a conclusão que a partir daquela ligação ela deveria se aproximar ainda mais dos bichos que fazem parte do sertão.

Quiçá eles lhe dirão como explicar o que é desenhar?

Um belo dia ela estava sentada debaixo de uma árvore a pensar e viu um passarinho

saindo do ninho. Ele foi direto ao chão e começou a bibicar e a cada passada que dava, ele deixava uma marcação e a partir de cada pisada a professora viu que no chão ele desenhava.

Depois ela pôs-se a observar o caminhar das vacas e descobriu que sempre que elas passavam o seu peso pressionava o chão e elas desfilavam a desenhar no caminho, bem devagarinho.

Em outro dia observou que o gatinho ao tomar seu leitinho molhou o seu pezinho e ao caminhar manhoso com o bucho bem pomposo começou a deixar no cimento da cozinha as marcas de suas patinhas.

O ganso valentão com seus dedos em forma de leque passeava no terreiro e com a sua fricção também desenhava o chão na areia do oitão deixando sua animação.

A professora vendo aquilo entendeu que desenhar pode ser um friccionar e pegou o seu dedo indicador e encostou na areia frouxa ao redor do açude e fez um ponto que ao deslizar, transformou-se numa linha e com a continuação fez no chão o desenho de uma flor.

E num certo dia, num encontro bem animado, a professora explicou ao grupo o que é desenhar e cada um em suas casas deixou o medo de lado e pegando o material adequado começaram a rabiscar.

Com o passar dos dias, cada um se apresentou através dos lindos desenhos que nas aulas foram produzidos.

A Karen nos mostrou que sua casa é colorida.



Figura 71 - Karen Cristina Pereira Gonçalves. 6º ano A/Desenho 3. Fonte: arquivo da autora (2021).

E que sua mãe tem nome de flor.

Karen Cristina Pereira Gonçalves 6º Ano A D2  
Margarida



Figura 72 - Karen Cristina Pereira Gonçalves. 6º ano A/Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

Pois ela se chama Margarida.

Isabel tem olhos grandes.



Figura 73 - Maria Isabel Lima dos Santos. 6º ano A/Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

E usa flor no cabelo.



Figura 74 - Maria Isabel Lima dos Santos. 6º ano A/Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

E mora numa casa duplex.

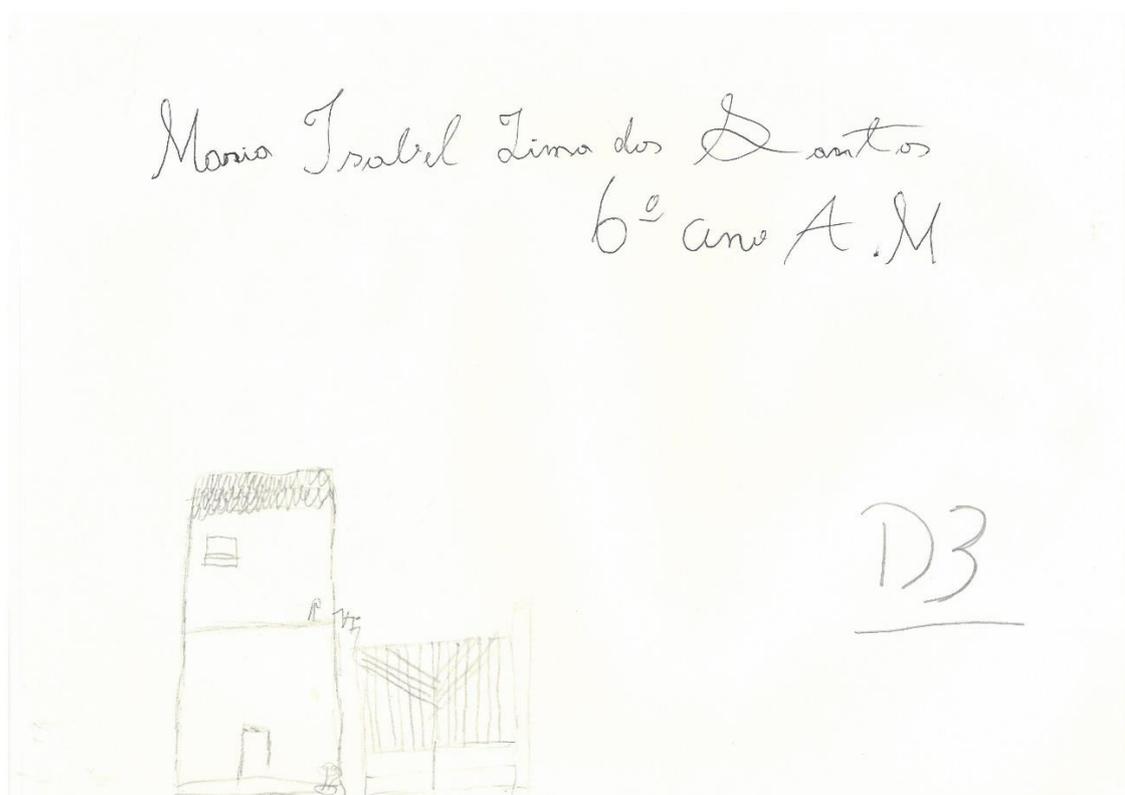


Figura 75 - Maria Isabel Lima dos Santos. 6º ano A/Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

E tem a Lola em seu viveiro.

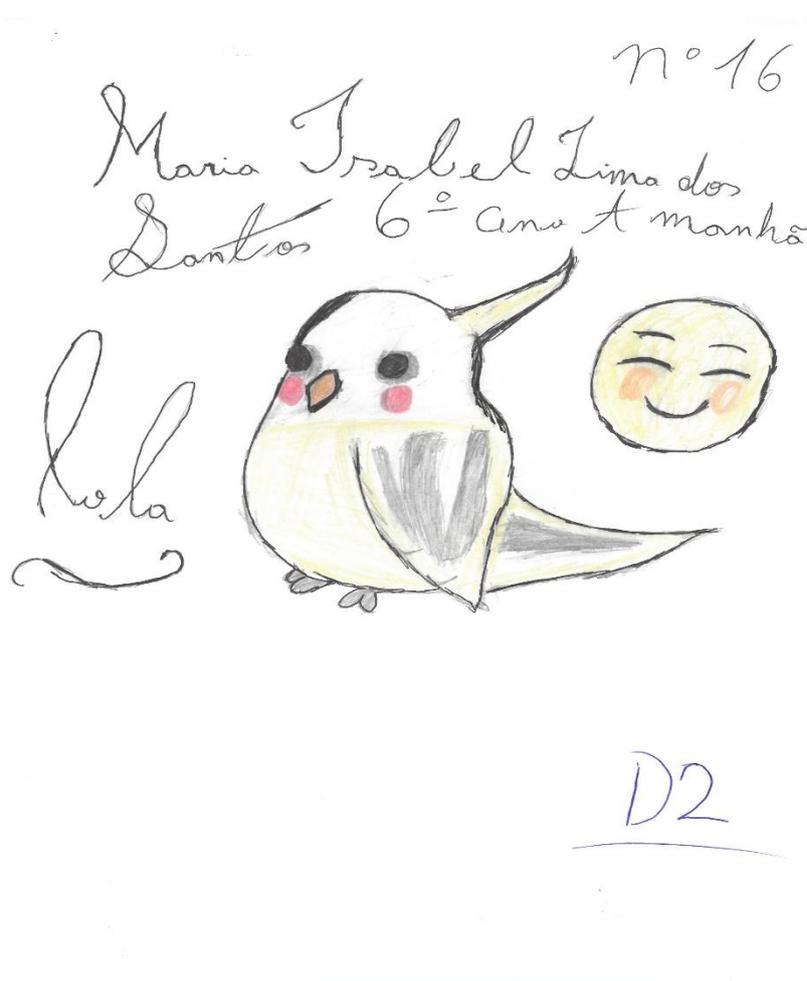


Figura 76 - Maria Isabel Lima dos Santos. 6º ano A/Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

A casa duplex da Lumenna é a mesma da Isabel.

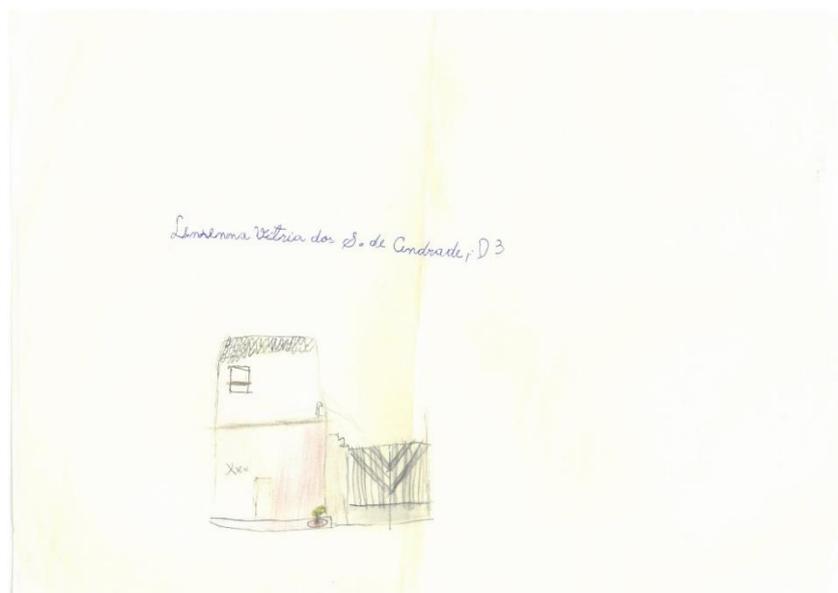


Figura 77 - Lumena Vitoria S. Andrade. 6º ano b/Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

E em tempo de pandemia elas dividiram o álcool gel e para ajudar nas aulas remotas, dividiam a internet numa linda partilha que a proximidade lhes proporciona.

A Lumenna é vaidosa e também usa flor no cabelo.



Figura 78 - Lumenna Vitoria dos S. De Andrade. 6º ano B/Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

Ela, às vezes, é calada.



Figura 79 - Lumena Vitoria dos S. De Andrade. 6º ano B/Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

Mas observa o mundo inteiro.

Em tempos de pandemia, a arte chega pra lhe instigar e foi na obra de Tarsila do Amaral que ficou a curiar.



Figura 80 - Matheus Gabriel da Silva Costa, 6º ano A/ Desenho D5. Fonte: arquivos da autora (2021).

A família do Gabriel é grande.

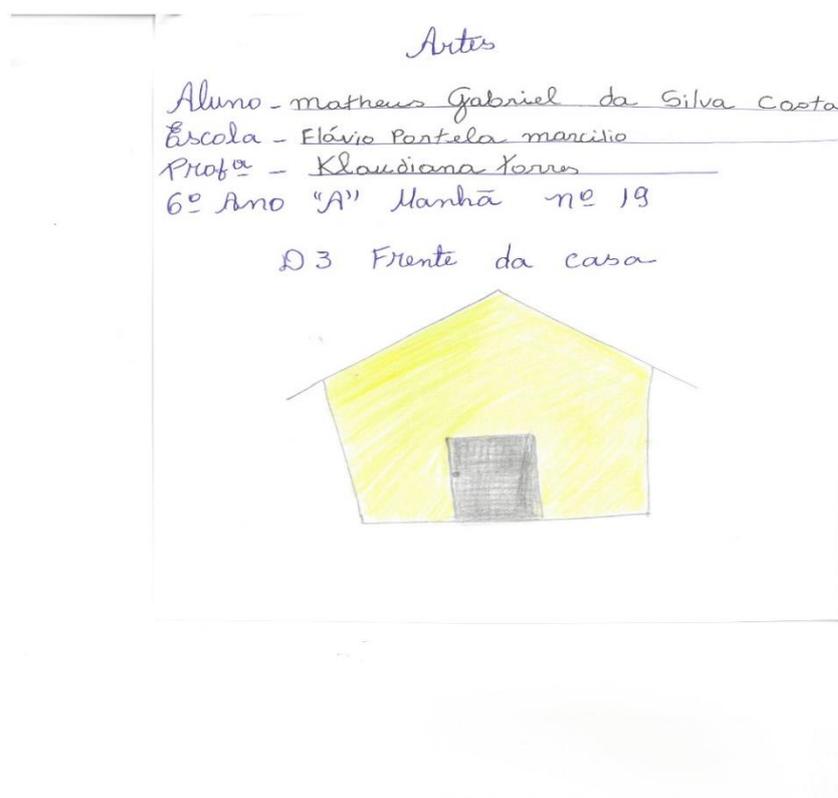


Figura 81 - Matheus Gabriel da Silva Costa, 6º ano A/ Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

Mas cabem todos em sua casa amarela.

A Natasha é sorridente.

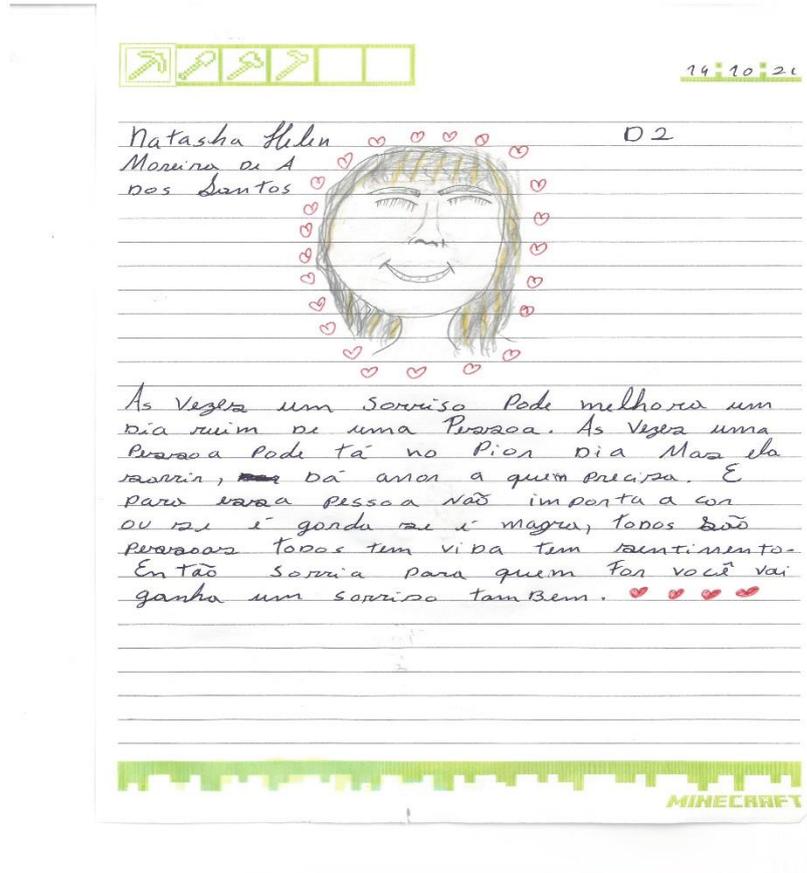


Figura 82 - Natasha Helen Moreira dos Santos, 6º ano A/ Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

Sua casa é pequena, mas comporta muita gente. E sua mobília é completa com fogão, geladeira, cama, mesa e sofá.

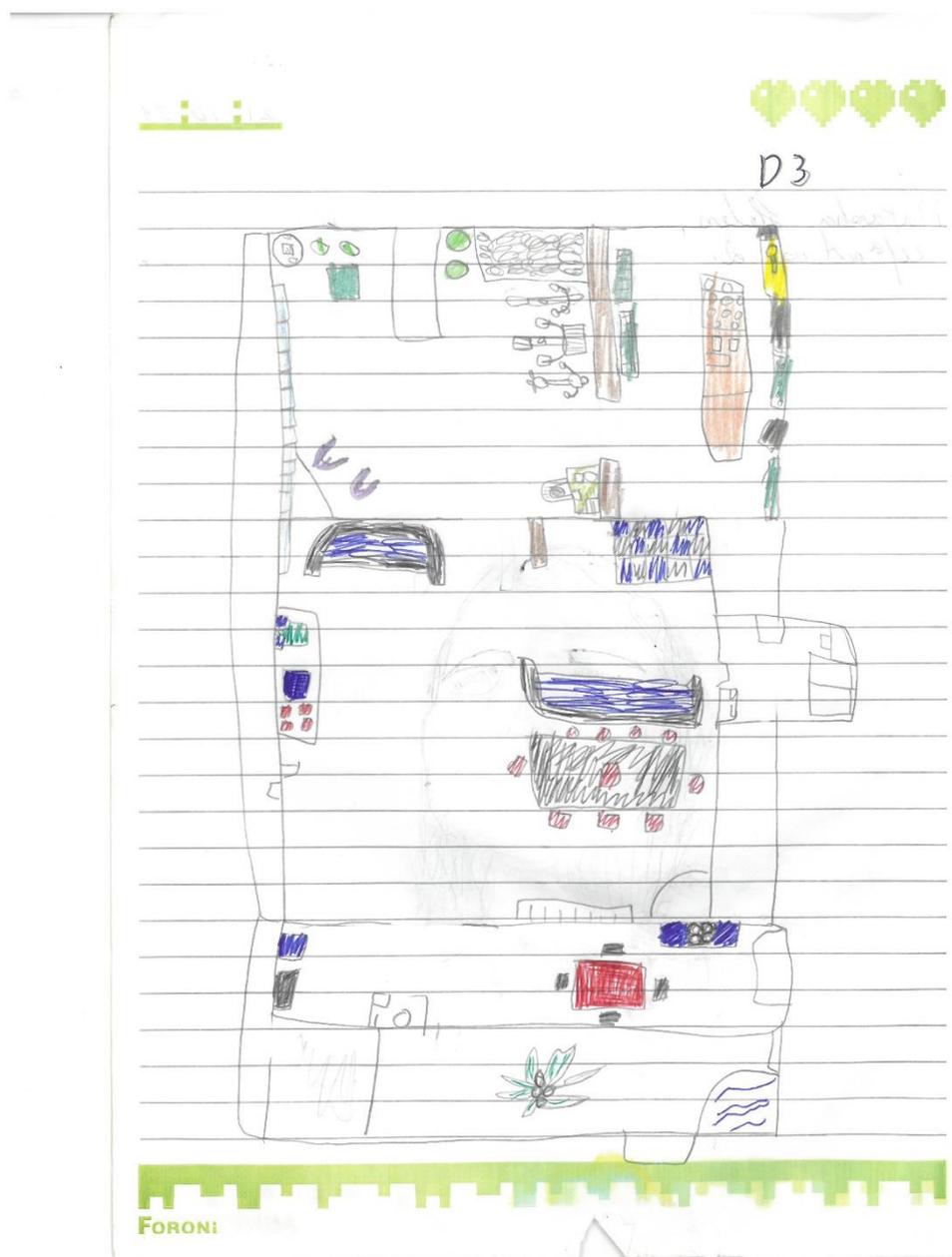


Figura 83 - Natasha Helen Moreira dos Santos, 6º ano A/ Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

E tem também umas plantinhas para a casa enfeitar.

A sua árvore é bem grande.

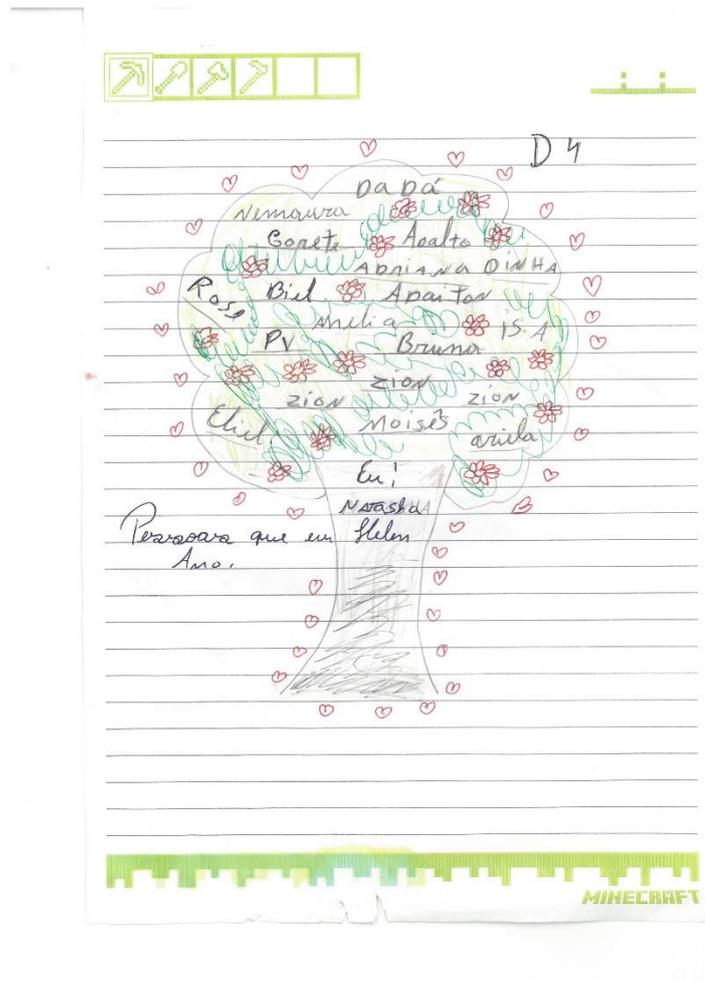


Figura 84 - Natasha Helen Moreira dos Santos, 6º ano A/ Desenho 4. Fonte: arquivos da autora (2021).

Florida e cheia de amor.

Já a casa do Yan tem duas árvores bem frondosas.



Figura 85 - Yan Pietro de Nojosa Alves, 6º ano A/ Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

Mas a sua árvore preferida, é a que ele joga bola.

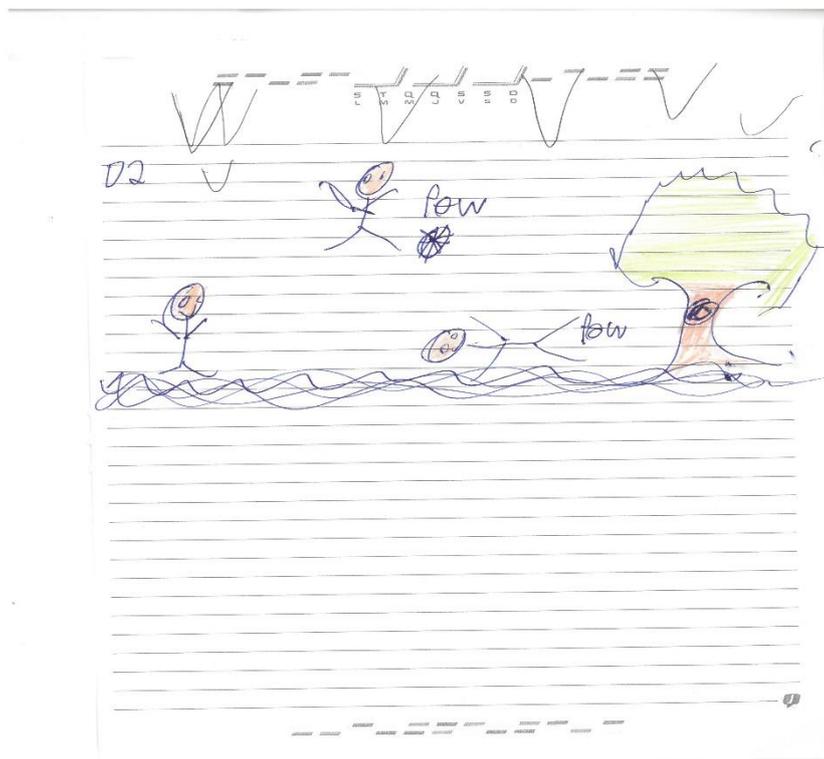


Figura 86 - Yan Pietro de Nojosa Alves, 6º ano A/ Desenho 2. Fonte: arquivos da autora (2021).

E ele tem os olhos bem vivos que se parecem dois anéis.

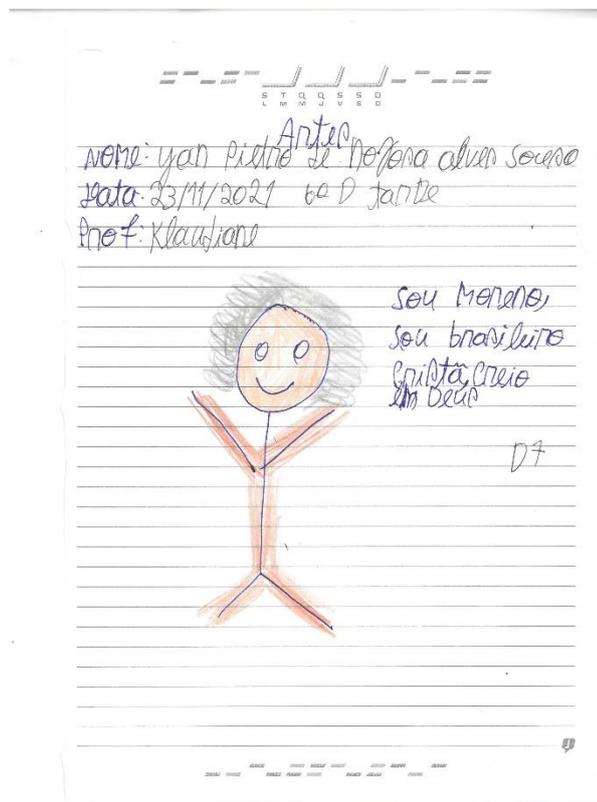


Figura 87 - Yan Pietro de Nojosa Alves, 6º ano A/ Desenho 3. Fonte: arquivos da autora (2021).

E tem uma cor de amoras colorida no papel.

A Maria é branquinha.

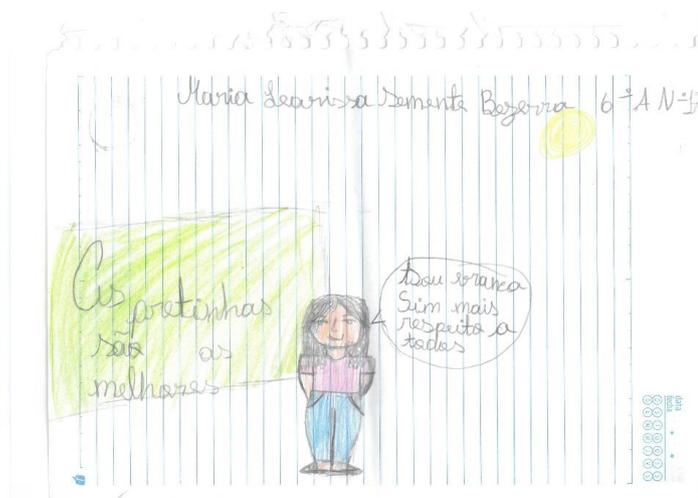


Figura 88 - Maria Larissa Semente Bezerra, 6º ano A/Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

Mas recomenda as pretinhas e respeita toda gente.

E para finalizar a apresentação, o Yago manda para o sertão, através da *internet*.

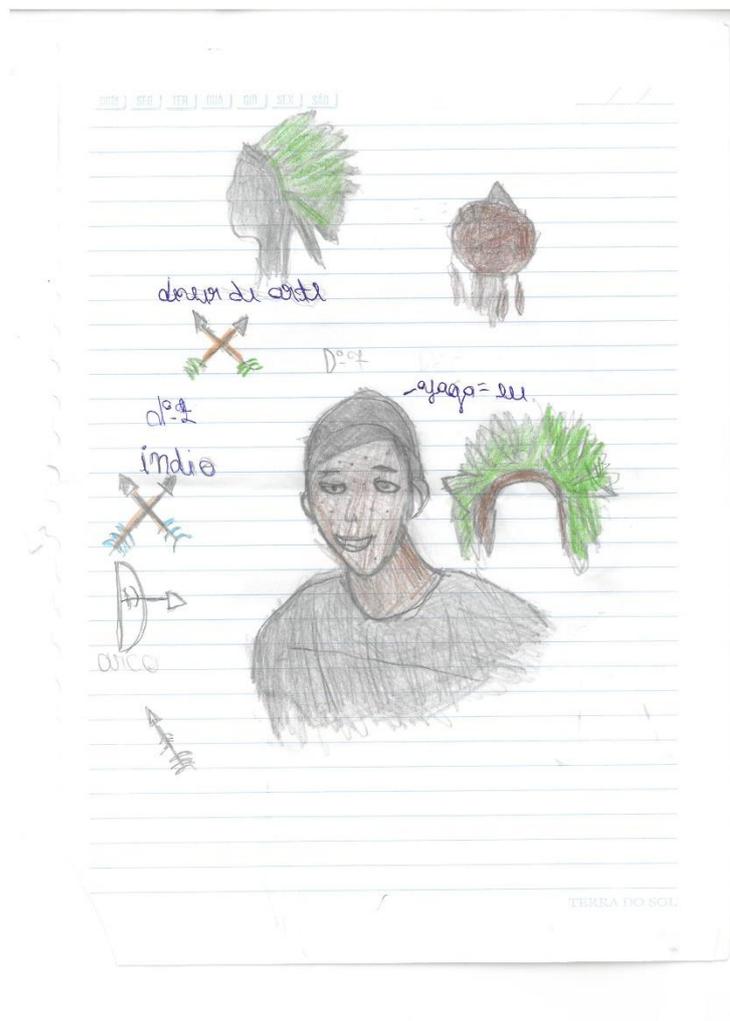


Figura 89 - Yago Rodrigues Veras, 6º ano B/ Desenho 7. Fonte: arquivos da autora (2021).

O seu chapéu bem bonito que é chamado de cocar, enfeitado com a beleza dos bichos que povoam o seu lugar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir uma narrativa (auto)biográfica com alunos de 6º anos de uma escola pública de Caucaia, levou-me a observar mais o espaço no qual estou inserida desde a minha infância aos dias atuais, mantendo uma escuta cuidadosa e sensível a um tempo que só a própria criança pode nos proporcionar. Narrar junto com meus alunos foi dar a criança que ainda existe em mim através de lembranças, a oportunidade de se contar, reconhecendo que assim como a minha história, as histórias dos meus alunos são também importantes, são experiências únicas, pois cada um de nós tem a nossa forma de espisar, de sentir e de narrar. Proporcionar aos alunos a oportunidade de se contar é proporcionar-lhes serem autores, artistas e ilustradores de suas próprias histórias.

Nesse encontro comigo mesma e com meus alunos, foram produzidos desenhos que narram as histórias de vida mostrando o que cada um de nós tem de importante a ser dito ao conhecimento social, cultural e histórico.

Nos nossos encontros aconteceram algumas dificuldades decorrentes do modo novo de darmos aulas. De início, alguns alunos se intimidaram e só se apresentaram através de áudio e alguns poucos alunos começaram participando com brincadeiras desagradáveis que inicialmente senti dificuldade em controlar, pois a entrada e saída da sala virtual era acessada a partir de uma senha exposta no grupo de *whatsapp* minutos antes do início dos encontros, mas ainda assim essa senha era compartilhada e acabava entrando pessoas que não faziam parte do grupo, com o intuito de atrapalhar. A escuta aos alunos se dava através do microfone do *Google Meet* ou através da escrita no *chat*, logo, esses dois modos por vezes atropelava um pouco a comunicação e abria margem para as pessoas mal intencionadas. Mas com o passar dos dias, isso foi sendo organizado e bem administrado. Outras dificuldades surgiram, como não poder compartilhar uma pasta, desde o início da pesquisa, com materiais adequados para que os desenhos fossem produzidos com a mesma qualidade para todos. Organizar esses desenhos de forma que eu pudesse ter acesso para obter uma impressão de boa qualidade, também foi algo difícil, uma vez que estávamos em distanciamento social. Na tentativa de solucionar a organização e recebimento dos desenhos, pedi para eles criarem um envelope para que pudessem os desenhos produzidos e apresentados nas câmeras e, ao final dos nossos encontros, combinei um dia para que os pais ou responsáveis fossem entregá-los na escola e assinassem o Termo de Consentimento de Imagem, os quais já se encontravam na Secretaria. Peguei os desenhos e levei para serem escaneados e a devolução aconteceu na data agendada também, através dos grupos de *whatsapp*.

A cada encontro eu pedia para que eles marcassem os desenhos definindo-os numa ordem a qual nos pudéssemos separar por temáticas: D1, D2, D3, D4 e D5, mas para a minha surpresa, essa ordem ficou um pouco confusa e não foi obedecida por alguns alunos. Mesmo eu tendo visto na câmera as apresentações e conseguido identificar as temáticas, isso gerou uma certa dificuldade na hora de organizar para apresentá-los aqui, no corpo da pesquisa.

Mesmo com toda dificuldade relacionada à internet e aparelhos eletrônicos adequados, a participação foi de forma empolgante e o grupo se manteve sempre muito atento às ações ministradas, e as pessoas que de início entraram para atrapalhar, acabaram sem espaço, pois a ARTE tomou de conta do ambiente, sendo sempre mais atrativa do que qualquer brincadeira paralela.

Mesmo com as dificuldades surgidas pela diversidade de salas de aulas que foram sendo distribuídas por variados cômodos das casas de cada participante que se estendia desde ambientes como quartos, salas, mesas nas cozinhas e cadeiras compartilhadas com bebês que iam sendo cuidados pelas crianças no período da produção dos desenhos, nada retirou a felicidade que cada um apresentou no decorrer dos encontros.

Minhas salas também apresentaram cenários diferentes. Em alguns encontros eu estava na casa dos meus pais no sertão, em outros, estive no meu atelier em Fortaleza. Vivemos esta mobilidade que só as aulas remotas puderam nos proporcionar.

A cada desenho produzido eu colocava músicas que serviam como instrumento de inspiração para que eles pudessem se concentrar no fazer, e através das músicas, eu pude sentir a ocupação do vazio que existia recorrentemente no distanciamento de espaço físico entre nós. Enquanto eles produziam e ouvíamos as músicas, eu fazia as minhas considerações no meu caderno.

No nosso último encontro, enquanto eles produziam os seus autorretratos, eu me perguntava se tinha valido a pena fazer uma pesquisa à distância. Eu me perguntava também se tinha conseguido atingir o meu objetivo. Se os desenhos iam chegar até mim para que eu fizesse uma análise detalhada, se os desenhos eram satisfatórios. Eu me perguntei também sobre fazer o bem, sobre ser justa, sobre partilhar.

Quando de repente meu *notebook* tocou, sem estar programado, a música: *What a Wonderful World*, performada por Louis Armstrong. Fui pesquisar a tradução para o português e me deparei com esta letra:

EU VEJO O VERDE DAS ÁRVORES, ROSAS, VERMELHAS TAMBÉM;  
EU AS VEJO FLORECER PARA MIM E PARA TI

E EU PENSO COMIGO MESMO: QUE MUNDO MARAVILHOSO!  
 EU VEJO O CÉU AZUL E O BRANCO DAS NUVENS  
 O BRILHO DO DIA ABENÇOADO E O ESCURO DA NOITE SAGRADA  
 EU PENSO COMIGO MESMO QUE MUNDO MARAVILHOSO!  
 AS CORES DO ARCO-IRIS TÃO LINDAS NO CÉU  
 ESTÃO TAMBÉM NOS ROSTOS DAS PESSOAS QUE PASSAM  
 EU VEJO AMIGOS APERTANDO AS MÃOS  
 PERGUNTANDO “COMO VAIS TÚ?”  
 ELES ESTÃO REALMENTE A DIZER “EU ADORO-TE”  
 EU OUÇO O CHORO DAS CRIANÇAS, EU VEJO-AS CRESCER  
 ELAS VÃO APRENDER MUITO MAIS DO QUE EU JAMAIS SABEREI  
 E EU PENSO COMIGO MESMO: QUE MUNDO MARAVILHOSO!  
 AS CORES DO ARCO-IRIS TÃO LINDAS NO CÉU  
 ESTÃO TAMBÉM NOS ROSTOS DAS PESSOAS QUE PASSAM  
 EU VEJO AMIGOS APERTANDO AS MÃOS, PERGUNTANDO “COMO VAIS  
 TU?”  
 ELES ESTÃO REALMENTE A DIZER “EU ADORO-TE”  
 EU OUÇO O CHORO DAS CRIANÇAS EU VEJO-AS CRESCER  
 ELAS VÃO APRENDER MUITO MAIS DO QUE EU JAMAIS SABEREI  
 E EU PENSO COMIGO MESMO: QUE MUNDO MARAVILHOSO!  
 OH SIM EU PENSO COMIGO MESMO  
 QUE MUNDO MARAVILHOSO!  
 OH SIM! (What, online).

A letra dessa música surge aqui como instrumento de fortalecimento de desejo de continuar a pesquisa, de continuar na profissão de Professora. Em seguida as minhas reflexões, abrimos as câmeras para olharmos os desenhos dos autorretratos, por um curto espaço de tempo, eu me decepcionei achando que não tinha atingido o grande final. Mas ao nos despedirmos, vi o grande final no sorriso feliz de cada um deles, na fala saudosa e repleta de agradecimento. Daí senti que a pesquisa não se tratava de um grande final, mas de um processo que foi sendo construído no decorrer de cada encontro, de cada desenho produzido.

Ao receber os desenhos tive a certeza das potentes narrativas que conseguimos criar e a partir da análise dos desenhos, pudemos observar a importância transgeracional entre mim e meus alunos(as) identificando os elementos existentes no diálogo que identifica os elementos comuns e os que divergem na minha criança do passado e o atual momento dos meus alunos. Apesar do direcionamento que as crianças tiveram, observou-se, muitas vezes, o silenciamento da fala devido ao ambiente repleto de adultos, porém o que foi silenciado na fala foi expresso

através do desenho, conferindo a esta linguagem sua importância expressiva e a necessidade de se valorizar e incentivar o desenho no ensino fundamental 2, momento em que a grande maioria das crianças para de desenhar.

Conclui-se a partir desta pesquisa que não é fácil trabalharmos a disciplina de Artes de forma remota, mas vale ressaltar que as dificuldades, as curiosidades, a insegurança e os medos que circundaram nossas salas de aulas - casa, acabaram nos proporcionando trocas de experiências tão potentes quanto os próprios desenhos produzidos.

Nesta pesquisa (auto)biográfica aprendemos que o Professor/Artista tem que acreditar mais nas crianças enquanto autoras de suas próprias histórias e que essas histórias têm muito a nos contar enquanto pesquisadores. Todo conhecimento do professor tem que partir do universo dos alunos, do local de onde eles se encontram, reconhecendo quem são esses alunos e para isso precisamos conhecer o local onde eles estão, as suas realidades, os seus linguajares, as suas ânsias, os seus campos de conhecimento e é dessa forma que o desenho nos permite identificar esses elementos identitários numa comunicação que supera todos os tabus que porventura silenciariam os alunos no seu dia a dia.

Se nós educadores nos colocarmos no sentido de autorizar as crianças a serem quem verdadeiramente são, estaremos trabalhando o conhecimento escolar com as crianças e não para as crianças, pois dessa forma estaremos respeitando o ponto de partida do educando, numa constante troca de experiências de vida.

Conclui-se também que apesar das dificuldades em ministrar encontros remotos, as aulas de Artes foram encontros felizes, pois a dimensão autobiográfica criou vínculos de afeto entre professora e alunos, espaço precioso de diálogo e troca de experiências subjetivas tendo o desenho como elemento formativo e elo de comunicação e construção de si, dando significado ao vivido mesmo em momentos tão difíceis.

Mergulharmos nesta pesquisa é, ao mesmo tempo, darmos um mergulho numa experiência que é/foi vivida e contada de forma única pela criança que olha e enxerga um mundo novo e extremamente curioso aos olhos de quem pesquisa.

Abrirmos espaço para a escuta da criança nos ajuda a reconhecê-la enquanto participante ativa da sociedade e o melhor espaço que podemos proporcionar é o da Arte/educação, pois é ele que estimula o sentir e o perceber da criança autora dando assim, um sentido pessoal para a vida.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Francisco de Assis. **Brincar de Quê?** Ilustrações de Klaudiana Torres. Fortaleza: SEDUC, 2012. Disponível em: [https://5ca0e999-de9a-47e0-9b77-7e3eeab0592c.usrfiles.com/ugd/5ca0e9\\_c3cdec33afbd4fa9b22a8e99579b019e.pdf](https://5ca0e999-de9a-47e0-9b77-7e3eeab0592c.usrfiles.com/ugd/5ca0e9_c3cdec33afbd4fa9b22a8e99579b019e.pdf). Acesso em: 10 out. 2023.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>. Acesso em: 6 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 14 nov. 2022.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu.** 10ª Ed. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. *In:* LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley (Orgs.). **Psicologia social: O homem em movimento.** 14. ed. São Paulo: Brasiliense: 2012, pp. 58-75.
- DERDYK, Edith. **Disegno. Desenho. Desígnio.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana.** São Paulo: Scipione, 1990.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil.** São Paulo: Scipione, 1989.
- DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Espectador.** São Paulo, 2003.
- DESGRANGES, Flávio. Quando Teatro e Educação Ocupam o mesmo Lugar no Espaço. **Inerte – Instável Núcleo de Estudos de Recepção Teatral.** São Paulo: USP, 2004. Disponível em: [https://inerte.eca.usp.br/sites/default/files/media/paper/quando\\_teatro\\_e\\_educacao\\_ocupam\\_o\\_mesmo\\_lugar\\_no\\_espaco.pdf](https://inerte.eca.usp.br/sites/default/files/media/paper/quando_teatro_e_educacao_ocupam_o_mesmo_lugar_no_espaco.pdf). Acesso em: 21 ago. 2023.
- DESLANDES, Suely. **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade.** Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). Petrópolis: Vozes, 1992.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51 set.-dez, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto.** Natal: EDUFRRN, São Paulo: Paulus, 2008.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que Arte/educação?** Campinas: Papyrus, 2012.

EMICIDA, **Amoras**. Ilustrações: Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FERREIRA, Francisca. **Iracema Curuminha**. Ilustrações: Klaudiana Torres. Fortaleza: SEDUC, 2013.

GONZALES, Bianca. **Um Sentimento Chamado Casa**. Fortaleza, 2013.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo**: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional. 2016. 346f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19338>. Acesso em: 16 ago. 2023.

GOLDBERG, Luciane; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo. **Revista da Humanidades**, v. 32, n. 2, p. 172-179. Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6284856>. Acesso em: 3 out. 2023.

GOLDBERG, Luciane. Da potência narrativa do desenho infantil para a pesquisa (auto)biográfica com crianças. **Revista @ambiente educação**, v. 12, n. 2 (2019): Mai. / Ago. - 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/719>. Acesso em: 10 fev. 2023.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo**: desenho infantil e biografização. Curitiba: CRV, 2021.

HAUSER, Arnold. **A História Social da Arte e Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LOWENFELD, Viktor & BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MCLAUGHLIN, Tom. **A Máquina de Histórias**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014

MELO, Ronaldo. **Zé Cassimiro, o Vaqueiro**. Ilustração: Klaudiana Torres. Fortaleza: SEDUC, 2018. Disponível em: <https://domainpublic.files.wordpress.com/2022/06/cassimiro-o-vaqueiro-min.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

MELLO, Thiago de. **Faz escuro, mas eu canto**. São Paulo: Global: [s.d]. [E-book]. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Faz\\_escuro\\_mas\\_eu\\_canto/rh83DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Faz_escuro_mas_eu_canto/rh83DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover). Acesso em: 20 jun. 2022.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Pesquisa (auto)biográfica em Educação: Infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares.** Natal: EDUFRN, 2018. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/57855/1/Pesquisa%20auto%20biogr%C3%A1fica%20de%20crian%C3%A7as%20-%20alguns%20pontos%20de%20an%C3%A1lise.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. *In: MIGNOT, Ana Chrystina; PASSEGGI, Maria da Conceição, SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). Infância, aprendizagem e exercício da escrita.* Curitiba: CRV, 2014.

PERALTA-CASTELL, Cleusa. **Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho trans estético para o currículo integrado.** Rio Grande: FURG, 2012.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança.** Rio de Janeiro, 1966.

SANTOS, Michele Idaia; RICHTER, Sandra Simonis. A criança e a ação narrativa de desenhar. *In: ANPED SUL 2010. Formação, Ética e Políticas: Qual Pesquisa? Qual Educação?*, 2010, Londrina. **Anais (...).** ANPED Sul. Londrina - PR: Universidade Estadual de Londrina, 2010. p. 1-15.

SARMENTO, Manuel. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. *In: FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias (Org.). Das pesquisas com crianças à complexidade da infância.* Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio epistemológica da Arte/Educação. *In: Reunião Anual da ANPED*, 2007. Disponível em: [http://30reuniao.anped.org.br/grupo\\_estudos/GE01-3073--Int.pdf](http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3073--Int.pdf). Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUSA, Cristiane. **Arraial da Bicharada.** Ilustrações de Klaudiana Torres. Fortaleza: SEDUC, 2015.

ST. PIERRE, E.A. Post Qualitative Inquiry: the next generation. *In: DENZIN, N.K.; GIARDINA, M.D. Qualitative Inquiry in neoliberal times.* pp. 37-47. New York: Routledge, 2017.

TORRES, Klaudiana Viana. **O Rei e a Flor Amarela.** Fortaleza: SEDUC, 2015.

VELARDI, Marília. **Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa.** São Paulo, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/40646>. Acesso em: 19 nov. 2023.

WHAT a wonderful wolrd. Criação e composição: Bob Thiele e George David Weiss (1967). Performance de Luis Armstrong em 1968. 1 Vídeo (2 min e 29). Publicado pelo canal Soulful Sounds. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VqhCQZaH4Vs>. Acesso em: 20 nov. 2023.